

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA**

**LAYLA TONON REIS**

**ANÁLISE DISCURSIVA DA REPRESENTAÇÃO DA MULHER NO GUIA  
*POLITICAMENTE INCORRETO DOS PRESIDENTES DA REPÚBLICA*, DE PAULO  
SCHMIDT**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Letras, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

Orientador: Rony Petterson Gomes do Vale

**VIÇOSA - MINAS GERAIS  
2024**

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade  
Federal de Viçosa - Campus Viçosa**

T

R375a  
2024  
Reis, Layla Tonon, 1998-  
Análise discursiva da representação da mulher no guia  
politicamente incorreto dos presidentes da República, de Paulo  
Schmidt / Layla Tonon Reis. – Viçosa, MG, 2024.  
127 f.: il.

Inclui anexos.

Inclui apêndices.

Orientador: Rony Petterson Gomes do Vale.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa,  
Departamento de Letras, 2024.

Referências bibliográficas: f.88-93.

DOI: <https://doi.org/10.47328/ufvbbt.2024.269>

Modo de acesso: World Wide Web.

1. Análise do discurso. 2. Representações sociais.  
3. Schmidt, Paulo, 1964-2021 - Guia politicamente incorreto dos  
presidentes da República - Crítica e interpretação. I. Vale, Rony  
Petterson Gomes do, 1979-. II. Universidade Federal de Viçosa.  
Departamento de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras.  
III. Título.

CDD 22 ed. 401.21

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA


LAYLA TONON REIS

**ANÁLISE DISCURSIVA DA REPRESENTAÇÃO DA MULHER NO GUIA  
POLITICAMENTE INCORRETO DOS PRESIDENTES DA REPÚBLICA, DE PAULO  
SCHMIDT**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Letras, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.


APROVADA: 15/03/2024

Assentimento:

Documento assinado digitalmente  
 LAYLA TONON REIS  
Data: 15/07/2024 12:37:13-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Layla Tonon Reis  
Autora

Documento assinado digitalmente  
 RONY PETERSON GOMES DO VALE  
Data: 15/07/2024 14:07:05-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Rony Peterson Gomes do Vale  
Orientador

*Para os que sempre estiveram comigo.*

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a Deus e ao universo, que sempre me permitiram estar nos lugares e nos momentos certos, mesmo quando eu não tinha certeza das minhas escolhas.

Aos meus pais, Vanildo e Isabel, a meu irmão, Rodrigo, e à minha amiga-irmã Alícia Agnes pelo suporte e paciência incondicionais. Eu sei que deveria ter visitado mais vezes.

À cidade de Viçosa, que me proporcionou momentos e pessoas inesquecíveis, em especial Amanda, Bárbara, Gustavo, Janice, Júlia, Laís, Laviny, Luana, Marina e Vitória. Levarei vocês comigo para sempre, obrigada por tudo.

Ao Coral Voix-là, que me ensinou a nunca ter vergonha de me expressar e de ser eu mesma.

Às “Sadoninhas” Karina e Laís, que me ajudaram a manter a calma e uma rotina mais saudável neste período tão intenso.

A todos os meus professores. Vocês são minha inspiração.

Ao professor Rony Petterson, por todas as oportunidades, orientações e pela confiança. Sinto-me honrada por ter tido a chance de ser sua orientanda desde a Iniciação Científica. Obrigada pelos ensinamentos.

À equipe do Departamento de Letras, pelo acolhimento enquanto aluna e professora.

Aos meus alunos, pelos compartilhamentos.

À Universidade Federal de Viçosa, não apenas pela oportunidade de realizar a pós-graduação, mas também por ter sido minha segunda casa por tantos anos.

A Cícera, minha gata de estimação que não faz ideia da existência deste texto, mas que me recebe na porta toda vez que chego em casa e foi minha companhia durante todo o processo de escrita da dissertação.

Às Mulheres, que lutam diariamente pelo direito de *Ser*.

Por fim, à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão da bolsa de estudos.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

*“Quando uma mulher quer se comportar como um ser humano, é logo tachada de masculina”.*

(Moraes, 2016, p. 16)

## RESUMO

REIS, Layla Tonon, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, março de 2024. **Análise discursiva da representação da mulher no *Guia politicamente incorreto dos presidentes da República*, de Paulo Schmidt.** Orientador: Rony Petterson Gome do Vale.

O seguinte trabalho tem como principal objetivo buscar pela representação da mulher no contexto ficcional do *Guia politicamente incorreto dos presidentes da República*, de Paulo Schmidt. Para isso, dedicamo-nos a uma breve revisão de literatura sobre a mulher ao longo dos principais períodos republicanos do Ocidente (a Antiguidade Clássica, as Revoluções Americana e Francesa, e o Brasil-República) para que pudéssemos compreender os limites entre o real e a ficção do *Guia*. Em seguida, considerando o filtro ficcional promovido pela ótica do autor que propõe uma nova forma de contar a história, discutimos o conceito de politicamente incorreto, o funcionamento da Historiografia Tradicional e a materialidade discursiva do *Guia*. Para análise, apresentamos e descrevemos os aparatos teórico-metodológicos da Teoria Semiolinguística: o funcionamento da situação de comunicação e da Enunciação (Charaudeau, 2016, 2008a; Mello, 2004); reflexões acerca dos gêneros situacionais e conversacionais (Bakhtin, 2016; Charaudeau, 2004; Maingueneau, 1997, 2004, 2006); e a busca por definições e categorias de análise das representações sociodiscursivas (Amossy, 2008, 2011a, 2011b; Charaudeau, 2007, 2008b, 2008c, 2009). No processo de análise do *corpus* proposto, aplicamos as ferramentas de investigação nas cenas referentes ao narrador e nas cenas internas ficcionais que contêm a figura da mulher enquanto enunciadora ou assunto da situação de comunicação. Selecionamos exemplos prototípicos para ilustrar as possibilidades de representação, optando pelas recorrências representativas e suas capacidades linguístico-discursivas. Após análise do *corpus*, foi possível identificar marcas de representação da mulher no *Guia* pelo filtro do narrador, pela percepção das outras personagens enquanto ocupantes de papéis sociais e criadores de Imaginários Sociodiscursivos, e pela enunciação das próprias personagens femininas, atingindo o domínio do *ethos*.

Palavras-chave: Análise do Discurso. Representações sociodiscursivas. Gênero discursivo. *Guia politicamente incorreto dos presidentes da República*.

## ABSTRACT

REIS, Layla Tonon, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, March, 2024. **Discursive analysis of the representation of women in Paulo Schmidt's *politically incorrect Guide of the presidents of the Republic***. Adviser: Rony Petterson Gome do Vale.

The following work's main goal is to search for the representation of women in the fictional context of the *Politically Incorrect Guide to Presidents of the Republic*, by Paulo Schmidt. To do so, we developed a brief bibliographic revision about women throughout the main republican periods of the Western world (Classical Civilization, the American and French Revolutions, and the Brazilian Republic) so that we could understand the limits between the reality and the fiction of the *Guide*. Then, considering the fictional filter promoted by the author's perspective that proposes a new way of telling the History, we discussed the concept of Politically Incorrect, the functioning of Traditional Historiography and the discursive materiality of the *Guide*. For the analysis, we presented and described the theoretical-methodological apparatuses of Semiolinguistic Theory: the functioning of the communication situation and Enunciation (Charaudeau, 2016, 2008a; Mello, 2004); reflections on situational and conversational genres (Bakhtin, 2016; Charaudeau, 2004; Maingueneau, 1997, 2004, 2006); and the search for definitions and categories of analysis of socio-discursive representations (Amossy, 2008, 2011a, 2011b; Charaudeau, 2007, 2008b, 2008c, 2009). In the process of analyzing the *corpus*, we applied the research tools in the scenes referring to the *Guide's* narrator and in the fictional internal scenes that contain the figure of women as the enunciator or subject of the communication situation. We selected prototypical examples to illustrate the possibilities of representation, opting for representative recurrences and their linguistic-discursive capabilities. After analyzing the *corpus*, it was possible to identify marks of representation of women in the *Guide* through the narrator's filter, through the perception of other characters as occupants of social roles and creators of Sociodiscursive Imaginaries, and through the enunciation of the female characters themselves, reaching the domain of *ethos*.

Keywords: Discourse analysis. Sociodiscursive representations. Discursive genre. *Politically incorrect guide of the presidents of the Republic*.

## Sumário

<b>Introdução</b> .....	10
<b>Capítulo 1 A presença da mulher na República: um panorama histórico</b> .....	16
1.1. A mulher nos principais períodos republicanos/democráticos da História do Ocidente .....	17
1.1.1. A mulher na Antiguidade clássica: cidadania e funções sociais.....	17
1.1.2. A mulher e os efeitos das Revoluções Americana e Francesa.....	22
1.1.3. A mulher no contexto social e político da República no Brasil.....	25
<b>Capítulo 2 O Politicamente Incorreto, o Discurso da História e o <i>Guia politicamente incorreto dos presidentes da República</i></b> .....	28
2.1. A Historiografia Tradicional e a Teoria da História .....	29
2.2. O Politicamente correto e o politicamente incorreto .....	31
2.3. A Materialidade discursiva do <i>Guia politicamente incorreto dos presidentes da República</i> .....	35
<b>Capítulo 3 Teoria Semiollingüística, Gêneros situacionais e Representações sociodiscursivas</b> .....	41
3.1. Noções básicas da Teoria Semiollingüística.....	42
3.1.1. Quadros de comunicação .....	43
3.1.2. O Contrato de comunicação.....	45
3.1.3. O modo de organização enunciativo.....	45
3.2. Gêneros discursivos: definições e propostas .....	47
3.3. Representações sociodiscursivas: definições e categorias.....	49
3.3.1. A Heterogeneidade Mostrada .....	49
3.3.2. Estereótipos, imaginários sociodiscursivos e papéis sociais .....	51
3.3.3. <i>Ethos</i> : as imagens de si .....	54

<b>Capítulo 4 Representações da mulher no discurso politicamente incorreto sobre a República: Análise das cenas internas ficcionais do <i>Guia</i></b> .....	57
4.1. A situação de comunicação e a enunciação do <i>Guia</i> .....	58
4.1.1. O narrador .....	58
4.1.2. As cenas internas ficcionais .....	61
4.2. Estratégias de representação da mulher politicamente incorreta .....	65
4.2.1. Autor, narrador e a Heterogeneidade Mostrada .....	65
4.2.2. Os imaginários sociodiscursivos e os papéis sociais das mulheres no <i>Guia</i> .....	67
4.2.2.1. As mulheres dos bastidores .....	67
4.2.2.2. A mulher protagonista e o papel de presidente do Brasil .....	72
4.2.3. A enunciação feminina e o <i>ethos</i> .....	75
4.2.3.1. O <i>ethos</i> da presidente .....	78
<b>Considerações finais</b> .....	81
<b>Referências</b> .....	87
<b>Anexos</b> .....	94
<b>Anexo 1: Cenas do narrador do <i>Guia</i></b> .....	95
<b>Anexo 2: Cenas Internas Ficcionalis</b> .....	99
<b>Apêndices</b> .....	111
<b>Apêndice A</b> .....	112
<b>Apêndice B</b> .....	112
<b>Apêndice C</b> .....	114
<b>Apêndice D</b> .....	117
<b>Apêndice E</b> .....	119
<b>Apêndice F</b> .....	122

# INTRODUÇÃO

Desde a Antiguidade greco-romana até os períodos atuais, as hierarquias de gênero designam papéis sociais próprios do homem ou da mulher. No campo da literatura, por exemplo, Woolf (2014) expõe ser um enigma o fato de que “nenhuma mulher jamais escreveu qualquer palavra de uma literatura extraordinária quando todo homem, ao que parece, é capaz de uma canção ou de um soneto” (Woolf, 2014, p. 34) na Inglaterra Elisabetana. A partir disso, a autora, que busca compreender os enlaces entre “mulher” e “ficção” (tanto na escrita feminina quanto na forma como as mulheres são encontradas nas histórias), compreende, através dos escritos de Trevelyan que, em 1470, a violência contra esposas e filhas era direito reconhecido do homem, assim como o casamento arranjado, o qual “não era uma questão de afeição pessoal, mas de cobiça familiar, particularmente nas altas classes cavalheirescas” (Woolf, 2014, p. 34). Por causa desses (e outros) fatores em relação ao direito da mulher, declarou-se ser “impossível que alguma mulher no passado, presente ou futuro tivesse a genialidade de Shakespeare” (Woolf, 2014, p. 36), pois a ela era negada a educação formal que não fosse voltada para o matrimônio. Até mesmo considerando as personagens ficcionais da época: Lady Macbeth (Shakespeare), por exemplo, possuía monólogos e diálogos que, mesmo tendo em conta seu nível de nobreza, dificilmente seriam proferidos por mulheres reais sem haver resistência masculina. E isso também se refletia em outras partes da vida social da mulher, como, por exemplo, no âmbito histórico-político.

À luz disso, no âmbito histórico-político, Perrot (2005, p 198) afirma que “os materiais utilizados pelos historiadores [...] são o produto de homens que têm o monopólio da escrita tanto quanto da coisa pública”, pois às mulheres era associado o cuidado com o lar e com a família. A justificativa que se dava a esse monopólio dos homens do espaço público e, conseqüentemente, às restrições atribuídas às mulheres, muita das vezes, estava baseada no ponto de vista biológico. Wollstonecraft (2016, p. 26) explica que, “no ordenamento do mundo físico, observa-se que a fêmea, sob o ponto de vista da força, é, em geral, inferior ao macho”. Por sua vez, n’*O segundo sexo*, Simone de Beauvoir explica que

o termo ‘fêmea’ é pejorativo, não porque enraíza a mulher na Natureza, mas porque a confina no seu sexo. E se esse sexo parece ao homem desprezível e inimigo, mesmo nos bichos inocentes, é evidentemente por causa da inquieta hostilidade que a mulher suscita no homem; entretanto, êle (sic) quer encontrar na biologia uma justificação desse sentimento (De Beauvoir, 1970, p. 25).

Como é possível observar, as autoras dialogam e indicam a existência de uma atribuição da inferioridade biológica da mulher em relação ao homem, muitas vezes associada à força

física, vista socialmente como sinônimo de proteção e utilizada como argumento para atingir o poder e manter-se no governo<sup>1</sup>. Entretanto, Melo & Thomé (2018, p. 30) explicam que “o gênero é o produto social que atribuímos à noção de sexo biológico, [ou seja], são características e papéis imputados socialmente”, o que corrobora a confirmação de que ficção, história, biologia e sociedade formam a ideia do que é “ser” homem e do que é “ser” mulher. Como será exposto adiante, isso desencadeia uma série de situações socialmente desfavoráveis à mulher.

Mais especificamente, assim como em diversas sociedades que antecederam e sucederam a modernidade, período investigado por Woolf (2014), Wollstonecraft (2016) e Beauvoir (1970), a mulher, na verdade, era considerada inferior e usada como “moeda de troca”, sendo que a recusa a essa posição poderia, em determinados contextos, resultar em espancamento validado pela lei. Isso prova que essas relações hierárquicas se encontram em diversas situações como, por exemplo, na vida cotidiana, na representação teatral e, como foco de nossa pesquisa, na política, no que concerne o reconhecimento dos direitos e deveres cidadãos da sociedade e, também, enquanto “fazer político”.

Como será apresentado de forma mais aprofundada posteriormente, na Grécia antiga, mulheres sequer podiam exercer certos direitos cidadãos e, conseqüentemente, políticos. Depois de muito tempo, mesmo após reivindicar a cidadania, elas tiveram seus direitos civis e políticos limitados dentro da sociedade ocidental e ainda era difícil praticá-los até depois de adquiri-los. Nos dias atuais, a mulher ainda enfrenta diversos obstáculos para ingressar na política, e isso apenas contribui para o aumento da desigualdade entre os gêneros no âmbito governamental. Não significa, entretanto, dizer que a imagem da mulher se mostra inexistente ou desimportante no cenário político, mas sim que, por mais que ela se encontre em posições secundárias, trata-se de uma presença de grande influência histórica.

Pensando em termos da História recente da sociedade brasileira, há certos discursos que procuram mostrar a vida pessoal de personagens políticas como, por exemplo, o *Guia*

---

<sup>1</sup> No contexto monárquico, por exemplo, Maquiavel (2010, p. 103), em orientações para o Príncipe, afirma que o governante “deve inspirar temor de tal modo que, se não puder ser amado, ao menos evite atrair o ódio, já que é perfeitamente possível ser temido sem ser odiado”. Esse temor, muitas das vezes, é associado à força física ou bélica.

*politicamente incorreto dos presidentes da República* (doravante *Guia*), de Paulo Schmidt<sup>2</sup>, um modelo de contar a história que geralmente não concerne à Historiografia Tradicional. O livro de Schmidt compõe uma série de livros iniciada em 2009 pelo jornalista Leandro Narloch, livros esses que também carregam o título de *Guia politicamente incorreto* e abordam diversos campos do saber, como a Filosofia (Luiz Pondé), a História e a Economia do Brasil (Leandro Narloch). Em pesquisa anterior<sup>3</sup>, discutimos sobre a ficcionalidade de algumas dessas obras em relação à História e percebemos que a credibilidade das informações pode ser questionada dentro dos próprios textos, indicando que os autores funcionam como um filtro entre a ficcionalidade das obras e a realidade da História, a qual pode ser, por vezes, comprovada pelo contraste com a Historiografia Tradicional, mas outras vezes não, seja pela falta de fontes apresentadas, pela impossibilidade de comprovação das informações ou da forma como as mesmas foram compiladas.

Tendo isso em mente, nossa pesquisa foca na forma como o *Guia*, de Schmidt, representa a figura da mulher, aqui apresentada no singular, pois propõe-se a busca por um perfil geral da categoria a ser analisada, a qual encontra-se nos papéis secundários de mães, filhas, esposas, amantes, etc., cujas recorrências na obra não se desvinculam do contexto político, por mais que sejam encontradas nos *bastidores* da política, com exceção de Dilma Rousseff, primeira e única (até o momento) mulher a exercer a presidência no Brasil. Logo, a figura feminina ocorre de forma direta e indireta no *Guia*, que traz essas aparições através da ótica do autor, o qual traduz-se em narrador (terceira pessoa), e das próprias personagens. Essa proposta de “fazer-história” não é comum da historiografia tradicional, mas sim de um *Discurso da História mais vendido* voltado a um leitor curioso (Mattoso, 1997 *apud* Vale, 2018). Nesse sentido, urge que nos perguntemos se o *Guia* traz representações que corroborem (ou não) as representações presentes na História da República no Ocidente a respeito da mulher.

---

<sup>2</sup> De acordo com a Segunda Orelha do *Guia*, Paulo Schmidt “nasceu em São Paulo e estudou Art & Design em Nova York. É escritor, tradutor e ilustrador. Como editor, publicou livros de Victor Hugo, Alexandre Dumas e H. P. Lovecraft. Entre suas obras destaca-se o primeiro estudo em língua portuguesa sobre o famigerado assassino Jack, o Estripador”. Com informações atualizadas, um *blog* em memória do autor expõe que “em 2018 lançou, pela Harper CollinsBrasil, o livro *Cogumelo Jesus e outras teorias bizarras sobre Cristo*, que discute as muitas visões alternativas sobre a identidade do Filho de Deus. Nesse mesmo ano, recebeu o Prêmio Cepe de Melhor Romance pela obra *Anjo Negro*, o qual, no ano seguinte, ficou entre os finalistas do Prêmio São Paulo de Literatura de 2019. A 04 de junho de 2021 o escritor morreu vítima da doença Covid-19”. Segundo o G1 Bahia, o romancista estava em Salvador e escrevia um livro que comparava o estado da Bahia ao Egito, e também escrevia a biografia do Duque de Caxias. Não há muitas informações adicionais sobre o autor em outras fontes de pesquisa.

<sup>3</sup> “A representação do ‘príncipe’ nos *guias politicamente incorretos*”, pesquisa de Iniciação Científica (IC) realizada de agosto de 2019 até julho de 2020, fomentada pelo CNPQ.

Diante do exposto, o seguinte trabalho de pesquisa tem como objetivo principal analisar, através da Análise do Discurso, mais especificamente da Teoria Semiolinguística, as estratégias linguístico-discursivas presentes no *Guia* para construção das representações sociodiscursivas a respeito da mulher na República brasileira apresentada pelo próprio texto.

Para isso, no capítulo 1, dedicamo-nos a uma breve revisão de literatura sobre a mulher ao longo dos principais períodos republicanos do Ocidente. Apesar dos saltos temporais, por vezes distantes, buscamos compreender o modo como os conceitos e aplicações da cidadania contribuem para que possamos estabelecer os limites entre o real e a ficção do *Guia* considerando os contextos de surgimento da democracia e da república (Antiguidade greco-romana), dos períodos que contribuíram para o retorno dessa forma de governo (Revoluções americana e francesa) e de parte do Brasil-República.

No capítulo 2, ainda considerando o filtro ficcional promovido pela ótica do autor, que propõe uma nova forma de contar a história, buscamos compreender o conceito de politicamente incorreto. Para isso, torna-se necessário adentrar nas definições do que seria o seu contrário (o politicamente correto), suas origens e a relação da terminologia com o conteúdo do *Guia*, que se mostra, de certa forma, *político-ideológica*. Além disso, buscamos compreender os pressupostos da Historiografia Tradicional e da Teoria da História.

Já no capítulo 3, apresentamos e descrevemos os aparatos teórico-metodológicos da Teoria Semiolinguística a serem utilizados em nossa análise. São eles: o funcionamento da situação de comunicação e da enunciação (Charaudeau, 2016, 2008a; Mello, 2004); reflexões acerca dos gêneros situacionais e conversacionais (Bakhtin, 2016; Charaudeau, 2004; Maingueneau, 1997, 2004, 2006); e a busca por instrumentos de análise das representações sociodiscursivas (Amossy, 2008, 2011a, 2011b; Charaudeau, 2007, 2008b, 2008c, 2009).

No capítulo 4, propomos a aplicação dos aparatos teóricos-metodológicos ao *corpus* (vide anexos 1 e 2) depreendido através de recortes do *Guia*. Tal *corpus* é composto por textos que se referem a *cenar internas ficcionais* (Mello, 2004), as quais contêm a figura da mulher enquanto enunciadora ou assunto da situação de comunicação. Dividimos os dados em dois anexos, pois a primeira parte (textos A-Z) refere-se à enunciação do narrador, e a segunda parte (textos 1-78) às demais personagens. Esse capítulo de análise é marcado por

exemplificações prototípicas selecionadas para ilustrar as possibilidades de representação, sem objetivar esgotar todos os excertos do *corpus*. No entanto, é possível encontrar todas as categorias aplicadas individualmente aos textos selecionados nas tabelas apresentadas nos apêndices ao final do trabalho. Essa escolha se justifica pela extensão do *corpus* e pela característica qualitativa da pesquisa. É possível perceber e quantificar as recorrências, mas preferimos focar em suas qualidades linguístico-discursivas.

Por último, nas considerações finais, reconhecemos que o presente trabalho contribui para compreender a representação da mulher no *Guia* através de diferentes estratégias discursivas.

## **CAPÍTULO 1**

# **A PRESENÇA DA MULHER NA REPÚBLICA: UM PANORAMA HISTÓRICO**

## 1.1. A MULHER NOS PRINCIPAIS PERÍODOS REPUBLICANOS/DEMOCRÁTICOS DA HISTÓRIA DO OCIDENTE

As figuras femininas sempre estiveram presentes na história política do ocidente desde seu surgimento e consolidação até os dias atuais, mesmo que nos bastidores da sociedade. O passar dos séculos indica, além da evolução da democracia, grande luta pela reivindicação de direitos, papéis a serem ocupados e desafios enfrentados pelas mulheres em diferentes momentos da história. Investigar como essa “voz” (ainda que limitada) encontra-se inserida nas primeiras experiências cidadãs da Antiguidade clássica, passando pelas Revoluções que reinstauraram a democracia no mundo moderno e influenciaram, inclusive, o Brasil República, possibilita-nos, então, examinar as transformações sociais que moldaram e transformaram as vidas das mulheres no que conhecemos hoje, além de possibilitar um panorama geral para comparação da forma como isso ocorre (ou não) na tentativa de buscar a representação da mulher do *Guia politicamente incorreto dos presidentes da República*, de Paulo Schmidt. Ou seja, objetivamos compreender se o *Guia* reforça ou contraria as representações tradicionais da mulher, justificando a pertinência da realização do seguinte capítulo. A partir disso, reconhecemos a importância da classe das mulheres que, como expõe Riot-Sarcey (2009), deixa de ser individual e passa a ser vista pelo viés da coletividade no que diz respeito, principalmente, aos conceitos de “cidadania” e “poder” nas discussões acerca de gênero e política.

### 1.1.1. A MULHER NA ANTIGUIDADE CLÁSSICA: CIDADANIA E FUNÇÕES SOCIAIS

Atualmente, na maioria dos capítulos dedicados aos tópicos sobre Grécia e Roma antigas em livros didáticos ou conteúdo *online*<sup>4</sup> voltado para o âmbito escolar, é possível encontrar a proposição de que o título de “cidadão” não se estendia às mulheres nesses contextos. Esse acordo<sup>5</sup>, reproduzido socialmente ao longo dos anos e suportado pela Historiografia Tradicional, excluía a mulher da vida política do *berço* da democracia, pois eram considerados cidadãos, e, portanto, detentores do poder e da atividade política, apenas homens

---

<sup>4</sup> Uma breve pesquisa na internet, a partir da expressão “cidadania ateniense”, gerou informações acerca do conceito de cidadania em Atenas condizentes com o senso comum explicitado em nossa pesquisa. Disponível em: <https://www.google.com/search?q=cidadania+ateniense&oq=cidadania+ateniense> Acesso em: 25 jan. 2024.

<sup>5</sup> Termo aqui apresentado desta forma por ter se tornado, no âmbito do ensino e da Historiografia tradicional, uma informação reproduzida e aceita socialmente com o passar dos anos, sem a necessidade de consulta assídua a fontes.

maiores de dezoito anos, nascidos em Atenas, filhos de pai ateniense e mãe cujo pai também o fosse (Baptista, 2014). Essa exclusão cidadã mostra-se, também, destacada em Theml (1998), que afirma que a população de Atenas se dividia em cidadãos, estrangeiros, escravos, mulheres, crianças e velhos. A simples menção às mulheres como parte da sociedade fora do termo “cidadãos” leva à interpretação de que esse direito não era atribuído a elas.

Pesquisas recentes<sup>6</sup>, todavia, indicam que, por mais que houvesse diferença nas funções desempenhadas pelas mulheres, devido às questões de gênero, havia, sim, participação de figuras femininas na *pólis* grega, constituindo-se uma forma de atividade cidadã mesmo que reservada a assuntos religiosos ou familiares (Blok, 2017). Além disso, depois da aplicação da Lei de Cidadania de Péricles em meados do século V (Blok, 2017), tornou-se obrigatório que ambos os pais fossem atenienses para que o indivíduo estivesse apto a inserir-se no contexto político e militar da *pólis* e, logo, enquadrar-se na categoria de cidadão<sup>7</sup>. Tem-se, então, uma prova inicial da cidadania feminina legítima, apesar de limitada à terminologia.

Nessa perspectiva, para Ernoult, Cuchet & Boehringer (s.d), participantes da exposição *online* “Sair do Gineceu: um novo olhar sobre a Grécia Antiga”<sup>8</sup>, a problemática da cidadania grega encontra-se na tradução do termo *Athenaioi* (Atenienses), em que se assume que não haja um equivalente feminino. Na exposição, as autoras apontam que estudos realizados ao longo do século XX, focados na busca da cidadania feminina, demonstram que o termo *polites* (cidadã) é identificado na sociedade grega. Isso prova que a mulher possuía papel cidadão restrito, mas legítimo, na *pólis*, pois “os Gregos não definem a cidadania unicamente pelo direito ao voto” (Ernoult, Cuchet & Boehringer, s.d).

Cuchet (2015), sobre isso, explica que existem duas orientações no que diz respeito à mulher e à cidadania na Grécia clássica. Na primeira, elas são excluídas das atividades políticas por simbolizarem o conceito de “alteridade” do outro (mulheres) em relação a um primeiro (homens), em que elas seriam vistas como o oposto do que era considerado político. Logo, “antipolíticas”; a segunda orientação, no entanto, propõe que as mulheres atenienses sejam

---

<sup>6</sup> Blok (2017); Cuchet (2015); Ernoult, Cuchet & Boehringer (s.d).

<sup>7</sup> “Comumente, o costume é dar o nome de cidadão apenas àquele que nasceu de pais cidadãos. De nada serviria que o pai o fosse, se a mãe não for” (Aristóteles, 2019, p. 37).

<sup>8</sup> Disponível em: <https://musea.univ-angers.fr/exhibits/show/sair-do-gineceu--um-novo-olhar/n--o-cidad--s>. Acesso em: 15 ago. 2023.

referidas como “cidadãs”, entre aspas, pois, mesmo que em menor escala, praticavam atividades políticas e, a respeito disso, “entende-se que o político designa [...] a prática cívica – participação nas atividades cívicas e pertencimento a uma comunidade, considerada como bem comum” (Cuchet, 2015, p. 285).

Envolver a mulher em qualquer tipo de atividade social, fosse familiar (pela herança do *nome*), religiosa ou outra, impede, então, que se exclua esse grupo social da definição de “cidadania”. Isso porque “*Política* não se restringe à esfera do Estado e de suas instituições. Ela atravessa os domínios da vida cotidiana e se encontra presente nas relações variadas que se estabelecem entre os indivíduos, incluindo aquelas entre homens e mulheres” (Prado; Franco, 2012, p. 194-195 – grifo das autoras).

Diante disso, Barbosa (2007) explica que a história de determinada sociedade se forma por meio do comportamento dos homens e mulheres que a compõem. Especificamente sobre a Antiguidade clássica, a autora ainda afirma que podemos identificar diversos trabalhos que tratam sobre a vida e a presença da mulher em tal comunidade, porém, “essa linha de investigação, além de marginal, não atesta na verdade o que foi a vida da mulher ao longo da história, mas, pelo contrário, identifica-se como uma história vista pelo olhar masculino” (Barbosa, 2007, p. 353-354).

Por conseguinte, como é “praticamente impossível, para essas épocas antigas, alcançar o olhar das mulheres” (Perrot, 2007, p. 24), buscamos, então, assimilar a forma como as funções sociais femininas eram compreendidas pelos principais estudiosos e filósofos da Antiguidade Clássica. Nessa perspectiva, Jaeger (1995) afirma que Platão, em linhas gerais, busca estruturar um Estado ideal através de uma análise minuciosa das virtudes políticas (valentia, justiça, prudência e piedade). Deste modo, n’*A República*, a virtude destacada é a justiça, “que é de todas as virtudes a que mais intimamente se relaciona com a essência do Estado e é, na realidade, a alma dele [...]” (Jaeger, 1995, p. 603). Entretanto, atentando-nos ao fato de que o conceito de “cidadania” clássico não se aplicava, segundo a perspectiva tradicional, à classe das mulheres, a estruturação do Estado ideal dava-se em relação aos homens. Sobre isso, Platão (2014) afirma que o homem:

Em primeiro lugar, manda na cidade, apoiado em sua reputação de homem bom; toma como esposa uma mulher da família que [...] deseje, casa seus filhos com as pessoas de sua escolha, comercia e mantém relações com quem lhe agrada e de tudo

isso obtém vantagens e proveitos por sua própria falta de escrúpulos em fazer o mal. (Platão, 2014, p. 58).

Isso significa dizer que é possível associar a mulher a uma “moeda de troca” pelo casamento, já que essa decisão ocorre entre os homens e envolve, realmente, relações comerciais. Além disso, voltando-se para discussões em torno de “temperança” e “autodomínio”, Platão (2014) ainda afirma que:

os múltiplos e mais variados apetites, prazeres e desgostos se encontram geralmente nas crianças, mulheres e escravos, bem como em muitos homens chamados livres, conquanto sejam depravados. [...] Ao passo que os afetos mais simples e moderados, aqueles que a razão guia com sensatez e critério, são encontrados em alguns poucos, que são os de melhor índole e educação. (Platão, 2014, p. 166).

Ou seja, as atitudes de virtude (ou da falta dela) da figura feminina é pareada com as de crianças e escravos, indicando a inferioridade dessa classe em relação aos homens nobres. Às mulheres, é dada importância no que diz respeito à reprodução, mas, mesmo assim, existe uma discussão política por trás disso tudo e, como esperado, feita por aqueles considerados cidadãos, detentores do direito à política e à decisão em relação ao funcionamento da sociedade:

Há muito que esperamos ouvir-te dizer alguma coisa sobre a vida familiar de teus cidadãos: como será a procriação dos descendentes, a educação destes uma vez nascidos... numa palavra, tudo que diz respeito a essa comunhão de mulheres e filhos de que falaste. Somos de opinião que a boa ou má gerência desses assuntos é de grande, ou melhor, de capital importância para a sociedade. (Platão, 2014, p. 191).

*A República*, obra de maior destaque de Platão, escrita do século IV a.C., compreende que, apesar de responsáveis pela reprodução, a melhor forma de lidar com a criação dos filhos seria estabelecendo o homem como guardião de um “rebanho”. Em diálogo entre Sócrates, Gláucon e Platão, o livro propõe que as mulheres tenham a mesma educação que os homens, apesar das diferenças naturais entre ambos. Tal sugestão leva à discussão de que o casamento deveria ser utilizado como uma estratégia para gerar “guardiães”<sup>9</sup> fortes e, logo, a função social da mulher estaria atrelada a esse objetivo, assim como sua relação com a maternidade, designada a ser ama de leite impossibilitada de reconhecer os próprios filhos. De toda forma, mesmo que especulativamente, *A República* compreende a inferioridade (seja natural ou

---

<sup>9</sup> Termo indicado da forma como é traduzido na versão utilizada.

social) da mulher em relação ao homem, sua objetificação enquanto “posse” e a falta de uma cidadania política completa.

Já na *Política*, Aristóteles (2019) reforça a característica cívica do homem e logo refuta a possibilidade de uma natureza solitária do mesmo. Nesse sentido, o Filósofo busca compreender a origem do Estado pela formação da Cidade, que se baseia em hierarquias em grande (Governo) ou pequena (núcleo familiar) escala. Assim, como geralmente se atribui a figura da mulher ao lar, foquemos no governo doméstico, próprio do poder intitulado marital.

Sobre o núcleo familiar, Aristóteles (2019) afirma que era atribuído ao chefe de família, por direito de sangue, o mesmo poder, em níveis diferentes, voltados a um Chefe de Estado. Ou seja, à instituição familiar indicava-se as mesmas características de um reinado, em que “era preciso antes de tudo a casa, e depois a mulher e o boi lavrador” (Aristóteles, 2019, p. 17). Nessa perspectiva, o Filósofo identifica ao homem, por ordem natural e política, sua superioridade sobre a mulher, atribuindo-a ao lar e às regras do marido, enquanto este, como cidadão, detém direito à política.

No que diz respeito à *virtude*, Aristóteles (2019, p. 33) questiona: “deve uma mulher ser sábia, corajosa e justa?” Em outras palavras, deve uma mulher possuir características idênticas às do homem? Sobre isso, o Filósofo conclui que, para bem obedecer, o comandado deve, sim, possuir virtudes, ao mesmo passo que, para que bem comande, o comandante também as deve dispor, mas de forma distinta. Logo, “a força de um homem consiste em se impor; a de uma mulher, em vencer a dificuldade de obedecer” (Aristóteles 2019, p. 34).

Ainda em termos republicanos, mas de cultura romana, Cícero (2012), em contrapartida, discute, em *Da República*, a aplicabilidade de *leis e virtudes* na sociedade e o direito natural dos homens, pois,

se o homem justo e bom deve obedecer às leis, a quais deve obedecer? Não será a todas sem distinção, porque a virtude não admite essa inconstância [para uns e para outros], nem a natureza essa variedade, comprovando-se as leis com a pena e não com a nossa justiça. Não há direito natural e, por conseguinte, não há justos por natureza (Cícero, 2012, p. 690-691).

O pensador ainda debate acerca da justiça em relação à legislação e sua aplicação às mulheres em relação ao conceito de posses:

Porque não há de ser a mulher capaz de possessão? Porque, se uma vestal pode instituir herdeiro, não há de poder fazê-lo sua mãe? Porque, se era necessário fixar limites à riqueza das mulheres, pode a filha de Públio Crasso, sendo única, herdar milhões, sem quebrar a lei, ao passo que a minha: não pode herdar quantia muito mais ínfima? (Cícero, 2012, p. 687-689).

É interessante notar que Cícero (2012) questiona a falta de alguns direitos específicos da mulher, como o da posse, indicando também a diferença das hierarquias entre as próprias mulheres. Existe, então, uma tentativa de diferenciar a mulher enquanto “posse” (do marido, do Estado) e “possuidora” de bens.

Apesar dessas reflexões, as obras da tradição greco-romana, que influenciaria a tradição cristã medieval e moderna, destacam a mulher de maneira submissa, destinada à reprodução e ao lar, a ser esposa, mãe e a manter-se nessa posição. Ao homem, pelo contrário, é dado o direito ao Estado e, para que pudessem realizar as mesmas tarefas que eles, as mulheres deveriam ter recebido educação igualitária. Para Cícero (2012), essas situações são questionáveis; porém, para Platão (2014) é visto como uma especulação “ridícula”.

### **1.1.2. A MULHER E OS EFEITOS DAS REVOLUÇÕES AMERICANA E FRANCESA**

Para Marques-Pereira (2009, p. 35), “a Revolução Americana (1776) e a Revolução Francesa (1789) são momentos fundamentais para a modernidade política quanto às representações da cidadania”. Em ambos os contextos, grandes decisões históricas consolidaram-se, como a formulação de uma Constituição e uma Declaração dos Direitos (*Bill of Rights*) no caso da primeira, e a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão no caso da segunda, inspirada pela Americana. Essas Revoluções são a causa da restauração do modelo republicano na Europa e no Novo Mundo depois do período Medieval e, por serem, então, decisões oficiais sobre cidadania e política, é preciso compreender a forma como a figura da mulher mostra-se presente (ou não) nesses documentos. Desse modo, no *Bill of Rights*,

Indubitavelmente, uma pessoa pode ser um cidadão, isto é, um membro da comunidade que forma a soberania, embora não exerça parte do poder político, e esteja impedido de exercer cargos particulares. Mulheres e menores, que fazem parte da família política, não podem votar; e quando uma qualificação de propriedade é exigida para votar ou ocupar um cargo específico, aqueles que não possuem a

qualificação necessária não podem votar ou ocupar o cargo, mas são cidadãos (Taney *apud* Frohnen, 2002, p. 680 – tradução nossa).<sup>10</sup>

Isto é, à mulher é dado o direito de ser cidadã, o que, de certa forma, acaba sendo uma validação política. Entretanto, a ela não é permitido exercer esse direito e ocupar lugares destinados a possuidores deste título, condição validada no seguinte excerto extraído dos escritos de Hamilton, encontrados no texto de Wood (1972):

a íntima “conexão de interesses” entre eleitores, não-eleitores e representantes, e não simplesmente o direito de voto, foi o que realmente tornou a representação viável. Isso ficou mais óbvio, é claro, na negação dos americanos à franquia para mulheres e homens jovens. E tal noção de representação virtual, uma identidade natural de interesses entre eleitores e não eleitores, estava por trás das várias qualificações de propriedade para o sufrágio geralmente exigidas nas novas constituições estaduais (Wood, 1972, p. 178-179 – tradução nossa)<sup>11</sup>.

Na Revolução Francesa, o mesmo ocorre na *Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão*. Ou seja, a mulher recebe o título de “cidadã”, mas continua inapta a exercer poder político. Sobre isso, Marques-Pereira (2009, p. 35) afirma que “se a Finlândia (1906) foi o primeiro e a Suíça o último país (1971) a conceder às mulheres o direito de voto nacional, as francesas tiveram de aguardar até 1944 para alcançar esse direito”, mesmo que já o reivindicassem há muito, como indica Assunção:

No fim do século XVIII, logo após a França ser palco da maior revolução burguesa da história, que exigia liberdade, igualdade e fraternidade, diversos questionamentos passaram a clamar pela extensão de tais direitos a toda a humanidade, e não apenas aos homens brancos europeus (Assunção, 2016, p. 3).

Foi a partir desse momento que, “em 1792, fez-se ouvir o protesto feminista de Mary Wollstonecraft, de Londres, que exigia justiça para as mulheres, excluídas do papel de cidadãs pela Constituição Francesa recém-promulgada” (Assunção, 2016, p. 3). Como consequência de sua crítica à Constituição, Wollstonecraft escreveu a *Reivindicação dos direitos da mulher*,

---

<sup>10</sup> No original: “Undoubtedly, a person may be a citizen, that is, a member of the community who form the sovereignty, although he exercises no share of the political power, and is incapacitated from holding particular offices. Women and minors, who form a part of the political family, cannot vote; and when a property qualification is required to vote or hold a particular office, those who have not the necessary qualification cannot vote or hold the office, yet they are citizens”.

<sup>11</sup> No original: the intimate “connexion of interest” among electors, nonelectors, and representatives, and not simply the right to vote, was what really made representation viable. This was most obvious of course in the Americans’ denial of the franchise to women and young men. And some such notion of virtual representation, a natural identity of interests between electors and nonelectors, lay behind the various property qualifications for suffrage generally required in the new state constitutions.

em que questionava as vantagens do homem em relação à mulher, cujas justificativas de tal superioridade mostravam-se infundadas para a autora.

Ao mesmo tempo, Olympe de Gouges escrevia a *Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã*, na França, e inspirava escritoras de todo o mundo, inclusive no Brasil do século XIX, período em que surge o trabalho de Nísia Floresta<sup>12</sup>. De Gourges (2021) procura estimular, então, uma nova reflexão em torno da inquietação causada pela dúvida de *quem* deu ao homem o direito de oprimir o sexo feminino, a partir da qual inicia sua proposta em que, em suma, exigia a inserção de representantes mulheres em assembleia nacional. Para que isso pudesse ocorrer, todavia, seria necessário o acesso da mulher ao poder político.

Conforme Riot-Sarcey (2009, p. 183), “classicamente, o poder é pensado em termos do exercício de governo ou comando”. Ou seja, quando se discute ou se analisa o conceito de *poder*, devemos compreendê-lo em relação à capacidade (em níveis de autoridade ou influência) que um grupo, pessoa ou instituição possui para tomar decisões, controlar recursos, estabelecer regras e direcionar o funcionamento de uma sociedade. Dessa forma, “na sociedade francesa do século XIX, predominam as imagens de um poder conjuntivo, circulando no tecido social, oculto, escondido, secreto mecanismo das coisas” (Perrot, 2017, p. 129). Em outros termos, apesar das conquistas, as mulheres ainda faziam parte de uma fração excluída do corpo social. Isso porque, para Riot-Sarcey (2009), as mulheres são excluídas do poder no que diz respeito à potência, indicada pela autora como uma forma de virilidade masculina e, conseqüentemente, própria dos privilégios masculinos, assim como a liberdade e a independência.

Além disso, levando em consideração que, no século XIX, “cada sexo tem sua função, seus papéis, suas tarefas, seus espaços, seu lugar quase predeterminado, até em seus detalhes” (Perrot, 2017, p. 136), a exclusão da mulher do poder político era vista como plausível através da distribuição de papéis sociais considerados inferiores (ficaram responsáveis por trabalhos de caridade, por exemplo) e da diminuição de sua participação em espaços deliberativos sob a justificativa de que essa classe compunha uma minoria de acordo com o Código Civil. Por

---

<sup>12</sup> De acordo com Moraes (2016, p. 15), “o trabalho de Nísia [Floresta] trouxe o feminismo para o debate no país e, após a morte de Manuel Augusto [seu marido], ela própria coloca em prática seus ideais feministas ao fundar, em 1837, o Colégio Augusto [...], que permitia o acesso das meninas às mesmas disciplinas ensinadas nos colégios masculinos”.

causa disso, “sucessivas autoridades reservaram a exclusividade do exercício do poder político ao sexo masculino” (Riot-Sarcey, 2009, p. 184-185).

No que diz respeito ao papel do sexo feminino na sociedade, o lugar da mulher manteve-se reservado não unicamente ao lar, mas também à cidade no tocante à caridade ou à filantropia (Perrot, 2017). Vale ressaltar, todavia, que nos referimos a um grupo específico de mulheres: as burguesas. Isso porque, apesar da inserção do sexo feminino em uma “coletividade assujeitada<sup>13</sup>” (Riot-Sarcey, 2009, p. 186), é preciso considerar que existem diversas divisões dentro desse coletivo e que são necessários estudos específicos para cada uma delas. O presente trabalho trata do assunto de forma geral, mas reconhece a importância de estudos aprofundados com foco em problemáticas econômicas e raciais. De toda forma, apesar dos avanços, visto que a “atribuição [da mulher] ao lar’ foi a condição da liberdade do povo e o meio pelo qual o cidadão pôde ascender ao direito comum” (Riot-Sarcey, 2009, p. 186), a participação ativa da mulher no nível político ainda se encontra muito limitada.

### **1.1.3. A MULHER NO CONTEXTO SOCIAL E POLÍTICO DA REPÚBLICA NO BRASIL**

O período republicano brasileiro tem início em 1889 e permanece até os dias atuais, tendo passado pelos momentos, respectivamente, da República Velha, da Era Vargas, do Período Democrático, da Ditadura Militar<sup>14</sup> e da Nova República. Com as mudanças na política, houve, também, mudanças na sociedade brasileira<sup>15</sup> e um processo mais acelerado de urbanização. Por isso, os anos finais do século XIX e os primeiros do século XX ficaram conhecidos como *Belle époque*, em que havia um otimismo crescente em relação ao desenvolvimento do país e grande influência da cultura europeia no Brasil, principalmente parisiense.

Apesar de mudanças consideráveis na transição do Império para a República, a mulher (burguesa) ainda era associada ao lar, pois “a ‘nova família’ também exigia uma ‘nova

---

<sup>13</sup> Nesse caso, vê-se a mulher dentro de uma classe única, sem considerar a interseccionalidade (ou sobreposição) de fatores raciais e econômicos.

<sup>14</sup> Entre 1964 e 1985 ocorreu a Ditadura Militar no Brasil. Entretanto, como o *corpus* a ser analisado traz as figuras que exerceram o poder neste período como “presidentes”, também consideraremos os enunciados retirados das seções reservadas aos ditadores em nossa análise, visto que o *Guia politicamente incorreto dos Presidentes da República* (2016) visa uma representação politicamente incorreta dos governantes.

<sup>15</sup> É importante ressaltar, também, a abolição da escravidão no Brasil em 1888.

mulher’: uma mãe dedicada que dispensava especial atenção ao cuidado e à educação dos filhos [...], responsabilizando-se também pela ‘formação moral’ das crianças” (Scott, 2012, p. 17). Del Priore (2020, p. 226) explica que “o novo regime foi marcado, em suas primeiras décadas, pela participação política das mulheres. Não aquela de bastidores, feita de murmúrios ao pé do ouvido de maridos e amantes, mas a da cena pública”, entretanto, a evolução vista com bons olhos em relação ao modo de vestir-se e portar-se publicamente não era tão bem vista no que concerne o direito ao voto e ao discurso público.

Mesmo que houvesse questionamentos em relação à falta de participação da mulher no exercício do poder político, foi apenas em 1891, com a promulgação da Constituição e por causa de uma possível “brecha” no documento, que as sufragistas viram uma oportunidade válida de reivindicações fundamentadas. Isso porque a Constituição de 1891 determinava que “o corpo de eleitores [...] devia ser formado por cidadãos alfabetizados e maiores de 21 anos. O código deixava de fora uma menção explícita em relação às mulheres” (Prado & Franco, 2012, p. 210). Logo, o fato de não as citar abertamente foi interpretado como uma possível inclusão ao invés de uma exclusão. Segundo Prado & Franco (2012, p. 210), depois disso, “diversas mulheres se manifestaram no sentido de defender sua participação na vida pública. Algumas, inclusive, tomaram a iniciativa de solicitar alistamento eleitoral, ou ainda de lançar sua candidatura”. Fausto (2018, p. 190-191), contudo, expõe que foi apenas em fevereiro de 1932<sup>16</sup>, em meados do Estado Getulista (1930-1945), que o Código Eleitoral “estabeleceu a obrigatoriedade do voto e seu caráter secreto, abrangendo ambos os sexos” em território nacional, transformando o Brasil no quarto país do ocidente a assegurar o sufrágio feminino, antecedido por Canadá, Estados Unidos e Equador.

Avançando nos anos, em 1988, no artigo 5º do capítulo I da Constituição da República Federativa do Brasil, tem-se que “homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações” e, no parágrafo 7 do artigo 17, capítulo V (Dos partidos políticos), que “os partidos políticos devem aplicar no mínimo 5% (cinco por cento) dos recursos do fundo partidário na criação e na manutenção de programas de promoção e difusão da participação política das mulheres, de acordo com os interesses intrapartidários”. Além disso, implantou-se, em 1996, a política de cotas, cujos objetivos tratavam de

---

<sup>16</sup> Por mais que o direito feminino ao voto tenha se estabelecido posteriormente em âmbito nacional, segundo o Grupo Ágora (2019), Celina Guimarães Viana foi a primeira eleitora do Brasil, registrada em 1927. Além disso, em 1928, Luíza Alzira Soriano foi a primeira prefeita eleita na História do Brasil e da América Latina.

socializar as informações e reflexões referentes à temática mulher e poder, e difundir as experiências das mulheres em posição de poder; sensibilizar e articular as mulheres para a participação política; subsidiar as parlamentares para a realização de eventos regionais de apoio e estímulo às candidaturas de mulheres, e definir estratégias para ampliar a presença de mulheres em posições de poder (Grossi; Miguel, 2001, p. 167).

Ainda que outras mulheres já tivessem ocupado o cargo da presidência pela América Latina entre 1990 e 2015<sup>17</sup>, a primeira mulher como Presidente da República do Brasil foi eleita somente em 2011, e, por mais que haja, cada vez mais, a presença de mulheres em diversos contextos, a representatividade<sup>18</sup> percentual dessa categoria em posições de poder ainda é baixa, fazendo com que a classe permaneça como minoria no âmbito político. Isso porque, segundo Melo & Thomé (2018, p. 127):

Um relatório da União Internacional de Parlamentos (IPU, na sigla em inglês), considerando as eleições de 2014 para o Congresso Nacional, elencou o Brasil na 154ª posição (são 193 países) de participação feminina na política. Nas Américas, as brasileiras estão apenas melhores que as deputadas do Haiti. A representação na Câmara de Deputados esbarra somente nos 10%: foram 51 eleitas para 513 deputados em 2014. Quanto ao Senado, são 13 senadoras eleitas para 81 cadeiras (16%). Nessa mesma eleição, somente uma mulher foi eleita governadora, Suely Campos, em Roraima. E Dilma Rousseff foi reeleita presidenta do Brasil (Melo & Tomé, 2018, p. 127).

Ou seja, mesmo após eleger uma mulher à presidência, os números gerais ainda eram reduzidos. Em 2022, por exemplo, apesar de ter sido um ano eleitoral que elegeu, pela primeira vez, diversos representantes de minorias, como pessoas transexuais e indígenas que ascenderam ao poder político Estadual ou Federal, a porcentagem feminina eleita para a Câmara foi de 17,7%, mesmo que, de acordo com o IBGE, 51,8% da população brasileira constitui-se de mulheres (Amaral, 2022).

---

<sup>17</sup> Violeta Barrios de Chamorro, presidenta da Nicarágua entre 1990 e 1997; Mireya Moscoso, presidenta do Panamá entre 1999 e 2004; Michelle Bachelet, presidenta do Chile entre 2006 e 2010, posteriormente entre 2014 e 2018; e Cristina Kirchner, presidenta entre 2007 e 2015 e vice-presidenta entre 2019 e 2023.

<sup>18</sup> Não se deve confundir os termos *representação* e *representatividade*. O primeiro significa, segundo o Michaelis: Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa (2015), “imagem ou ideia que traduz a nossa concepção de alguma coisa ou do mundo”, enquanto o segundo trata-se, ainda segundo o Michaelis (2015), de uma “qualidade de representativo”, o qual “diz-se de organismo (sindicato, associação etc.) com direito reconhecido de representar um grupo, uma comunidade etc.”. *Representatividade*, tendo em vista o termo “representar”, também pode “ser a imagem ou a reprodução de; figurar como emblema, imagem ou símbolo [...]” (Michaelis, 2015). Assim, o conceito de *representação*, no seguinte trabalho, também é discursivo (Charaudeau, 2008c) e será trazido mais adiante no referencial teórico. É importante, no entanto, trazer exemplos de representatividade para que se compreenda a forma como a “mulher” é vista pela sociedade (estereótipo) e, logo, como é representada.

## CAPÍTULO 2

**O POLITICAMENTE  
INCORRETO, O DISCURSO  
DA HISTÓRIA E O *GUIA*  
*POLITICAMENTE INCORRETO*  
*DOS PRESIDENTES DA*  
*REPÚBLICA***

Neste capítulo, buscamos compreender os conceitos de politicamente correto e politicamente incorreto, suas origens e como se propõem no *Guia*. Para isso, mostra-se necessário, também, entender as origens, alguns fundamentos e o funcionamento da Historiografia Tradicional, sem objetivos de exaustão do tema, visto que as noções básicas acerca da Teoria da História apresentam-se suficientes para estabelecer a comparação desejada. Em seguida, focamos em descrever o *Guia* e o cenário político no período de sua produção/publicação para identificarmos seus possíveis elementos de materialidade discursiva.

## 2.1. A HISTORIOGRAFIA TRADICIONAL E A TEORIA DA HISTÓRIA

Tomando, inicialmente, uma definição mais simples do termo, o Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa (2015) designa *História* como um “conjunto de fatos ou acontecimentos relevantes, ocorridos no passado da humanidade, destacando-se época, local e dados importantes”. Nessa lógica, em nível do discurso, Barthes (2004) entende que a história pode ser construída através de dois caminhos: i) pela *escuta* de um historiador ou ii) pela organização de referências coletadas por ele. Isto é, são necessários estudiosos qualificados e fontes confiáveis para que o *fazer* histórico seja possível. Dessa forma, podemos identificar que o estudo da história deve ser tratado sob o âmbito científico e, para tal, mostra-se fundamental uma breve compreensão da teoria histórica.

Não se deve confundir, entretanto, a teoria da história com o conceito de historiografia. A primeira concerne à proposta da história enquanto ciência, ancorada no método científico, que se atenta aos procedimentos utilizados para compreender o passado; ao passo que a segunda é “parte integrante da pesquisa histórica” (Rüsen, 2001, p. 46). Ou seja, refere-se ao estudo e à escrita próprios da história, é uma forma de análise do conhecimento histórico e é, portanto, produto das investigações e interpretações dos historiadores.

No contexto brasileiro, a historiografia é foco dos estudos históricos, pois a implementação dos estudos da teoria da História nas universidades é recente<sup>19</sup>, apesar de haver questionamentos em torno do tópico desde os anos 70, diretamente influenciados pelas obras do alemão Jörn Rüsen. Desse modo, em relação à pesquisa, não havia grandes preocupações em torno da cientificidade da história, que estava, muitas vezes, inserida na concepção de

---

<sup>19</sup> Informações disponíveis em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/agora/article/view/128/100> Acesso em: 14 set. 2023.

gênero literário (Lapa, 1972). Na verdade, os historiadores atentavam-se a estudos empíricos envolvendo pesquisa, análise e escrita narrativa por meio de fontes primárias e secundárias. Em contrapartida, “a teoria da história tem de apreender, pois, os fatores determinantes do conhecimento histórico que delimitam o campo inteiro da pesquisa histórica e da historiografia, identificá-los um a um e demonstrar sua interdependência sistemática” (Rüsen, 2001, p. 29). Isso significa que teoria e historiografia são áreas intimamente relacionadas no campo da história e, embora tenham focos e papéis distintos, devem demonstrar compromisso com os fatos em prol da legitimidade.

Nessa perspectiva, o historiador e filósofo alemão Rüsen (2001) revela ser importante aprofundar o estudo histórico não apenas pelo estabelecimento de seu caráter científico, mas também pelas funções que desempenha. Para ele, são seis as funções: i) *propedêutica*, em que a teoria da história desempenha o papel de iniciação adequada aos estudos históricos; ii) de *coordenação*, no que diz respeito à combinação de disciplinas que se relacionam aos estudos da história; iii) de *mediação*, considerando a futura prática profissional dos estudiosos da história já no processo de pesquisa; iv) *organizadora*, que é o gerenciamento dos recursos para realizar as pesquisas; v) *motivadora*; vi) e de *seleção e fundamentação*. Sobre a função *motivadora*, Rüsen (2001, p. 39) destaca que a “teoria da história é necessária para solucionar o problema do subjetivismo diante da exigência de objetividade do pensamento histórico-científico”. Ou seja, o historiador não deve demonstrar posicionamentos em seus textos, visto que se tratam de textos, muitas das vezes, documentais – refletir sobre os procedimentos de pesquisa, no entanto, mostra-se essencial para a pesquisa histórica. Já em relação à função de *seleção e fundamentação*, é indicado o trabalho com as fontes, que não deve mostrar-se cansativo ao leitor, e sim ser um texto fluido e legível espontaneamente.

No contexto de nossa pesquisa, apesar de considerarmos importantes todas as funções de Rüsen (2011), damos destaque às funções *motivadora* e de *seleção/fundamentação*, pois o *Guia politicamente incorreto dos presidentes da República* se apresenta como uma obra não-ficcional focada em perfis biográficos dos presidentes a partir do viés politicamente incorreto, porém, deparamo-nos, na verdade, com um conjunto de diversos problemas no que diz respeito à presença de subjetividade ideológica e fontes tendenciosas ou ausentes.

## 2.2. O POLITICAMENTE CORRETO E O POLITICAMENTE INCORRETO

O “politicamente correto” (doravante PC), grosso modo, denota um conjunto de diretrizes linguísticas e normativas adotadas para substituir expressões ofensivas que marginalizam grupos sociais específicos, principalmente no que se refere às minorias nos âmbitos de etnia, religião, pessoas com deficiência, gênero ou orientação sexual. Esse conceito surge, nos Estados Unidos dos anos 70, com o objetivo de promover inclusão, igualdade e respeito pela diversidade e evitar a reprodução de preconceitos e estereótipos (Ribeiro, 2000).

No Brasil, discussões acerca do politicamente correto chegam, no final dos anos 90 e início dos anos 2000, influenciadas por sua origem nos EUA, que associam o conceito a um movimento de esquerda “resultado da organização das minorias” (Possenti, 1995, p. 124), o que vai de encontro com o que Pondé (2012), autor do *Guia politicamente incorreto da filosofia*, assume como definição do PC. Para ele, “o politicamente correto hoje é muito amplo como fenômeno, mas sempre é autoritário na sua essência, porque supõe estar salvando o mundo” (Pondé, 2012, p. 33).

Levando isso em conta, o termo PC pode ser usado em tom pejorativo, para criticar o excesso de cuidado na tentativa de evitar a ofensa em dois sentidos: 1) pelo argumento de que seu uso pode levar a uma linguagem artificial; 2) por assuntos relacionados a posicionamentos político-ideológicos, o que gera muitos debates sobre os limites entre a liberdade de expressão e o respeito pela integridade do outro. Dito isso, é relevante ressaltar que determinar-se dentro do politicamente correto significa posicionar-se ideologicamente e envolve a ética que, no escopo de nossa pesquisa, é política.

Em vista disso, podemos afirmar que o politicamente incorreto (doravante PI) institui-se, basicamente, como o oposto do PC e sua aplicação não se resume somente ao âmbito da linguagem – por expressões linguísticas – (Possenti, 1995), mas também a comportamentos. Desse modo, discussões em torno dos limites entre PC e PI envolvem as próprias definições dos termos, a adequação aos tipos de discurso (político, midiático, humorístico etc.) ou em ações individuais que, geralmente vinculadas a posicionamentos de grupos específicos, acabam por refletir, mesmo que indiretamente, a coletividade.

Nesse sentido, considerando o *Guia politicamente incorreto dos presidentes da República*, de Paulo Schmidt, deparamo-nos com uma proposta de contar a história de modo politicamente incorreto pela inversão de papéis, em que os “heróis” aparecem como “vilões” e vice-versa, focando, muitas vezes, na vida privada das personagens. Temos, então, o PI funcionando de uma maneira mais conceitual (a ideologia e interpretação que se tem em relação às informações) do que, puramente, pelas marcas linguísticas. Sobre modos alternativos de relatar a História (que não pelos vieses da historiografia tradicional e da teoria da história apresentados anteriormente), ressaltamos três possibilidades: a *Divulgação da História pela detração* (Karnal, 2016); O *Public History* (Malerba, 2014); e o *Discurso da História mais vendido* (Mattoso, 1997 *apud* Vale, 2018).

O Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa (2015) define detração como um termo que se refere a uma forma de difamação ou calúnia, uma tentativa de gerar descrédito a alguém ao fazer declarações negativas sobre ela. Karnal (2016) descreve historiadores e professores de história como narradores de fatos. Entretanto, enquanto ao historiador não interessam anedotas e biografias repletas de fatos curiosos, ao professor sim, pois são o que atrai atenção dos alunos. Para o autor, “o bom professor sabe dosar algumas dessas informações com análises mais, digamos, científicas” (Karnal, 2016, p. 25), aproximando, assim, a linguagem de sala de aula a um possível discurso de divulgação científica (histórica). A maior problemática, no entanto, encontra-se no fato de que, apesar de humanizar personagens históricas, a detração pode ser utilizada como uma estratégia política, em que a transformação prejudicial da imagem de um acaba por favorecer a de outro, pois “a fofoca de personagens reais apresenta, de forma clara, um objetivo de poder ou de enfraquecimento dele” (Karnal, 2016, p. 32).

No que diz respeito ao discurso de divulgação histórica, Malerba (2014) disserta sobre ele sob o título de *Public History* (História Pública) que se trata, basicamente, da disseminação de conteúdo histórico fora do contexto acadêmico. Essa vertente ganhou destaque nos anos 70, principalmente nos EUA, pelo aumento considerável de historiadores que não conseguiram ingressar na academia e a buscaram como alternativa e se expandiu pelo globo. Malerba (2014) destaca que a disseminação do *Public History*<sup>20</sup> aconteceu, majoritariamente, pela

---

<sup>20</sup> Para Malerba (2014), a História Pública pode ser veiculada por diversas mídias, como documentários, livros, televisão, internet, museus, por exemplo. O autor também explica que as perspectivas da prática desse tipo de

mídia televisiva, através de documentários que foram veiculados nos EUA, na Austrália, na Europa e, inclusive, no Brasil, mas esse novo modo de *fazer* história também envolveu o rádio e, quando chegou o momento, migrou para a internet. Contudo, devemos considerar em Malerba (2014), além das observações apresentadas, o fato de que o autor reforça que os praticantes do *Public History* devem possuir formação de *expertise* na área de História apesar de não atuarem no ambiente acadêmico. Isso porque,

ficam patentes: 1. A questão do *treinamento profissional* para quem quer que pretenda explorar a história e levá-la ao grande público; 2. O imperativo da consideração da questão da *audiência* na definição do que seja e de como se deve praticar a história pública. Historiadores “públicos” devem estar sempre precavidos de sua audiência e, certamente, sempre desejarão, desde o início de uma ideia ou projeto, alcançar um público cada vez maior de expectadores ou leitores de modo a facultar acesso ao passado ao grande público” (Malerba, 2014, p. 30 – grifos do autor).

No Brasil, o autor explica que o crescimento do *Public History* sem limites bem definidos gerou a necessidade de criação de revistas de divulgação cujas edições foram produzidas em massa. Além disso, Malerba (2014, p. 32) ainda destaca o surgimento de “uma agressiva produção ‘historiográfica’ que insiste em se autopromover como uma ‘nova história’ – não acadêmica, diferente e superior àquela”. Sob essa ótica, o pesquisador menciona o *Guia politicamente incorreto da História do Brasil*, de Leandro Narloch<sup>21</sup>, o primeiro livro da série dos *Guias politicamente incorretos...* iniciada em 2009, o qual ganhou um documentário no History Channel, em 2017, sob o mesmo título e gerou polêmica tanto nas redes sociais

---

divulgação são diferentes em cada país onde ocorre, podendo partir do viés de memória e herança ou da história enquanto entretenimento.

<sup>21</sup> Na resenha *O incorreto no guia politicamente incorreto da história do Brasil*, Venancio (2021) disserta sobre o caráter não-científico da obra de Narloch, apontando problemas graves de pesquisa e interpretação. Para o resenhista, o livro apresenta algumas fontes historiográficas, mas a forma como Narloch as veicula faz com que haja a distorção de determinadas informações. Há também, apresentação de fontes únicas, providas de visões unilaterais, em situações as quais necessitariam de contrastes entre versões. Além disso, Venancio (2021) identifica ocorrências em que o que se apresenta trata-se de opiniões do próprio autor, mascaradas pela forma de escrita e pela sensação de verdade gerada pela apresentação de bibliografias determinadas ou até mesmo certas autoridades. Essa sensação, entretanto, mostra-se falsa ao longo de toda a exposição do resenhista, que enquadra o livro de Narloch nas definições do termo “pseudo-história” e alerta para os perigos da popularização e propagação em massa desse tipo de conteúdo. Isso porque, para o historiador, parte do risco atribui-se ao fato de que os guias são livros destinados ao grande público que, na maioria das vezes, não vai buscar elucidar as informações apresentadas no que ele chama de “fontes clássicas”. Podemos afirmar que o mesmo ocorre no *Guia* de Schmidt, pois, apesar de haver apresentação de notas (ao final do livro) contendo determinadas fontes, identifica-se um caráter ficcional, devido à mescla entre bibliografia da historiografia tradicional e de obras com premissas politicamente incorretas, além da apresentação de anedotários e situações cotidianas que, em sua maioria, não podem ser confirmadas na realidade, visto que, para Venancio (2021, p. 6) “a melhor forma de contar uma mentira é incluir nela um elemento de verdade”. Ademais, identificamos, também, questões de interpretação do próprio autor a respeito das informações apresentadas, utilizando bastante, inclusive, da ironia em sua narração.

quanto entre os historiadores que aceitaram participar sem que houvesse explicação do canal sobre as origens e o direcionamento da produção<sup>22</sup>. Sobre o livro, Malerba (2014) demonstra que, apesar de se apoiar na historiografia para corroborar ou contrariar, o texto de Narloch é uma tentativa, na verdade, de reproduzir uma “visão altamente conservadora, quando não reacionária, retrógrada, eurocêntrica e preconceituosa da/sobre a história do Brasil” (Malerba, 2014, p. 38).

Malerba (2014) ainda nomeia os escritores dessa “nova história” como historiadores leigos<sup>23</sup>, e explica que a forma de escrita deles segue a seguinte fórmula: “história no formato de saga; nas veladas explicações históricas, ênfase na psicologia das personagens, que são condenados ou absolvidos como heróis ou parvos de mau-caráter” (Malerba, 2014, p. 37). É importante destacar que essa é uma premissa a qual pode ser aplicada, também, ao *Guia* de Schmidt, pois o mesmo procura “resgatar o Henrique VIII, O Don Juan, o Napoleão, o Frankenstein ou o Jeca Tatu porventura existentes em nossos chefes de Estado” (Schmidt, 2016, p. 14).

Após reflexões acerca das formas do *Public History* no Brasil, Malerba (2014) expõe uma série de considerações que se resumem no fato de que o autor não exclui que existem diversas formas de contar a história, mas ele deixa claro que há um modo leigo e um modo acadêmico de se fazer isso. Além disso, justamente por causa das diferenças existentes entre esses modos, o historiador acadêmico não deve ignorar a importância “da dimensão pública de sua atividade, ultrapassando os muros da academia para cada vez mais tomar parte, como especialistas, nos debates de interesse público” (Malerba, 2014, p. 43).

Com efeito, apesar de Karnal (2016) apresentar exemplos de obras consideradas históricas produzidas por jornalistas, e de os autores da série dos *Guias politicamente incorretos...* se declararem enquanto produtores de conteúdo histórico, não podemos reafirmá-los contidos nos debates do *Public History* (Malerba, 2014), pois falha a questão da formação acadêmica em História, tendo os autores formação, muitas vezes, em jornalismo e design. No tocante à divulgação histórica, é preciso considerar que na detração, ao contrário da difamação, mesmo

---

<sup>22</sup> Informações disponíveis em: <https://istoe.com.br/historiadores-pedem-para-ter-imagem-retirada-da-serie-do-history/> Acesso em: 5 abr. 2024.

<sup>23</sup> Esse termo é bastante controverso, pois, para ser historiador é necessário que haja formação acadêmica. Entretanto, Malerba (2014) explica que a terminologia utilizada para designar pessoas não treinadas no processo da historiografia é ampla, podendo variar entre “fazedores de história”, historiadores práticos, populares e, como ele mesmo escolhe designar aqueles a que se refere, historiadores leigos.

que através de declarações negativas, as informações buscam ter um embasamento científico, elas apenas não interessam à Historiografia Tradicional.

Além disso, no caso dos *Guias*, é possível perceber diversos problemas de fontes bibliográficas ausentes, de baixa credibilidade ou tendenciosas (que contribuíam no embasamento de interpretações também tendenciosas). Sobre isso, Mattoso (1997 *apud* Vale, 2018, p. 246) afirma que a contribuição para a “publicação de obras superficiais e mistificatórias para alimentar a curiosidade de um público sempre ávido de conhecer o passado, mas incapaz de criar só por si o espírito crítico” é uma característica típica do *discurso da História mais vendido*, assim como o intuito do alto número de vendas de cópias dessas obras, em que fatos curiosos têm mais destaque e relevância do que o processo científico em si<sup>24</sup>, para além do discurso de divulgação. Considerando o fato de que o *Guia* é apresentado, pelo próprio autor<sup>25</sup> como forma de instigar um “leitor curioso”, é possível perceber a oportunidade que essa obra busca de “entreter” o seu público. Tal situação condiz um pouco com o que é discutido a respeito do *Public History* na Inglaterra, em que a história se compara a uma forma de “entretenimento”. Entretanto, a relação entre acadêmicos especializados e um público-alvo leigo não ocorre nos *Guias*, visto que falamos aqui de outros focos de formação e, para reforçar, de diversas falhas bibliográficas. Nesse sentido, pode-se afirmar que o *Guia* melhor se enquadra nesse *discurso da História mais vendido* nos moldes propostos por Mattoso (1997 *apud* Vale, 2018).

### **2.3. A MATERIALIDADE DISCURSIVA DO *GUIA POLITICAMENTE INCORRETO DOS PRESIDENTES DA REPÚBLICA***

Para identificar o que o *Guia* tem a oferecer enquanto objeto de análise, é preciso, para além do *corpus* selecionado, considerar o livro enquanto um todo. Nesse sentido, a iniciar pela capa, por mais que não focamos em aspectos de uma análise semiótica ou multimodal, podemos perceber uma ilustração que compila alguns dos presidentes a serem expostos nas páginas seguintes. Além disso, há, também, alguns objetos que poderiam representar

---

<sup>24</sup> Em Reis; Vale (2022), por exemplo, discutimos sobre a adequação do uso da Linguagem do Riso pelos presidentes, algo que contribuiu para compreendermos as formas de representação propostas pelo *Guia* a respeito do “príncipe” e também o modo como o PI contribuía para essas representações.

<sup>25</sup> Na introdução do *Guia*, Schmidt (2016, p. 14) afirma: “o que é interessante para o leitor curioso, não [é] necessariamente útil para o pesquisador”.

mandatos (como a vassoura de Jânio Quadros) e situações ocorridas ao longo do período republicano (uma urna eletrônica e outra para inserir voto impresso, granadas, armas, cédulas de dinheiro e um tambor contendo uma sátira da logo da República Federativa do Brasil em que, ao invés da constelação Cruzeiro do Sul, há a imagem de bananas<sup>26</sup>). Ademais, os presidentes militares possuem vestes referentes às suas patentes e os outros estão de terno em tons escuros, mudando as cores das gravatas. Dilma Rousseff, a única presidente do Brasil até o momento, está centralizada e veste um terno feminino vermelho, possível referência à cor adotada pelo partido ao qual a presidente estava filiada, visto que a gravata de Lula também é vermelha, o que também pode ser uma referência ao comunismo<sup>27</sup>.

O que chama atenção na capa, para a pesquisa proposta, no entanto, é o fato de, além de Dilma, haver apenas outra figura feminina, indicando que a capa é um lugar de destaque feito para protagonistas. De acordo com a legenda da ilustração, a República seria essa mulher vestida de branco. Nesse contraste, podemos considerar a afirmação de Melo & Thomé (2018, p. 59) de que “caiu a Monarquia, mas a República é masculina”. Isso porque, como visto no capítulo anterior, no início do período republicano, a mulher ainda não tinha direito ao voto e muito menos à candidatura. Desse modo, República é uma palavra feminina e, no *Guia*, retratada pela imagem de uma mulher, porém, até então, no Brasil, era controlada, em momentos distintos e em grande parte, pelos homens presentes na ilustração.

Não obstante, a forma como os capítulos são divididos também contribuem para o entendimento das posições de protagonismo no *Guia*. Precedidos de uma introdução, Schmidt traz 13 capítulos (um para cada presidente) em uma seção destinada à República Velha e, respectivamente, a Deodoro da Fonseca, Floriano Peixoto, Prudente de Moraes, Campos Sales, Rodrigues Alves, Afonso Pena, Nilo Peçanha, Hermes da Fonseca, Venceslau Brás, Delfim Moreira, Epitácio Pessoa, Artur Bernardes e Washington Luís. Em seguida, há uma seção dedicada à Era Vargas, ou seja, ao presidente Getúlio Vargas. Adiante, vê-se seis capítulos para o Período Democrático, respectivamente sobre Eurico Dutra, Getúlio Vargas, Café Filho, Juscelino Kubitschek, Jânio Quadros e João Goulart. Ademais, mesmo com a

---

<sup>26</sup> Essa sátira remete à ideia de República das Bananas, termo pejorativo utilizado para se referir a um país “pequeno, pobre e politicamente instável, o qual é fraco devido à dependência excessiva de cultura agrícola e financiamento estrangeiro” (Wilson, 2022 – tradução nossa). A expressão geralmente é associada a países latino-americanos e foi criada pelo contista estadunidense O. Henry para se referir a Honduras.

<sup>27</sup> Informações sobre as origens do uso da cor vermelha pela esquerda brasileira, mais especificamente pelo Partido dos Trabalhadores, disponíveis em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-63260840> Acesso em: 25 jan. 2024.

implementação de um regime ditatorial militar, o autor traz 5 capítulos sobre os presidentes-ditadores, Castelo Branco, Costa e Silva, Emílio Médice, Ernesto Geisel e João Figueiredo. Por último, temos a seção sobre a Nova República, a qual possui seis capítulos dedicados a, respectivamente, José Sarney, Fernando Collor, Itamar Franco, Fernando Henrique Cardoso, Lula e Dilma Rousseff. Dessa forma, mostra-se evidente que o foco do livro seria a vida de cada um desses presidentes, sendo Dilma a única mulher em situação de protagonismo justamente pelo fato de ter alcançado essa posição política. Nesse sentido, as outras ocorrências que dizem respeito a mulheres encontram-se mescladas e associadas às histórias dos outros presidentes, em posições secundárias e de bastidores.

Além disso, antes de iniciar cada seção, o autor reserva uma página ao período do Brasil República a que ela se refere, dentro da qual constam os capítulos dos respectivos presidentes. O que nos chama a atenção, entretanto, é o fato de os títulos dessas seções serem escritos de forma invertida, ou espelhada, como uma forma simbólica de indicar que o conteúdo seguinte se difere, minimamente, da historiografia tradicional, ou, como propõe a série dos guias, possui teor politicamente incorreto. Nessa perspectiva, no que concerne aos capítulos, há, em cada um deles, uma caricatura do presidente a que se refere substituindo a constelação do Cruzeiro do Sul<sup>28</sup> na logo/brasão da República Federativa do Brasil. Essas caricaturas são acompanhadas de epígrafes sobre cada um dos presidentes e um espaço dedicado aos “apelidos” criados pelo povo ou como cada um ficou conhecido durante seus mandatos.

Considerando os capítulos de modo individual, deparamo-nos com o que o autor define como o “perfil biográfico<sup>29</sup>” (Schmidt, 2016, p 14) de cada presidente, onde é possível encontrar informações que, como vimos anteriormente, enquadram a obra no *Discurso Mais Vendido* (Mattoso, 1997 *apud* Vale, 2018) destinado a um leitor curioso cujo posicionamento político seja específico devido às questões ideológicas que pertencem ao politicamente incorreto. Apesar de o autor reafirmar o *Guia* enquanto historiográfico, é possível depreendermos que, na verdade, sua capacidade ficcional é mais adequada para defini-lo. Isso não faz com que a

---

<sup>28</sup> Considerando que, popular e informalmente dizendo, o termo “banana” pode referir-se a um gesto obsceno ou então pode ser utilizado para caracterizar alguém como tolo, este elemento abre possibilidades para que as caricaturas que abrem os capítulos e a sátira das bananas no brasão da capa não sejam interpretados ao acaso. Entretanto, como o foco de nossa pesquisa é outro, não seguiremos por este caminho de análise.

<sup>29</sup> Em nossa pesquisa “A representação do ‘príncipe’ nos guias politicamente incorretos da história do Brasil”, essa nomenclatura levou a questionamentos e discussões acerca do gênero discursivo ao qual o livro é inserido. O autor propõe um guia (que pode se encaixar na *margem de manobra* do gênero enquanto um compilado de informações), mas o leitor recebe o que melhor se enquadra enquanto breves biografias.

obra seja desconsiderada, muito pelo contrário. É preciso, no entanto, ter cautela, pois, para o público-alvo idealizado, o *Guia* pode ser interpretado como uma fonte, o que não é recomendado visto problemas apresentados anteriormente neste mesmo capítulo. Nesse sentido, consideramos pertinente trazer discussões políticas-ideológicas que envolvem o cenário político de produção e publicação do *Guia*.

O *Guia* foi publicado em 2016, durante o contexto do segundo mandato de Dilma (PT) e anterior ao seu *impeachment* ou golpe (a depender do ponto de vista ideológico). De acordo com Neto (2016), o governo Dilma foi bastante conturbado e contribuiu para a polarização ideológica, como é possível observar a seguir:

Ao longo de todo o segundo mandato de Dilma, iniciado no dia 1 de janeiro de 2015, o Brasil atravessou crises que há muito não experimentara. Nesse ano, a economia sofreu uma retração de nada menos que 3,8 por cento, uma das mais profundas de sua história. O déficit público nominal passou de 2,97 por cento do PIB em 2013 para 10,38 por cento em 2015, uma enorme deterioração fiscal. A taxa de desemprego pulou de 6,2 por cento no último trimestre de 2013 para 11,3 por cento no segundo trimestre de 2016! Massivos protestos tomaram as ruas do país, sobretudo em março de 2015 e março de 2016. Geralmente considerados politicamente passivos e desinteressados, os brasileiros passaram a viver num ambiente de crescente polarização ideológica que costumavam associar aos vizinhos argentinos e venezuelanos (Neto, 2016, p. 44).

Ainda em 2016, a Editora Leya, responsável pela publicação dos *Guias politicamente incorretos...*, realizou um evento<sup>30</sup> que consistia em um bate-papo entre Leandro Narloch, Luiz Pondé e Paulo Schmidt (ambos autores de diferentes livros da série dos guias), em que os escritores respondiam perguntas feitas pela plateia ou por um mediador que também estava no palco. Ao ser questionado sobre a relação da política brasileira com uma visão politicamente incorreta, Schmidt responde que, no politicamente correto, as “coisas” não são faladas da forma como elas realmente são, já que os textos estão mascarados nos conceitos. Além disso, afirma que o PC é uma forma de doutrina originada de uma “profunda esquizofrenia” advinda da Esquerda. O entrevistado procura exemplificar sua fala através dos conceitos de “dívida histórica”, “distribuição de renda” e “cultura do estupro”, alegando sua inexistência ao associá-los à “imaginação doentia” de um grupo cujo objetivo seria promover um “assalto à liberdade de expressão”. Nesse sentido, ainda conforme a fala de Schmidt, o Politicamente Incorreto funcionaria como uma crítica a esses “valores esquizofrênicos”, elevando a noção do PI a algo maior do que apenas uma negação ao PC.

<sup>30</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=v-W0B1bCqb4> Acesso em: 10 abr. 2024.

Ainda no mesmo evento, Schmidt, apesar de demonstrar posicionamentos mais direcionados a ideais de direita, acrescenta que essa “esquizofrenia” esteve presente, no presidencialismo brasileiro, tanto em governos de esquerda, quanto nos de direita e na ditadura. A partir disso, o autor do *Guia* apresenta a expressão “vacas sagradas” para referir-se a verdades incontestáveis criadas em diversos contextos, explicando que elas se adequam a cada um deles de acordo com os grupos a que se referem. Além disso, ele expõe que a instauração da República é vista como um grande avanço político, mas que, na verdade, a continuação do Império teria contribuído mais para o país, visto que havia engatilhado um “excelente programa de reformas”. A grande questão colocada por Schmidt é a de que, para o PI, o PC nada mais é do que a incapacidade de lidar com a realidade e, portanto, as “vacas sagradas” devem ser contestadas (algo que ele diz fazer no *Guia*, pois, para o autor, os presidentes do Brasil são “monarcas sem coroa” e todos os seus governos, independente dos vieses, carregaram informações e situações consideradas como verdades incontestáveis).

De toda forma, contestar a realidade exige determinados embasamentos teóricos, para além da opinião. Tendo isso em mente, o fato de ser considerado academicamente ficcional descredibiliza, em certos pontos, o *Guia* enquanto material científico. Porém, a característica da curiosidade faz com que haja a evidência de vozes incomuns à historiografia tradicional no que diz respeito à vida pessoal dos presidentes da República e, conseqüentemente, às pessoas ao seu redor, mesmo que de forma secundária. Nessa perspectiva, no conteúdo interno dos capítulos, é possível identificar outras mulheres além de Dilma Rousseff. Essas figuras aparecem em papéis periféricos como mães, filhas, esposas, amantes e jornalistas, mas, apesar de comporem os *bastidores* da política, influenciam diretamente na política do Brasil, seja enquanto assunto de alguma enunciação, seja enquanto enunciadoras que exprimem opiniões acerca do governo do homem à frente da presidência. Desse modo, há uma exposição maior da vida pessoal das personagens, para além da vida pública. A partir disso, o *corpus* de nossa pesquisa (vide Anexos 1 e 2) organiza-se através de trechos retirados do *Guia*, nos quais identificamos a presença de mulheres enquanto enunciadoras ou enquanto assunto. Com base nisso, buscamos identificar uma representação que sirva como retrato da mulher no período da República pelo viés politicamente incorreto, o qual pode coincidir, ou não, com imaginários tradicionais já estabelecidos (vide Capítulo 1).

Temos consciência, no entanto, de que o *Guia* faz uma imitação da República brasileira em suas páginas, reproduzindo um cenário que utiliza personagens reais de forma ficcional, o que torna necessário estabelecer limites entre a história do *Guia* e a Historiografia Tradicional. Levando isso em conta, a análise de nossa pesquisa considera a situação de comunicação interna e ficcional do *Guia*, conceito que será melhor explicado nos capítulos seguintes, e compreende que, apesar de falar um pouco mais sobre mulheres específicas, o livro reproduz estereótipos e informações carregadas de juízo de valor. Nesse sentido, reconhecemos, novamente, o caráter ficcional do *Guia* e, também, o fato de que utilizar de personagens reais não faz com que uma verdade<sup>31</sup> seja retratada, uma vez que essa narração indica, até mesmo, pensamentos e confissões privadas de algumas das figuras.

---

<sup>31</sup> Venancio (2021) afirma que a noção de verdade em História refere-se a procedimentos de contraste. Ou seja, “é preciso compreender o contexto de produção da fonte e seu conteúdo” (Venancio, 2021, p. 4). Nesse sentido, como demonstrado, a dificuldade de encontrar determinadas fontes, a evidente reprodução de supostas falas privadas, ou anedotários, e até mesmo o simples fato de modificar o contexto de produção em prol de uma narrativização (ou contação de história) fazem com que essa noção de verdade seja questionada no *Guia*.

## **CAPÍTULO 3**

# **TEORIA SEMIOLINGUÍSTICA, GÊNEROS SITUACIONAIS E REPRESENTAÇÕES SOCIODISCURSIVAS**

Este capítulo, constituído de três seções, apresenta, de forma teórica, as abordagens e categorias de análise a serem utilizadas em nossa pesquisa. Assim, na seção 3.1., falaremos sobre a Teoria Semiociológica de Patrick Charaudeau e seus aparatos teórico-metodológicos relevantes para nossas análises, principalmente no que diz respeito aos atos de comunicação e à enunciação; em 3.2., discutiremos as proposições de Bakhtin (2016), Charaudeau (2004; 2008; 2016) e Maingueneau (1997; 2004) a respeito do conceito de Gêneros Discursivos, pois, cada excerto do *corpus* do presente trabalho compreende uma *cena interna ficcional*, a qual reproduz interações suportadas por circunstâncias materiais que podem coincidir com a identificação de determinados gêneros (entrevista, diário, pronunciamento etc.); por fim, na seção 3.3., discutiremos sobre o conceito de representação sociodiscursiva no que diz respeito aos conceitos de Heterogeneidade Mostrada, Imaginários sociodiscursivos e *ethos*, pois, com isso, buscaremos identificar, descrever e compreender, isto é, analisar como as representações são construídas no *Guia*.

### 3.1. NOÇÕES BÁSICAS DA TEORIA SEMIOLINGUÍSTICA

A teoria semiociológica, para Charaudeau (2016), utiliza de um método duplo que combina elementos semióticos e linguísticos para analisar a comunicação verbal e não verbal. Essa teoria se concentra na análise do ato de linguagem que “não pode ser concebido de outra forma a não ser como um conjunto de atos significadores que *falam* o mundo através das condições e da própria instância de sua transmissão” (Charaudeau, 2016, p. 20 – grifo do autor). A semiociológica considera, então, tanto o contexto – interno ao ato de linguagem – quanto a situação de comunicação – externa – (Charaudeau, 2016).

Nesse sentido, podemos perceber a situação de comunicação considerando três tipos de características dentro de uma situação de troca: as físicas; identitárias; e contratuais. Essas características ajudam a apreender quadros e contratos de comunicação (a serem descritos abaixo), além de permitirem compreender as interações também por um viés social. Ou seja, a análise do discurso concentra-se em assimilar como a linguagem é usada para persuadir, influenciar e construir significados em contextos sociais diversos. Isso porque, para Charaudeau (2008b), a palavra (discurso) está relacionada ao poder<sup>32</sup>, do mesmo modo como também está relacionada à ação.

---

<sup>32</sup> No âmbito de nossa pesquisa, refere-se ao poder político.

### 3.1.1. QUADROS DE COMUNICAÇÃO

Charaudeau (2016) determina que o ato de linguagem é duplo e se trata de um jogo entre o explícito e o implícito. Logo, a situação de comunicação (*mise en scène*) compreende um espaço externo (do fazer) e um espaço interno (do dizer), como apresentado na figura abaixo:

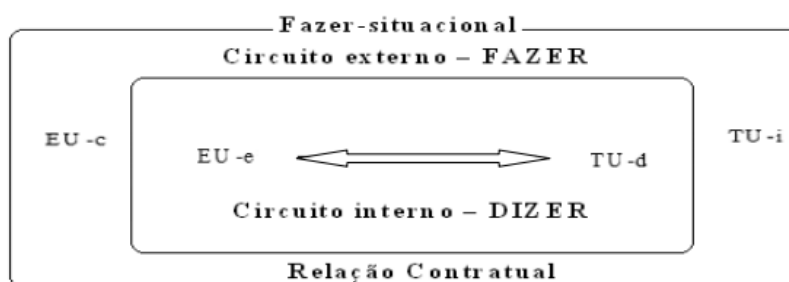


Figura 1: Quadro de comunicação de acordo com Charaudeau (2016)

Além disso, o quadro apresenta, também, os sujeitos responsáveis pela interação linguageira que, no circuito externo, refere-se ao EUC (comunicante), responsável pela locução, e ao TUI (interpretante), qualquer sujeito que venha a ter contato com o enunciado produzido. Esses seriam os sujeitos considerados *parceiros* do ato de comunicação; já no circuito interno, tem-se os sujeitos *protagonistas* identificados pelo EUE (enunciador), responsável pela enunciação, e o TUD (destinatário), sujeito idealizado pelo EUC.

Em nossa pesquisa, os enunciados que constituem o *corpus* (vide Anexo 2) apresentam características semelhantes a cenas de teatro, pois reproduzem diálogos e interações entre personagens que se coincidem com figuras públicas da política brasileira. A isso, podemos considerar, na esteira de Mello (2004), o conceito de *cenas internas ficcionais*. Sobre isso, Mello (2004, p. 94) afirma que, “existe, no mínimo, uma dupla enunciação no texto dramático” onde “temos personagens [...] que imitam, que representam e ‘fingem’ estar no mundo real, com seus interlocutores comunicantes e interpretantes” (Mello, 2004, p. 94). Assim, por mais que o quadro tenha sido idealizado considerando o Discurso Dramático, é possível utilizá-lo como base para apreender as cenas de nossa pesquisa, pois o *Guia* se enquadra nas descrições internas e externas a serem expostas.

Essas cenas são identificadas no circuito interno do quadro abaixo, uma adaptação do quadro comunicacional de Charaudeau (2016) proposta por Mello (2004), em que EUE’, TUD’ e TUI’ constituem personagens do teatro interpretadas pelos outros sujeitos do quadro:

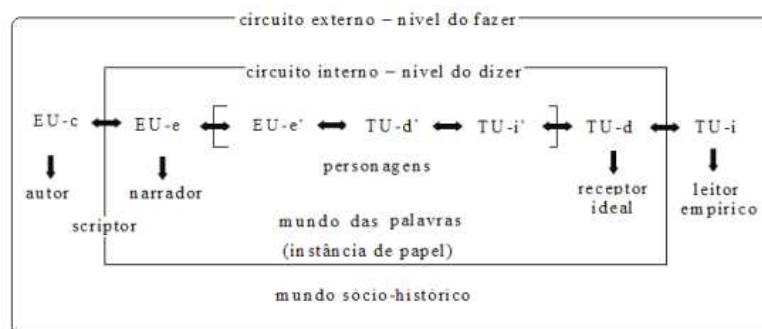


Figura 2: Quadro comunicacional das cenas internas ficcionais de acordo com Mello (2004)

Nesse sentido, EUE passa a ser o narrador que se dirige a um TUD ideal o qual pode coincidir com o leitor empírico do livro, enquanto que, nas cenas internas, a nova identidade EUE' direciona-se a um destinatário ideal (TUD') em cada uma das cenas internas (vide apêndice D), e esse TUD' pode ser correspondente ao receptor real da enunciação (TUI'). Ou seja, o processo reproduzido é o mesmo, porém de forma interna e ficcional. Não obstante, apesar de não o considerarmos em nossa análise, o circuito externo também se modifica, em que EUC refere-se ao autor da obra e TUI ao leitor empírico que terá contato com a mesma. Além disso, surge o conceito de *scriptor* que, conforme Vale (2009, p. 42), é a “instância responsável por colocar a ficção em movimento”.

No *Guia*, narrador e autor encontram-se em um “entre-lugar”. Ou seja, reconhecemos a confluência da imagem de ambos ao longo do texto, porém, com a diferença de que o primeiro está em uma posição intradieгética (interna à obra) e o segundo extradieгética (externa à obra). Entretanto, ao assumirmos o livro como ficcional, consideramos, para análise, as situações discursivas intradieгéticas, indicando que o sujeito narrador se situa no universo da ficção. Porém, como forma de contextualização dessas situações, foi preciso compreendermos o contexto de produção do livro e determinados ideais autor em âmbitos externos ao *Guia* (vide Capítulo 2).

Com efeito, o quadro de Mello (2004) permite que identifiquemos os sujeitos do ato interno ficcional, o qual segue, de todo modo, os mesmos parâmetros que o ato de comunicação apresentado por Charaudeau (2016). Desse modo, mostra-se importante considerar que a situação de comunicação institui restrições (Charaudeau, 2004) relacionadas a um jogo comunicacional que resultam na necessidade da descrição de um contrato de comunicação (Charaudeau, 2006).

### 3.1.2. O CONTRATO DE COMUNICAÇÃO

A partir da possibilidade de apreensão das identidades dos *parceiros*, torna-se necessário que discutamos sobre o conceito de *contrato de comunicação* que, para Charaudeau (2008a, p. 130), o contrato de comunicação “é a condição para os parceiros de um ato de linguagem [EU-c e TU-i] se compreenderem minimamente e poderem interagir, *co-construindo o sentido*, que é a meta essencial de qualquer ato de comunicação”. Para descrever esse contrato, Charaudeau (2006) aponta que é preciso levar em consideração as características discursivas e da situação de troca. Ou seja, *dados externos*, referentes à circunstância material na qual ocorre o ato; e *dados internos*, que se referem às *identidades dos parceiros*, à *finalidade* (visada predominante) e ao *propósito* (tema).

São as visadas (restrições situacionais) que “correspondem a uma intencionalidade psico-sócio-discursiva que termina a expectativa (*enjeu*) do ato de linguagem do sujeito falante e, por conseguinte, da própria troca linguageira” (Charaudeau, 2004, p. 5). Ou seja, são elas que determinam o teor da interação, podendo ser de informação, prescrição, incitação, solicitação, instrução, demonstração (Charaudeau, 2004) a depender dos outros componentes do contrato, os quais ajudam a determinar, também, as restrições discursivas, expressas pelos Modos de Organização do Discurso (2016). Charaudeau (2016) propõe a existência de quatro modos: enunciativo, descritivo, narrativo e argumentativo. No âmbito de nossa pesquisa, focaremos no Modo Enunciativo, pois os textos que compõem nosso *corpus* (vide anexo 2) referem-se às falas diretas das personagens históricas trazidas pelo *Guia*.

### 3.1.3. O MODO DE ORGANIZAÇÃO ENUNCIATIVO

Para Charaudeau (2016), o enfoque do modo enunciativo recai sobre os agentes da fala que existem dentro da linguagem. Em outras palavras, o comportamento do sujeito que está falando é determinado com base no que está sendo dito, para quem está sendo dito e na maneira como está sendo dito. Portanto, classificamos os seguintes tipos de comportamento: *alocutivo*, *elocutivo* e *delocutivo* e de suas subcategorias, em que há inserção tanto do locutor quanto do interlocutor (estabelecendo algum tipo de hierarquia), apenas do interlocutor, ou de nenhum dos dois, respectivamente.

Para o ato *alocutivo*, Charaudeau (2016) expõe haver dois tipos de papéis languageiros da enunciação. No primeiro, o locutor/enunciador coloca-se em uma posição superior à do interlocutor e estabelece uma *relação de força* com o mesmo, considerado inferior, por meio das modalidades de injunção, interpelação, autorização, aviso, julgamento, sugestão e proposta (Charaudeau, 2016, p. 85), a depender das marcas linguísticas, do contexto de produção e da finalidade (visada) da interação. No segundo papel, o falante ocupa uma posição inferior à do interlocutor, como alguém que necessita dos saberes do segundo e, logo, deve fazer uma abordagem menos incisiva, a qual ocorre entre a interrogação e a petição.

No comportamento *elocutivo*, a relação de influência entre locutor e interlocutor é apagada e o ponto de vista do enunciador é apresentado a partir de modalidades como: constatação, saber/ignorância, opinião, apreciação, obrigação, possibilidade, querer, promessa, aceitação/recusa, acordo/desacordo, declaração e proclamação (Charaudeau, 2016, p. 85), a depender das especificações enunciativas referentes a cada categoria de língua.

Já no *delocutivo*, o enunciador exhibe como o mundo se impõe e como o “outro” diz por meio das categorias de asserção, a qual se desdobra em modalidades que correspondem ao modo elocutivo, a depender da impessoalidade, ou do discurso relatado, que se divide em citado, integrado, narrativizado e evocado. Assim, o falante, assim como o interlocutor, é “apagado” do ato de enunciação. Esse apagamento pode ser utilizado como uma estratégia, pois, ao retirar-se da fala e constatar algo no mundo, o locutor pode justificar alguma atitude sem que a responsabilidade recaia somente si. Além disso, o discurso relatado também pode ocorrer por citação; integração; narração ou evocação.

Em nossa pesquisa, a pertinência em depreender os atos enunciativos nos textos do *corpus* de modo individual (vide Apêndice F) encontra-se no fato de que esses atos indicam as relações de poder estabelecidas entre os sujeitos da enunciação, o que contribui para a compreensão da forma como as vozes femininas são postas no *Guia*, quando o são. Além disso, essa depreensão ainda contribui para identificar a forma como gêneros discursivos orais e escritos são reproduzidos no *Guia*, de maneira secundária, e, até mesmo, para identificá-los de acordo com as características relativamente estáveis (Bakhtin, 2016). Não obstante, os atos enunciativos colaboram para interpretar a visão do narrador a respeito das personagens e, também, a visão das próprias personagens sobre os assuntos tratados e sobre a representação

da mulher, já que a mesma ocorre, no *Guia*, através das vozes presentes na obra de Schmidt (sejam elas masculinas, femininas ou do próprio narrador).

### 3.2. GÊNEROS DISCURSIVOS: DEFINIÇÕES E PROPOSTAS

Conforme Maingueneau (2004, p. 59 – grifos do autor), “todo texto pertence a uma categoria do discurso, a um *gênero de discurso*”. Nesse sentido, é preciso considerar que, para a realização da presente pesquisa, depreendemos o *corpus* a partir de um recorte do *Guia*<sup>33</sup> enquanto uma “narrativa histórica ficcional” (vide capítulo 2). Sob essa ótica, percebemos que os excertos gerados através desses fragmentos se assemelham a certos gêneros do cotidiano, como conversas, fofocas, diálogos entre marido e mulher, entrevistas, pronunciamentos, por exemplo. Dessa forma, mostra-se importante levar em conta, além dos sujeitos e os contratos, os possíveis gêneros a serem identificados nos excertos, os quais chamamos de *cenar internas ficcionais* conforme os pressupostos de Mello (2004) acerca deste conceito. A partir disso, propusemos um panorama comparativo sobre considerações de Bakhtin (2016); Maingueneau (1997; 2004); e Charaudeau (2004; 2008; 2016) sobre gêneros discursivos de forma geral e no âmbito dos gêneros possivelmente identificados nos enunciados recortados do *Guia*.

Nessa perspectiva, para Bakhtin (2016), um enunciado é delimitado por um início e um fim, sendo aquilo que o precede enunciados de outrem (iniciados e findados em si mesmos) e o que o sucede respostas de outros. Além disso, seu conceito de gênero envolve a dicotomia entre gêneros primários e gêneros secundários, em que os primários são reformulados pelos secundários, o que torna possível a identificação do sujeito sobre o gênero com o qual se depara, já que “falamos apenas através de determinados gêneros do discurso” (Bakhtin, 2016, p. 12). Essa percepção se dá devido ao fato de que gêneros possuem a característica de serem relativamente estáveis, ou seja, existe um limite entre as características fixas de um gênero e as características “flutuantes” que não alteram, em teoria, a categoria de determinado enunciado.

---

<sup>33</sup> Em Reis; Vale (2022) é possível encontrar uma discussão mais profunda a respeito do gênero “guia”, visto que o escopo de análise girava em torno da representação do “príncipe”, ou seja, dos próprios presidentes. Nesse sentido, foi necessário considerar o livro de forma geral. A seguinte pesquisa, proposta a partir de um desdobramento das anteriores, foca na análise das *cenar internas ficcionais*, as quais utilizam o *Guia* como um suporte de tentativas de reprodução desses outros gêneros. No entanto, é importante destacar a relação do gênero “guia” com questões da história, uma vez que, em outras situações (como n’*O Príncipe*, de Maquiavel), foi utilizado para orientar governantes. No caso do *Guia*, todavia, vemos uma tentativa de reproduzir ideologias e opiniões mascaradas de verdades, utilizando de ferramentas e estratégias que acabam gerando uma “noção de verdade” para seu público-alvo.

Já para Maingueneau (1997), a Análise do Discurso (doravante AD) deve se preocupar com a reflexão em torno do gênero, pois “os enunciados dependentes da AD se apresentam, com efeito, não apenas como fragmentos de língua natural [...], *mas também como amostras de um certo gênero do discurso*” (Maingueneau, 1997, p. 34 – grifos do autor). Ou seja, interações linguageiras, sejam orais ou escritas, em âmbito cotidiano ou formal, deve ocorrer através de gêneros. Assim, para além da dicotomia dos gêneros primeiros e segundos, o autor também disserta sobre gêneros conversacionais (do cotidiano) e instituídos. Para ele, os gêneros “conversacionais” são instáveis e não podem ser bem definidos (o que não significa dizer que não devem ser considerados para análise); enquanto os instituídos dividem-se entre autorais e rotineiros e seriam considerados socialmente institucionais (Maingueneau, 2006).

Neste ínterim, Charaudeau (2004, p. 24) define que enunciados, vagamente, compõem um “nível mais engajado na realização discursiva”. Sobre isso, ele afirma que os gêneros, apesar da grande dificuldade de defini-los, são situacionais, ou seja, dependem da situação de comunicação, a qual “determina, através das características de seus componentes, as condições de produção e de reconhecimento dos atos de comunicação, condições de enunciação sob seu aspecto externo” (Charaudeau, 2004, p. 26). Para o autor, “aceitar que existe gêneros é reconhecer que a produção linguageira é submetida a restrições” (Charaudeau, 2004, p. 3), logo, considerando que o discurso possui uma ancoragem social e apresenta-se por meio de atos de comunicação, essas restrições são situacionais (que se ligam à *finalidade* do contrato de comunicação), discursivas e formais, relacionadas aos Modos de Organização do Discurso (Charaudeau, 2016).

No contexto do *Guia*, consideramos que os excertos que compõem o *corpus* são recortes que, analisados enquanto *cenários ficcionais* (Mello, 2004), tornam possível a identificação de certos gêneros, os quais estão discursivizados no *Guia* a partir da reprodução de características de gêneros escritos (*carta pessoal, bilhete, diário*) ou orais (*conversa cotidiana, pronunciamentos, entrevistas, debates, relatos*), identificados através de uma *estabilidade relativa* (Bakhtin, 2016) ou da indicação do próprio narrador<sup>34</sup>.

---

<sup>34</sup> “Ele, que nunca se afastara da família antes, *escreveu*, “a bordo do paquete Maranhão, alto-mar, na altura da terra do Ceará, em 14 de junho de 1906, às nove horas e meia da noite’ [...]” (Texto 02, Anexo 2 – grifo nosso).

Podemos perceber, no entanto, diálogos entre as personagens que podem constituir uma conversa cotidiana. Para Maingueneau (1997), assim como uma conversa de bar, por exemplo, não seria simples analisar, pelo viés da Análise do Discurso, uma conversa rotineira (seja em um gabinete ou seja na própria casa), pois não há coerções enunciativas suficientes para tal. Entretanto, considerando que o *corpus* de nossa pesquisa tem apoio em um gênero secundário e esses diálogos têm o Discurso Político como tema, a análise desses enunciados e a identificação dos mesmos enquanto conversa cotidiana se torna possível e essencial para a busca pelas representações, já que os gêneros interferem nas imagens dos sujeitos (vide Capítulo 4), as quais não devem ser consideradas de maneira individual e, muito menos, excludentes (um mesmo personagem pode ser marido, presidente, filho, irmão etc., assim como esposa, mãe, filha, adversária etc.), mas que identificam situações nas quais, geralmente, figuras públicas da política não são expostas.

Destarte, em concordância com os teóricos utilizados em nossa reflexão, a discussão a respeito dos gêneros do discurso gera diversas problemáticas. Primeiro em relação ao conceito em si, segundo em relação ao uso. Entretanto, as teorias nos dão ferramentas e fundamentos para tentar investigar, pouco a pouco, essas questões. No que diz respeito ao *Guia*, as indagações e ponderações permitem começar a responder parte das perguntas que orientarão o próximo capítulo: Como funciona o discurso, que se diz politicamente incorreto, sobre a República e qual seria o papel da mulher nesse contexto?

### **3.3. REPRESENTAÇÕES SOCIODISCURSIVAS: DEFINIÇÕES E CATEGORIAS**

#### **3.3.1. A HETEROGENEIDADE MOSTRADA**

A Heterogeneidade Mostrada (doravante, HM) é um conceito que se caracteriza por dispor de marcas explícitas de outras fontes na superfície discursiva de certo enunciado. Foi elaborado na psicanálise lacaniana e apropriado, na AD dos anos 80, por Authier-Revuz (2004), que a estabelece como a manifestação das formas de “negociação” (estratégias discursivas) entre sujeitos, associada, também, ao dialogismo de Bakhtin. Posteriormente, Maingueneau (1997), cujas definições serão consideradas em nosso trabalho, tornou a refletir sobre este termo.

A heterogeneidade, definida como um “composto de elementos variados” (Michaelis, 2015) não se trata, entretanto, de uma concepção tão simples. Maingueneau (1997, p. 75) explica que “o levantamento exaustivo e a classificação das marcas de heterogeneidade representam

uma tarefa perigosa, talvez impossível”. A partir disso, o autor descreve um conjunto de mecanismos inicialmente suficientes para a Análise do Discurso. Nesse sentido, tem-se, enquanto categorias da HM em Maingueneau (1997):

1. a *polifonia*, que, grosso modo, torna possível identificar os sujeitos da enunciação. Ou seja, as vozes presentes nos enunciados, mesmo que implícitas;
2. a *pressuposição*, considerada um dos objetos de análise da polifonia e utilizada como forma de distinguir os sujeitos da enunciação;
3. a *negação*, outro objeto de análise da polifonia, divide-se entre negação metalinguística (que contradiz a si mesma), polêmica (que refuta um enunciado anterior, implícito ou explícito) e descritiva (que descreve o estado das coisas, podendo gerar uma afirmação positiva). Para a AD, a negação mais relevante seria a polêmica;
4. o *discurso relatado*, direto ou indireto, que é identificado pelos verbos *dicendi* ou verbos do dizer;
5. as *palavras entre aspas*, ou seja, citações diretas as quais não possuem uma ruptura sintática;
6. o *metadiscurso do locutor*, em que há um distanciamento do locutor na produção discursiva através de marcadores como “ou melhor” e “de alguma forma”;
7. a *parafrasegem*, que “consiste em colocar-se em uma posição de exterioridade relativa face à sequência de seu próprio discurso” (Maingueneau, 1997, p. 96);
8. o *discurso indireto livre* não possui marcas claras da heterogeneidade. Na verdade, ele “institui um jogo na fronteira entre discurso citado e discurso que cita” (Maingueneau, 1997, p. 98)
9. a *ironia*, assim como a categoria anterior, não possui marcas claras da heterogeneidade. Nesse caso, tem-se o dito pelo não dito, geralmente identificado através do contexto e da capacidade de interpretação dos sujeitos da interação linguageira;
10. a *autoridade, provérbio e slogan*, os quais não são de responsabilidade do enunciador e funcionam, como implica a nomenclatura, conforme uma “citação de autoridade”;
11. a *imitação*, que possui valores de captação e subversão de gêneros e textos singulares;
12. o *pastiche*, uma espécie de imitação que se afasta do *corpus*.

No que diz respeito à nossa pesquisa, o conceito de HM se faz necessário para identificar os gêneros discursivos através da recorrência de características em comum (pela imitação, através dos valores de captação e subversão). Entretanto, essa Heterogeneidade também pode ser interpretada como uma forma de intertextualidade marcada pelo discurso relatado. Já que, em relação à representação da mulher no *Guia*, a HM apresenta-se de forma indireta (pela narração) ou direto (pelas próprias personagens).

Em outras palavras, o autor do *Guia* utiliza da estratégia de retomada de outros discursos para ilustrar suas afirmações, pois “o locutor citado aparece, ao mesmo tempo, como o não-eu, em relação ao qual o locutor se delimita, e como a ‘autoridade’ que protege a asserção” (Maingueneau, 1997, p. 86). Isso mostra-se representativo, pois, como forma de “provar um ponto”, o autor utiliza da narração e de outras personagens enquanto sujeitos críveis (dentro do contexto de enunciação proposto) e acaba por gerar certas imagens.

### **3.3.2. ESTEREÓTIPOS, IMAGINÁRIOS SOCIODISCURSIVOS E PAPÉIS SOCIAIS**

De acordo com Barbosa (2007, p. 353), “a experiência histórica é o resultado da atuação conjunta de homens e mulheres que compõem a sociedade e nela vivem”. Ainda segundo a autora, podemos identificar diversos trabalhos que tratam da presença da mulher ao longo da história, porém, “essa linha de investigação, além de marginal, não atesta na verdade o que foi a vida da mulher ao longo da história, mas, pelo contrário, identifica-se como uma história vista pelo olhar masculino” (Barbosa, 2007, p. 353-354). Nessa perspectiva, sobre o olhar do *outro* acerca de um grupo social que compartilha características em comum, podemos associar o conceito de Estereótipo. A respeito disso, Amossy (2008, p. 215) afirma que as ciências sociais vêem o estereótipo como “uma representação coletiva cristalizada” e que se trata, então, da “imagem do francês, da mulher, da bandeira... que circula em uma certa comunidade. Uma série de atributos obrigatórios<sup>35</sup> são assim ligados a uma categoria” (Amossy, 2008, p. 215), além de ser “entendido [...] no sentido de sistema coletivo fixo, representação do outro e de si que os membros de um grupo criam” (Amossy, 2011, p. 147), o que pode envolver questões de hegemonia e poder (no sentido *foucaultiano* do termo).

---

<sup>35</sup> Características físicas, políticas ou ideológicas socialmente disseminadas.

Como nosso trabalho, no entanto, possui foco em questões de representação e imaginários sociodiscursivos, consideraremos as definições de Charaudeau (2007) acerca dos estereótipos. Para o autor, é necessária a repetição de características semelhantes por certo grupo de pessoas para que um estereótipo se consolide. Em vista disso, “ele designa a sistematização excessiva, a simplificação abusiva que deforma a realidade e que, encerrando um grupo em uma imagem falseada, o entrega ao preconceito, até mesmo à discriminação”. Sobre essas questões de discriminação e preconceito desencadeadas pelo estereótipo, Charaudeau (2007, p. 573) explica que,

por um lado, defendemos a ideia de que o estereótipo tem a necessidade de uma função de estabelecimento do vínculo social, a aprendizagem social ocorre com a ajuda de ideias comuns em repetição como garantia das normas de julgamento social; por outro lado, rejeitamos o estereótipo porque ele distorceria ou mascararia a realidade (Charaudeau, 2007, p. 1 – tradução nossa).<sup>36</sup>

Ou seja, por mais que haja a promoção de desempenhos de papéis de vínculo social, a terminologia do estereótipo acaba por focar mais no preconceito por trás dos ideais a respeito de um grupo, do que em sua função social, justamente por ser dotado de julgamento (seja ele verdadeiro ou falso). Contrário, então, à manutenção deste conceito, Charaudeau (2007) propõe que é mais valioso, para a Análise do Discurso, pensar em termos de *Imaginários Sociodiscursivos*, isso porque,

o imaginário é um modo de apreensão do mundo que nasce na mecânica das representações sociais, que, como dissemos, constroem significado sobre os objetos do mundo, os fenômenos que ali ocorrem, o ser humano e seu comportamento, transformando a realidade em real significante. Ele resulta de um processo de simbolização do mundo de ordem afetivo-racional por meio da intersubjetividade das relações humanas, e fica depositado na memória coletiva (Charaudeau, 2007, p. 3 – tradução nossa)<sup>37</sup>.

Nesse sentido, tendo em mente que a noção de imaginário sociodiscursivo parte das ciências sociais e que sua definição seja importante para a compreensão da representação de um grupo em relação a um coletivo, observemos, também, o conceito de *papel social* desenvolvido por Goffman (1985), considerado importante para o processo de representação. Isso porque, na maioria das vezes, os locais sociais que certos grupos ocupam na coletividade são

<sup>36</sup> No original: “d’un côté, on défend l’idée que le stéréotype a une fonction nécessaire d’établissement du lien social, l’apprentissage social se faisant à l’aide d’idées communes répétitives comme garantes des normes du jugement social, d’un autre, on rejette le stéréotype car il déformerait ou masquerait la réalité”.

<sup>37</sup> No original: “L’imaginaire est un mode d’appréhension du monde qui naît dans la mécanique des représentations sociales, laquelle, on l’a dit, construit de la signification sur les objets du monde, les phénomènes qui s’y produisent, les êtres humains et leurs comportements, transformant la réalité en réel signifiant. Il résulte d’un processus de symbolisation du monde d’ordre affectivo-rationnel à travers l’intersubjectivité des relations humaines, et se dépose dans la mémoire collective”.

influenciados pela forma como essa mesma coletividade os vê. Desse modo, para Goffman (1985, p. 25), “quando um indivíduo desempenha um papel, implicitamente solicita de seus observadores que levem a sério a impressão sustentada perante eles”. Essa impressão, entretanto, apenas possui adesão caso o indivíduo encontre-se em uma coletividade adequada a ela; ou a não ser que se crie uma imagem de si capaz de “iludir” a plateia (*ethos*). Antes de adentrarmos nas questões do *ethos*, no entanto, é preciso que compreendamos alguns papéis sociais associados ao gênero feminino.

Como destacado anteriormente, “o gênero é o produto social que atribuímos à noção de sexo biológico, são características e papéis imputados socialmente” (Melo & Thomé, 2018, p. 30). Ou seja, existem, e sempre existiram, certos comportamentos mais aceitáveis ou mais inadequados em relação à figura da mulher na sociedade em geral. Via de regra, os papéis sociais mais associados à imagem das mulheres são os de *mães, filhas, esposas* e qualquer outro relacionado ao lar, ao cuidado e ao ato de cuidar. Nas sociedades atuais, vem se tornando comum negar alguns desses papéis para assumir outros não tão “próprios” ou convencionais da mulher, mas, mesmo que em uma escala menor, uma mulher colocar-se enquanto figura pública política ainda gera estranhamento. Tanto que, em termos de credibilidade, ou as mulheres abrem mão da feminilidade<sup>38</sup> (para demonstrar certa potência<sup>39</sup>), ou acabam por reproduzir o discurso do cuidado materno e projetá-lo em suas propostas, como se ambos os papéis sociais não fossem capazes de coexistir, o que não é verdadeiro, dado que, em realidade, não é possível desassociar os papéis sociais desempenhados por alguém, mesmo que, em contextos diferentes, um se sobressaia em relação ao outro.

Sobre isso, Perrot (2007, p. 105) afirma que “as mulheres sempre trabalharam”, porém, tratava-se, até pouco tempo, de um trabalho “doméstico, da reprodução, não valorizado, não remunerado” (Perrot, 2007, p. 105). Nessa perspectiva, sabe-se, então, que as mulheres sempre ocuparam muitos espaços na sociedade, porém, foram reduzidas a “ajudantes”, pois,

o que se teme [são] as mulheres em público, as mulheres em movimento. A dissimetria do vocabulário ilustra esses desafios: homem público é uma honra;

---

<sup>38</sup> Em termos do imaginário socialmente aceito voltado ao que uma mulher deve ser e exprimir, além dos lugares que deve ocupar.

<sup>39</sup> Como, por exemplo, Margareth Thatcher (ex-primeira-ministra do Reino Unido, a “Dama de ferro”); Elizabeth II (Rainha do Reino Unido); Evita Péron (ex-primeira-dama da Argentina, também era atriz e ativista, foi apelidada de “Dama da esperança”); Cristina Kirchner (ex-presidenta da Argentina); Dilma Rousseff (ex-presidenta do Brasil).

mulher pública é uma vergonha, mulher da rua, do *trottoir*, do bordel. O aventureiro é o herói dos tempos modernos; a aventureira, uma criatura inquietante. A suspeita pesa sobre os deslocamentos das mulheres, principalmente das mulheres sozinhas (Perrot, 2007, p. 131 – grifo nosso).

Especificamente na política, Perrot (2007, p. 140) explicita que “tudo se complica quando ousam agir como homens. A fronteira do político se revela particularmente resistente. [...] A política, por muito tempo, foi uma fortaleza proibida”. Ou seja, o mundo político era, e ainda é, um mundo dominado por homens, um mundo de ação distante da passividade feminina. O que não significa dizer que a mulher não conquistou alguns direitos com o passar dos anos (vide capítulo 1).

### 3.3.3. *ETHOS*: AS IMAGENS DE SI

Retomando a questão do *ethos*, rapidamente citado acima, é preciso considerar que uma representação (ou concepção acerca de algo) pode ser criada através de duas formas, como podemos identificar em Vale (2022): a) representação através da descrição e/ou narração dos fatos (pelos modos de organização descritivo/narrativo); b) ou pelo discurso direto, a partir do modo enunciativo. Desse modo, tendo a enunciação como foco de nossa análise, mostra-se necessário, para além da posição que ocupa, descrever a forma como um grupo social consegue impor-se socialmente e contribuir para a construção de sua própria imagem. Charaudeau (2008b) explica que representação social exerce três funções sociais:

de “representação coletiva”, que organiza os esquemas de classificação, de ações e de julgamentos; de “exibição” do ser social por meio dos rituais, estilizações de vida e signos simbólicos que os tornam visíveis; de “presentificação”, que é uma forma de encarnação, em um representante, de uma identidade coletiva (Charaudeau, 2008b, p. 433).

Neste mesmo sentido, o autor determina que a noção de identidade, no geral, mostra-se importante para a ideia de representação, visto que essa noção permite a identificação dos sujeitos no mundo, pois a percepção do *outro* como diferente é a chave para a percepção de si como diferente do outro em um princípio de alteridade (Charaudeau, 2009).

É importante ressaltar, no entanto, que esse conceito de identidade se desdobra em dois: 1) a *identidade social*, que reforça a legitimidade da fala de um sujeito e, portanto, é responsável por dar esse direito à fala ao mesmo (de acordo com o papel que exerce na sociedade). Ela pode ser apresentada, também, como psicossocial, por conter marcas psicológicas do sujeito a

que se refere e pela legitimidade prévia; e a *identidade discursiva*, a qual é construída pelo próprio sujeito falante. É nesse ponto que se encontra o limite do *ethos*, e esse sujeito deve demonstrar credibilidade e captura para que essa identidade seja aceita pelo seu público (Charaudeau, 2009).

Para Maingueneau (2020), por exemplo, o *ethos* deve ser interpretado como sinônimo de caráter, conforme o traço aristotélico clássico, no qual “o destinatário constrói uma representação do locutor por meio daquilo que ele diz e de sua maneira de dizê-lo (Maingueneau, 2020, p. 9). Nesse sentido, o que ocorre em relação ao *ethos* se trata de uma co-construção de sentidos pelo viés da produção e, também, da recepção.

Já para Amossy (2011b, p. 9), “todo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si” e, a essa *imagem de si*, dá-se o nome de *ethos*. Além disso, “os antigos designavam pelo termo *ethos* a construção de uma imagem de si destinada a garantir o sucesso do empreendimento oratório” (Amossy, 2011b, p. 10), ou seja, essa imagem pode ser construída pela enunciação de acordo com o tipo de interpretação que o enunciador busca levar o interlocutor a fazer, coincidindo, ou não, com aquilo que ele realmente é. Desse modo, “as representações se configuram em discursos sociais que testemunham, alguns, sobre o saber de conhecimento sobre o mundo, outros, sobre um saber de crenças que encerram sistemas de valores dos quais os indivíduos se dotam para julgar essa realidade” (Charaudeau, 2008b, p. 433)

Para além da mera representação de si e da interpretação do interlocutor, Charaudeau (2008b) explica que a palavra está relacionada ao poder, assim como também está relacionada à ação. Desse modo, as identidades *social* e *discursiva* fazem parte de situações de comunicação como, por exemplo, a política e a publicitária (Charaudeau, 2009). Tendo isso em mente, é possível afirmar que existem estratégias do discurso político as quais podem ser utilizadas para que o enunciador alcance seus objetivos na sociedade, já que “todo ato de linguagem está ligado à ação mediante as relações de força que os sujeitos mantêm entre si, relações de força que constroem simultaneamente o vínculo social” (Charaudeau, 2008b, p. 17). Assim, é possível interpretar que é a partir das palavras que as pessoas políticas buscam alcançar seus objetivos, diretamente relacionados à *finalidade*, principalmente, e aos outros componentes do contrato de comunicação descrito por Charaudeau (2016).

Ainda sobre suas características principais, Charaudeau (2008b, p. 115) acrescenta que o *ethos* “enquanto imagem que se liga àquele que fala [...] é antes de tudo a imagem de que se transveste o interlocutor a partir daquilo que diz”. Logo, a forma como se enuncia, o tom de voz e o conteúdo de que se fala influenciam na imagem que o interlocutor cria do enunciador. Destarte, “as representações se configuram em discursos sociais que testemunham, alguns, sobre o saber de conhecimento sobre o mundo, outros, sobre um saber de crenças que encerram sistemas de valores dos quais os indivíduos se dotam para julgar essa realidade” (Charaudeau, 2008b, p. 433). Nessa perspectiva, Charaudeau (2008b) desenvolveu uma tipologia que se divide entre os *ethé* de credibilidade e os de identificação, nos quais pode-se identificar o *ethos* de sério, inteligente, humano, chefe, solidário, competente, e o de potência.

Considerando que essa tipologia pode receber novas categorias ou modificar a essência de outras existentes conforme a *finalidade* identificada, é importante dar atenção ao *ethos* de potência. No contexto político, a figura potente é definida como “uma energia física que emerge das profundezas terrestres, anima e impulsiona os corpos na ação” (Charaudeau, 2008b, p. 138). Outrossim, essa característica urge que “exista [...] um sistema de valores que dê importância ao espírito de [...] conquista, marca por excelência da potência masculina” (Charaudeau, 2008b, p. 139). A definição apresentada pode ser considerada como bastante estereotipada e até mesmo excludente, pois indica exclusividade da virilidade masculina para que seja identificada em um discurso. Todavia, a capacidade de *potência* também deve se estender às mulheres do *Guia*, assim como outros *ethé* (vide capítulo 4), uma vez que elas também ocupam papéis públicos de candidatas e adversárias políticas, ou, ainda, papéis de outros níveis sociais que contêm esse tipo de relação de força. Isso indica, então, que mulheres tanto produzem quanto são destinatárias de discursos munidos de potência. De toda forma, podemos afirmar que o *corpus*, em contraste com a discussão realizada neste tópico, permite inferir construções *ethóticas* por parte das mulheres enunciantes do *Guia*, assim como pelas interpretações de seus interlocutores. Nessa lógica, essas construções e interpretações serão identificadas ao longo do próximo capítulo.

## CAPÍTULO 4

# **REPRESENTAÇÕES DA MULHER NO DISCURSO POLITICAMENTE INCORRETO SOBRE A REPÚBLICA: ANÁLISE DAS CENAS INTERNAS FICCIONAIS DO *GUIA***

#### 4.1. A SITUAÇÃO DE COMUNICAÇÃO E A ENUNCIÇÃO DO *GUIA*

Neste capítulo, para avançarmos na busca pela representação da mulher, faremos a descrição do quadro de comunicação da cena geral do *Guia* nos moldes de Charaudeau (2016) e do seu contrato de comunicação (Charaudeau, 2006), pois a obra funciona como suporte para as *cenar internas ficcionais* a serem descritas conforme o quadro de Mello (2004) e seus respectivos contratos de comunicação ficcionais. Isso torna possível identificar os sujeitos responsáveis pelos atos de comunicação e suas intencionalidades. Consideraremos, também, a compreensão dos excertos no tocante aos conceitos de gêneros situacionais e suas restrições (Charaudeau, 2004). Além disso, aplicaremos, no *corpus*, categorias que geram interpretações de possíveis representações, as quais foram apresentadas no Capítulo 3.

##### 4.1.1. O NARRADOR

Considerando o *Guia* como um todo, no circuito externo de sua cena geral, deparamo-nos com EUc enquanto autor-escritor do *Guia* que, nesse caso, trata-se de Paulo Schmidt, escritor, tradutor, editor e ilustrador; e TU<sub>i</sub> representa qualquer pessoa que venha a ter contato com o *Guia*. No circuito interno, EUe refere-se ao narrador predominantemente em terceira pessoa, mas com algumas marcas em primeira pessoa<sup>40</sup>, o que nos leva a considerar que narrador e autor confundem-se em um mesmo sujeito; e TU<sub>d</sub>, público idealizado pelo EUc, que se identifica como uma população leitora curiosa em busca do pitoresco (dentro de sua matriz ideológica) que está além do viés técnico da política, o *cidadão médio* do Brasil, o qual dispõe, tipicamente, de ideais de direita. Quanto ao contrato de comunicação, as *identidades* dos parceiros do *Guia* referem-se ao autor (Paulo Schmidt) e ao público leitor geral; a *finalidade*, a visada predominante, é a de “fazer-saber” (informar, de maneira politicamente incorreta, como propõe o autor), porém, há outra visada bastante recorrente no texto, a de “fazer-prazer”, que representa a finalidade de entreter (vide apêndice A), pois o conteúdo do *Guia* é atribuído a um “leitor curioso” (TU<sub>d</sub>); o *propósito (tema)* seriam os Presidentes da República; por fim, a *circunstância* material seria monologal, por tratar-se de uma obra escrita.

---

<sup>40</sup> “Pois *meu* objetivo descarado nesta série de perfis biográficos é, justamente, resgatar o Henrique VIII, o Don Juan, o Napoleão, o Frankenstein ou o Jeca Tatu porventura existentes em nossos chefes de Estado” (Schmidt, 2016, p. 14 – grifo nosso).

Para além das cenas internas ficcionais a serem descritas posteriormente, é possível perceber, também, que existem cenas representativas da mulher nas produções discursivas do circuito interno do *Guia*, em que o narrador é o sujeito enunciador e o público-alvo da obra identifica o destinatário. Para diferenciar as cenas, separamos o *corpus* em duas partes, em que o espaço dedicado ao narrador está ordenado pelas indicações de A a Z e o das cenas internas está enumerado de 1 a 78.

A primeira diferença que podemos depreender a partir dos textos do narrador envolvem o fato de que o único Modo Enunciativo invocado é o Delocutivo, por asserções ou pelo discurso relatado citado ou narrativizado (vide apêndice C). Isso significa dizer, de certa forma, que o narrador procura retirar o seu ponto de vista, colocando a responsabilidade da afirmação no *outro* ou no mundo. O simples fato, entretanto, de escolher utilizar dessas informações, faz com que um posicionamento seja tomado, mesmo se servindo de uma espécie de “proteção de face”. Como exemplo, observemos o seguinte texto:

Texto E
Preso aos feitiços da moça, <b>diziam os maledicentes</b> , Hermes perdera o controle do governo, entregando a direção deste à vontade inquebrantável de Pinheiro Machado.

Quadro 1: Texto E

No Texto E (grifos nossos), podemos observar o discurso relatado narrativizado, em que o narrador indica algo que foi dito anteriormente apenas pelo verbo “diziam”, sem adicionar uma voz direta ao discurso, o que transforma a afirmação em uma especulação, e não em algo confiável, além de acionar uma forma de proteção de face do autor-narrador. Outrossim, considerando que os sujeitos da situação de comunicação se mantêm, o que muda entre os textos no contrato de comunicação são apenas o propósito (tema) e, algumas vezes, a visada. Aplicando ao texto E, o tema refere-se à influência de Nair (esposa) sobre o governo de Hermes (marido) e a visada interpretada seria a de fazer-saber, no sentido de gerar boatos. Não nos compete, aqui, adentrar pelo conceito do boato ou da fofoca, mas é preciso que o identifiquemos devido à característica politicamente incorreta do *Guia*, explicada no segundo capítulo do presente trabalho.

Já no texto C, além do discurso relatado narrativizado, observamos, também, o discurso relatado citado (grifos nossos):

Texto C
<p>Todavia, guardara na memória um aforismo de Stendhal: <b>“Uma mulher pertence de direito ao homem que a ama e que ela adora mais do que a vida”</b>. Resistindo, pois, à pressão da família, fugiu de casa e o casamento morganático se realizou em 6 de dezembro [...]”.</p>

Quadro 2: Texto C

Nessa situação, identificamos o texto enquanto parte do circuito interno do *Guia* e não como uma cena interna ficcional, pois a citação direta trata-se de parte da narração, e não de uma interação entre as personagens. Além disso, a escolha se confirma pela afirmação do narrador de que a reflexão estava “guardada na memória” de Anita. Em todo caso, o trecho coloca-se como o tema de justificativa das decisões de Anita (esposa de Peçanha) em relação ao casamento e a visada predominante é a de fazer-saber também no sentido de um boato ou fofoca, como uma “contação” de história. Isso porque, ao afirmar que teria acesso a pensamentos da personagem, pela forma como foi relatado, o narrador coloca-se como onisciente. Isso nos faz questionar, mais uma vez, os limites entre o caráter ficcional e não-ficcional do *Guia*, visto que Anita foi uma figura real, mas não há registros que confirmem a afirmação. Já em relação à citação de Stendhal, é possível fazer uma conexão com as considerações de Platão (2014) acerca da figura da mulher na antiguidade clássica (vide Capítulo 1) e que se estende, ao longo da história, para a mulher da República. Pois, apesar de o trecho analisado adicionar o fator do “amor”, a mulher ainda era vista como uma posse do homem.

Por conseguinte, outra forma como o Delocutivo acontece é pela asserção, como no Texto H, a respeito da relação de Arthur e Cléria Bernardes:

Texto H
<p>Em 1903, aos 28 anos, recebeu no altar Clélia Vaz de Melo, filha do senador Carlos Vaz de Melo, que introduziu o genro na política. O casamento com Clélia e com a vida pública durou mais de meio século, até que a morte os separou. Com muita paciência — sua maior virtude —, trabalho duro e um empurrãozinho do sogro, Artur chegou a presidente da Câmara de Viçosa, deputado federal e duas vezes secretário das Finanças do estado. Finalmente, sucedeu Delfim Moreira como governador de Minas Gerais, em 1918. Já em 1919, seu nome foi cogitado para a sucessão de Rodrigues Alves, prevalecendo, contudo, o “neutro” Epitácio, o que permitiu a Bernardes concluir o mandato.</p>

Quadro 3 – Texto H

De aparência meramente informativa, o excerto, na verdade, carrega mais do que a informação. Isso porque é possível identificar algumas marcas da importância do casamento enquanto uma “moeda de troca”, mesmo que não ocorrido nos mesmos moldes apresentados por Platão (2014). De todo modo, o narrador expõe que a ascensão de Bernardes ao poder deu-se devido à influência do sogro, a quem teve acesso através da esposa. O modo Delocutivo assertivo, aqui, espalha-se por todo Texto H, mas também carrega Juízo de valor pelo domínio do ético (a virtude).

Isso posto, podemos propor que o circuito interno também é responsável pela possível representação da mulher no *Guia* e, para avançarmos nessa busca, mostra-se necessária a descrição, então, das estratégias linguístico-discursivas trazidas pelas cenas internas ficcionais.

#### 4.1.2. AS CENAS INTERNAS FICCIONAIS

Ao contrário das cenas do narrador, as cenas internas ficcionais possuem diferentes sujeitos, que podem coincidir em alguns momentos. Ou seja, as personagens variam entre mulheres, exercendo papéis sociais distintos, e presidentes. Tendo isso em vista, consideremos alguns exemplos prototípicos do *corpus* proposto.

Observando os diálogos e monólogos, percebemos que existem enunciações próprias das mulheres, e enunciações de outras personagens sobre mulheres ou direcionadas a elas. A partir disso, contemplemos o texto 29:

Texto 29
No entanto, a doença da sua companheira inseparável era bem real. Com a sensibilidade que sempre o caracterizou, ele a apresentava no palanque dizendo: “Aqui está minha mulher, Eloá, segurando o microfone, CAN-CE-RO-SA!”

Quadro 4: Texto 29

Esse excerto nos apresenta a fala de Jânio Quadros a respeito de sua esposa. Isso ocorre através de uma enunciação feita por meio de um gênero discursivo que podemos perceber ser o comício, tanto pela descrição do narrador (indicação do palanque), quanto pela identificação do sujeito EUe’ (o enunciador) que se refere ao candidato, cujo TUD’ trata-se do público-alvo idealizado pelo enunciador (eleitores), e o TUi’ remete-se a seus possíveis eleitores e das

demais personagens com potencial de ouvinte pressupostos nas cenas ficcionais. O enunciador utiliza do modo Elocutivo sobremodalizado pelo Delocutivo em forma de constatação. Ou seja, apresenta um fato. Além disso, optar pelo Elocutivo faz com que percebamos que a situação de comunicação não busca uma resposta do destinatário. Isto é, o presidente enuncia para um público que deseja convencer, mas não se encontra em posição de dialogar.

Ademais, podemos afirmar, por identificarmos a predominância da visada de *fazer-sentir*, que a fragilidade da esposa de Quadros é utilizada pelo candidato como uma forma de sensibilizar seu interlocutor e indicar que, mesmo doente, tem o apoio de sua família. Essa assimilação é importante, pois as visadas “determinam a orientação do ato de linguagem como ato de comunicação em função da relação que o sujeito falante quer instaurar frente ao seu destinatário” (Charaudeau, 2004, p. 21). Assim, sensibilizar o interlocutor, nesse caso, poderia traduzir o objetivo de buscar uma eleição.

Em contrapartida, apesar de o foco de análise estar na enunciação da cena interna, devemos considerar, também, os elementos de narração do Texto 29. No trecho “Com a sensibilidade que sempre o caracterizou”, o narrador utiliza da estratégia da ironia, que “parte do pressuposto de que o que é dito não condiz com o que é pensado” (Reis; Vale, 2022, p. 13). Nesse sentido, dizer que o presidente era sensível e, logo depois, apresentar uma fala completamente insensível cujo objetivo era sensibilizar, mas não é cumprido, faz com que haja um direcionamento, em termos de efeito de sentido, da imagem de Quadros, mas ainda mantém a sensação de que a esposa o estava apoiando independente de seu quadro de saúde.

Por conseguinte, notamos que isso também ocorre no Texto 27, o qual carrega o mesmo EUE e tem como tema (propósito) a doença de sua mãe, porém com um destinatário diferente, sendo este um jornalista, e constituindo, então, as características do gênero entrevista. Nesse caso, Jânio utiliza do modo Elocutivo (ele se insere no discurso) através, também, da constatação de um fato. Ademais, o narrador utiliza o termo “brutalidade” para descrever a sensibilidade do presidente. Isso indica, mais uma vez, que as informações trazidas pelo *Guia* são dotadas de juízo de valor do próprio autor-narrador. De toda forma, retornando à cena interna, a visada de *fazer-sentir* mantém-se e podemos declarar que a ideia da fragilidade feminina (mesmo que pelo âmbito da saúde) é, nessa situação, uma estratégia de comover o interlocutor e, conseqüentemente, conquistar sua atenção (ou seu voto) pelo sentimento:

Texto 27
Em geral ríspido com as pessoas, a não ser que as quisesse cativar, sua brutalidade estendia-se aos entes mais queridos, como na ocasião em que apresentou a mãe ao jornalista Joel Silveira, em 1960: “Esta é a dona Leonor, minha mãe. Está com câncer já adiantado, irreversível!”

Quadro 5: Texto 27

Já na condição da mulher enquanto um dos sujeitos da enunciação, temos o seguinte exemplo:

Texto 06
<p>Por harmonioso que fosse o casal, havia uma diferença entre os dois. Nilo não guardava rancor, era adepto do “falem mal de mim, mas falem”; Anita, em contrapartida, não perdoava desfeitas ao esposo. Censurado por ela ao apertar a mão de um pasqureiro que o desmerecera, Nilo observou: “Para que a democracia vingue nesta terra, é necessário que alguém sofra.”</p> <p>Quando, presidente, formava ele o seu gabinete ministerial, Anita fazia objeções:</p> <p>— Então você nomeou para o Exterior o Barão, que nunca atendeu os seus pedidos de vice-presidente?</p> <p>— Você não ignora que Rio Branco é figura indispensável. Sua colaboração por si só honra qualquer governo.</p> <p>— E o Esmeraldino Bandeira, que sempre o atacou?</p> <p>— Preciso dele para reforçar minha posição política.</p> <p>— E o Leopoldo Bulhões? Para esse você não tem desculpa. Foi o indivíduo que amargurou sua administração no Rio, exigindo, em um momento de dificuldades, devolução ao Tesouro nacional da soma de impostos que você arrecadara.</p> <p>— Ah, é justamente de um desses que eu preciso! O Bulhões não deixará que passem calote no Tesouro. [...]</p>

Quadro 6: Texto 06

Apesar de ter sido retirado de um possível dispositivo oral no domínio do privado (de que não se tem conhecimento da origem) e ter sido transferido para um dispositivo escrito, o Texto 06 constitui a reprodução de um diálogo entre Nilo Peçanha e sua esposa enquanto discutem sobre práticas do fazer-político. Assim, a posição ocupada por Peçanha é o de presidente/pessoa política, além da posição de marido, pois os papéis sociais coexistem. Por isso, é possível afirmar que há marcas do Discurso Político, mesmo tratando-se de uma interação pertencente a um gênero hipoteticamente conversacional que, para Maingueneau (2006), não está diretamente associado aos lugares institucionais. Ou seja, há grande instabilidade em sua estrutura e seus assuntos tendem a ser variáveis, podendo ocasionar mudanças contínuas. Isso não impede, entretanto, que o fazer-político do presidente seja assunto de uma conversa com sua esposa.

Tendo isso em mente, identificamos uma mulher na posição de esposa questionando as escolhas políticas do marido/presidente em um contexto pessoal, fato que condiz com a proposta politicamente incorreta da obra analisada no que concerne a exposição da vida pessoal das figuras públicas da República. Assim, analisando as falas referentes a Anita, e considerando a expressão “fazia objeções” indicada pelo narrador, é possível identificar que a visada predominante, além de *fazer-saber*, seria a de *fazer-fazer-saber*, pois a esposa procura compreender os motivos de o marido ter escolhido pessoas que, segundo ela, talvez não fossem tão confiáveis para compor o gabinete ministerial. Além disso, o diálogo ocorre através do modo de enunciação Alocutivo pela interrogação de Anita, em uma relação de petição, e pela réplica de Peçanha (geralmente na subcategoria de Obrigação), em que ambos (locutor e interlocutor) inserem-se no discurso. Desse modo, o papel que Anita ocupa, no contexto do trecho no *Guia*, vai para além do papel social de esposa e influencia diretamente no fazer-político de Peçanha enquanto presidente. Apesar de não fazer parte das escolhas, ela faz com que o presidente justifique as dele que, para muitos, podem não ter sido as melhores.

Ademais, uma outra questão que pode ser levantada com base no Texto 06 é a de que Anita, segundo a narração, “não perdoava desfeitas ao esposo” e o censurava quando ele aceitava cumprimentos daqueles que o insultaram, demonstrando imposição. Sobre isso, Aristóteles (2019) afirma que homens devem saber se impor, enquanto mulheres virtuosas devem saber obedecer (vide Capítulo 1) e, além disso, para o Filósofo, “a mulher passaria por atrevida se não fosse mais reservada do que um homem em suas palavras” (Aristóteles, 2019, p. 42). Nesse sentido, apesar de, inicialmente, levar a interpretar que os trechos dedicados a Anita passem a imagem de uma mulher forte, na verdade, o que o *Guia* faz é expor a fragilidade e ingenuidade do presidente, considerando que seu foco principal seja os presidentes, enquanto a mulher é apresentada como controladora e rancorosa.

Ainda sobre essa posição de controle, em outra situação, dispomos do Texto 24, em que Juscelino Kubitschek fala sobre a esposa Sara a um amigo em tom de queixa, mas ela mesmo não está inserida enquanto participante do ato de comunicação:

Texto 24
Durante o exílio, JK queixava-se a um amigo: — Minha vida é um inferno... aqui são os militares, em Portugal é a Sara!

Quadro 7: Texto 24

Nesse caso, a visada de *fazer-sentir* encontra-se bastante presente, porém mais no sentido de fazer sentir pena de si mesmo, pois além do exílio político, JK também passava por restrições em seu próprio lar. Novamente, como discutimos nos capítulos anteriores, a mulher volta a ser associada à casa, ao lar e à família. No entanto, isso é feito, aqui, através de uma comparação ou analogia diferente e até mesmo bélica, a qual sobremodaliza a subcategoria de Opinião do modo Elocutivo. A imagem de Sara é assimilada à imagem de militares. Seria essa a força de que se disporia a potência feminina nos bastidores da República? Além disso, há mulheres em posição de protagonismo além da presidente?

Para chegarmos a uma resposta em relação a isso, é preciso, entretanto, que compreendamos nossos enunciados em outras estratégias e categorias, principalmente no que diz respeito ao conceito de representação, a serem tratadas nos próximos tópicos.

#### **4.2. ESTRATÉGIAS DE REPRESENTAÇÃO DA MULHER POLITICAMENTE INCORRETA**

A partir da análise do *corpus* desta pesquisa, identificamos que a representação da mulher no *Guia politicamente incorreto dos presidentes da República* se desdobra a partir de três situações. Na primeira, traçamos um limite entre o filtro do autor do livro (heterogeneidade mostrada) para o compilado biográfico e, conseqüentemente, da forma como isso é passado para o público através do narrador; na segunda, já pelas *cenar internas ficcionais*, pela caracterização através das personagens masculinas através de imaginários sociodiscursivos; e, na terceira, pela enunciação das próprias mulheres, podendo, inclusive, adentrar pela construção do *ethos*.

##### **4.2.1. AUTOR, NARRADOR E A HETEROGENEIDADE MOSTRADA**

Ainda no que diz respeito à cena enunciativa do *Guia*, convém considerar a importância da Heterogeneidade Mostrada (Maingueneau, 2007), pois a mesma possui alguns pontos de interseção com o modo Delocutivo e com a construção do cenário contextual da obra de Schmidt. No caso da enunciação em si, tem-se a recorrência, como foi possível observar, do discurso relatado indireto, responsável por gerar a narratividade do texto como um todo e dar fluidez para as informações; já o discurso relatado direto foi responsável por gerar uma credibilidade (ou a falta dela) que condizia com a proposta do livro pela fala das personagens através do autor/narrador, já que, pela falta de diversas fontes e pelas escolhas/interpretações

do autor, as cenas mostram-se internas à situação de comunicação geral, o que as torna, então, ficcionais. A isso, daremos o nome de “filtro” do autor, pois suas escolhas são intencionais. Isto é, não são aleatórias.

No tocante à heterogeneidade nos gêneros discursivos, pudemos identificar uma imitação do modo de fazer-história através do que se propõe (um guia, pelo compilado de materiais) e do que realmente se caracteriza (perfis biográficos); já relativo às cenas internas ficcionais, as personagens imitam cenas do cotidiano, as quais são suportadas pelo gênero primário e são interpretadas como réplicas dos gêneros conversacionais. Nesse sentido, consideremos o Texto K:

Texto K
Na madrugada de 23 para 24 de agosto, foi realizada uma reunião ministerial de emergência para decidir o que fazer com o governo. A maioria apoiava a renúncia; Tancredo Neves e Alzira Vargas, que trabalhava como assessora do pai, eram favoráveis à resistência armada; os ministros da Guerra, da Aeronáutica e da Marinha discutiam entre si, um jogando a responsabilidade no outro.

Quadro 8: Texto K

O narrador expõe, através do discurso relatado, à forma como cada uma das personagens da cena se porta diante da possibilidade da renúncia ou resistência de Getúlio Vargas, indicando que sua filha, Alzira Vargas, e Tancredo Neves teriam ido contra a decisão da maioria. Entretanto, a forma como o narrador escolhe relatar acaba influenciando a interpretação da deliberação. De todo modo, mesmo quando decide fazer a imitação das cenas conversacionais, essa interpretação ainda se mostra influenciada, como, por exemplo, no Texto 15:

Texto 15
Mas essa impassibilidade era aparente, segundo Alzira, filha predileta de Vargas: “Sempre me pareceu estranho ouvir, anos mais tarde, dizerem que papai era de índole calma e serena, o homem que sabia esperar. Saber, ele o sabia, mas não gostava. Aprendeu a controlar seu temperamento impaciente, ardoroso, quase intempestivo, nas lides da própria experiência”.

Quadro 9: Texto 15

Isso porque, pela citação direta, pode-se interpretar uma intertextualidade com objetivos de motivar credibilidade pela autoridade, mas a simples escolha dos trechos específicos fazem

com que a forma com o autor quer mostrar cada personagem seja exposta, o que também não foge da proposta do *Guia*, já que o próprio autor promete que *máscaras vão cair*, mas será que coincide com as representações tradicionais? Afinal, quem é a mulher do *Guia* e quais lugares ela ocupa na República criada pelo *Guia*?

#### 4.2.2. OS IMAGINÁRIOS SOCIODISCURSIVOS E OS PAPÉIS SOCIAIS DAS MULHERES NO *GUIA*

Como exemplo da mulher na historiografia tradicional, no livro *Minha História das Mulheres*, Perrot (2007) baseia-se na noção de “imaginário” para tratar sobre a presença (ou ausência) da mulher ao longo da história (seja pelo corpo, pela alma, pelo lugar a ser ocupado ou, assim como nós, pelo discurso). A autora explica que a obra “não se trata de biografias, de vidas de mulheres específicas, mas das mulheres em seu conjunto, abrangendo um longo período” (Perrot, 2007, p. 13). Isto é, trata-se de uma coletividade e, logo, é possível aplicar os conceitos de imaginário sociodiscursivo discutidos anteriormente. Para Perrot (2007), o mundo como o conhecemos era feito para os homens. À mulher não era dado o acesso ao mundo do saber, do trabalho, da profissão e, muito menos, do poder. Dessa forma,

de maneira geral, quando as mulheres aparecem no espaço público, os observadores ficam desconcertados; eles as veem em massa ou em grupo, o que, aliás, corresponde quase sempre a seu modo de intervenção coletiva: manifestam-se na qualidade de mães, de donas-de-casa, de guardiãs dos víveres etc. (Perrot, 2007, p. 21)

Logo, promover a presença expressiva e ativa da mulher no meio político tem sido um processo longo e, “de todas as fronteiras, a da política foi, em todos os países, a mais difícil de transpor” (Perrot, 2007, p. 145) justamente por ser um local de máximo poder e exposição de imagem, algo a que uma “mulher honesta” (Perrot, 2007, p. 143) não deveria se sujeitar.

##### 4.2.2.1. AS MULHERES DOS BASTIDORES

Trazendo para o contexto do *Guia*, não apenas podemos identificar a mulher em exercício de papéis sociais cujas características se compreendem nos moldes dos que foram apresentados por Perrot (2007), reforçando sua posição nos bastidores da sociedade, mas também encontramos novas adições, como a mulher em posição de poder político. Desse modo, a iniciar pelo papel mais comum atribuído à mulher, observemos a figura da *mãe* e da *filha*. No texto 13, deparamo-nos com a fala da sogra de Washington Luís:

Texto 13
Estou certa na felicidade de Sofia, que o destino lhe concedeu um homem de qualidades e caráter elevado, e que sabe compreender ou antes apreciar as qualidades que Sofia possui, pondo de parte a modéstia, e não é por ser mãe, reconheço que Sofia é uma menina muito boazinha e saberá compreender todos os deveres de uma boa esposa.

Quadro 10: Texto 13

Nessa situação, é possível perceber que a mãe, enquanto tal, preocupa-se com a vida da filha e de seu marido, descrita como a típica boa-moça, a mãe se atenta às questões matrimoniais, em que, inclusive, reproduz implicitamente o imaginário do que poderia ser uma “boa esposa”, o que nos faz focar, também, em tal papel social.

Além de haver diversas recorrências semelhantes à do Texto 13, que associam a esposa à boa-moça de boa família, algo que chama atenção no *Guia* são as inversões ocorridas nessa categoria. No texto 04, por exemplo, deparamo-nos com uma anedota a respeito de Anita, esposa de Nilo Peçanha, enquanto ainda criança:

Texto 04
Aos 10 anos de idade, na primeira comunhão, foi se confessar com um padre. — Você acredita em Nosso Senhor, minha filha? — perguntou-lhe o ministro de Deus. — Não sei ainda — foi a resposta. — Como assim?! Não crê que na hóstia sagrada se encontra o corpo de Cristo? — Penso que não. — Que terrível heresia! Por quê, então, comparece à sagrada cerimônia? — Meus pais me obrigam.

Quadro 11: Texto 04

Nesse caso, por mais que o papel social adotado seja o de *filha* e sua criação pela obrigação é colocada em voga (novamente no sentido de se criar uma boa-moça, devota à religião) o autor utiliza da anedota para expor a petulância de Anita desde muito antes de se casar, pois, ao assumir o papel, realmente, de *esposa*, esses “desaforos” tornam-se recorrentes, como, por exemplo, no Texto 07, um dos vários textos em que se encontra debatendo sobre a vida política do marido e, portanto, influenciando-a:

Texto 07
<p>Gente graúda não escapava às bordoadas da primeira-dama. Um ministro do STF, evitado por ela em uma recepção no Itamarati, veio lhe dizer cordialmente:</p> <p>— Não é possível que uma filha do Joãozinho não me conheça!</p> <p>— Deixou de conhecê-lo — foi a réplica — desde o dia em que o senhor passou a decidir tudo contra o genro do Joãozinho.</p>

Quadro 12: Texto 07

Na situação apresentada, como forma de defender o marido, algo que pode ser visto positivamente a depender do ponto de vista, Anita vai contra as normas da boa convivência e da etiqueta de uma “boa-moça” da época e acaba passando uma imagem ríspida e bruta. A interpretação dessa imagem, todavia, é diretamente influenciada pela narração, através dos termos “bordoadas” e do contraste entre a réplica de Anita e a abordagem “cordial” do ministro. De toda maneira, a resposta indica sua lealdade ao marido e então presidente.

Uma terminologia específica utilizada no texto anterior, no entanto, torna preciso considerar que, assumindo este papel social, a mulher não apenas exerce o papel de esposa no *Guia*, mas também o de *primeira-dama*. Exemplificando, no caso do Texto V, podemos identificar a mulher dedicada à filantropia, uma das atividades reservadas à mesma segundo Perrot (2007) no tocante aos seus direitos civis (vide Capítulo 1):

Texto V
<p>Ruth Cardoso foi certamente a melhor primeira-dama que tivemos. [...] a LBA, extinta no primeiro dia de mandato do novo presidente, em 1º de janeiro de 1995, foi substituída pelo programa Comunidade Solidária, sob a direção de Ruth. O sucesso do programa foi tamanho que, em dezembro de 2002, os projetos em execução mobilizavam 135 mil alfabetizadores, 17 mil universitários e professores, 2.500 associações comunitárias, 300 universidades e 45 centros de voluntariado.</p>

Quadro 13: Texto V

No texto U, contudo, é possível identificar a exposição de possíveis atitudes corruptas de outra *primeira-dama*:

Texto U
Como era tradicional a toda primeira-dama desde Darci Vargas, Rosane presidia a Legião Brasileira de Assistência (LBA). Sob a direção dela, esse imenso órgão assistencial adquiriu 66,5 milhões de cruzeiros em cestas básicas, sem licitação e com preços superfaturados, além de se tornar uma cornucópia para os pais, amigos e primos da mulher do presidente, segundo a Polícia Federal de Alagoas. Uma nova mansão para os Maltas em Canapi foi financiada pelo contribuinte.

Quadro 14: Texto U

Já no âmbito da vida pessoal, uma representação já mencionada a respeito de esposas, tendo Sara como principal exemplo, seria aquela que exerce uma comparação militar e bélica, exaltando a potência que a esposa tem a respeito da vida conjugal. Sobre Sara, JK diz, no texto 21, que

Texto 21
“Muita gente que não a conhece de perto se ilude com a Sara, por vê-la assim, tão miudinha, tão sorridente, ninguém imagina a fortaleza que ela é. Uma rocha”.

Quadro 15: Texto 21

Além disso, o *Guia* ainda expõe que o presidente tinha medo de sua esposa no que dizia respeito a assuntos domésticos e a sua vida privada. O texto 25, por exemplo, revela o nível desse temor e mostra, novamente, JK comparando Sara ao exército:

Texto 25
Quando dissera que Deus lhe havia poupado o sentimento do medo, Juscelino não levava em conta a temível esposa. Durante uma festinha na Gávea Pequena — reunião familiar e alegre, com uísque e dança —, chegou o recado da portaria de que um carro preto estava subindo a ladeira. Segundo uma testemunha, o presidente entrou em pânico: “É a Sara!” Mandou todo mundo se esconder. Foi um constrangimento, uma vergonha — e aí se verificou que não era a Sara e então ele confessou a uma amiga que não tinha medo do Exército, nem do Lott, nem do Lacerda, que a única pessoa que metia medo nele era a Sara. E a festa era perfeitamente inocente.

Quadro 16: Texto 25

Atribuir a analogia da mulher ao exército, no entanto, não faz com que possamos afirmar que o *Guia* representa a *esposa* enquanto uma mulher forte, como discutimos anteriormente a respeito da imposição de Anita frente aos adversários. Pelo contrário, faz com que a força do controle e do medo sejam maiores, além de expor a fragilidade do presidente a que cada esposa se refere. No caso de Anita, o presidente Nilo não é visto como virtuoso por tratar bem

aqueles que o fizeram mal, mas sim como fraco. Já em relação às imposições de Sara, o que se tem é a imagem de uma mulher controladora que impõe medo, influenciando na imagem, também, de JK, detentor desse medo e, assim como Peçanha, visto como fraco por permitir esse controle.

No que concerne a adição de papéis atípicos, deparamo-nos com dois que se diferem daqueles geralmente associados à mulher do lar, que seriam o de *amante* e o de *presidente*. Como Dilma Rousseff está em posição de protagonismo, ao contrário das outras, que estão nos bastidores e apenas são mencionadas por fazerem parte das vidas dos outros presidentes, faremos uma seção, mais adiante, dedicada à presidente.

Nessa perspectiva, no caso da *amante*, ela entra em contraste com o papel social de *esposa*. Consideremos o Texto 32. Nele, o João Goulart, ainda noivo à época, deixa claro o funcionamento do relacionamento futuro com a esposa, que não tem, nessa situação, uma réplica e, pela cadência dos outros textos, apenas aceita a situação em que se encontra, pois a ela são atribuídas as obrigações perante à sociedade e ao lar, enquanto às amantes atribui-se o divertimento noturno (dos homens):

Texto 32
<p>Quanto às infidelidades de Jango, nem ele mesmo se dava ao trabalho de negá-las.  — Você vai ser a primeira em tudo, vai ser sempre a primeira mulher — disse à noiva, com seu carregado sotaque gaúcho —, mas não vai me proibir de sair à noite.</p>

Quadro 17: Texto 32

No *Guia*, a *amante*, em contrapartida, mostra-se de forma impositiva, como podemos observar no Texto 38, em que esse papel é assumido por Myrian Abicair no capítulo dedicado a João Figueiredo, sendo ele o adúltero:

Texto 38
<p>O presidente dizia-lhe:</p> <p>— Não quero você perto do poder. O poder é perigoso. Se souberem que você tem um caso com o presidente da República, os políticos e meus próprios amigos vão começar a te bajular para que você, na cama, consiga de mim as coisas que eles não conseguem no meu gabinete nem nas minhas churrascadas.</p> <p>O romance durou três anos e meio, até que João disse a ela:</p> <p>— Meu paizinho, lá do céu, não deve estar gostando nada de eu ter essa vida adúltera. Eu te prometi casamento, mas não posso, como militar, me separar da minha mulher para casar com outra. Podemos continuar namorando, mas nada de casamento.</p> <p>A resposta de Myrian foi: “Fique aí com seu paizinho”. E caiu fora. Nunca mais se viram.</p>

## Quadro 18: Texto 38

Nesse caso, o *Guia* apresenta a réplica de Myrian, ao contrário da esposa de Jango, que sequer é nomeada no trecho. De toda forma, sejam filhas, mães, esposas ou amantes, a mulher não ocupa posição de destaque no *Guia*, com exceção de Dilma, e, os papéis sociais não fogem muito das características tradicionais. Uma questão interessante, todavia, é de que, nas situações em que aparecem como controladoras, as mulheres são utilizadas como uma estratégia dos bastidores para ridicularizar os presidentes, os verdadeiros protagonistas.

#### 4.2.2.2. A MULHER PROTAGONISTA E O PAPEL DE PRESIDENTE DO BRASIL

O maior exemplo de papel não-tradicional seria o da mulher que atingiu a presidência, assumindo, então, o papel social de *presidente*. Por ser a única mulher em situação de protagonismo, Dilma Rousseff conta com um capítulo dedicado à sua “biografia” politicamente incorreta, além de uma caricatura, apelidos e epígrafe, como os demais presidentes.

Como percebemos anteriormente, para ocupar espaços geralmente reservado aos homens, a mulher que ascende ao poder acaba por abdicar de características consideradas femininas. No entanto, a depender de sua execução, a interpretação de suas atitudes pode levar a duas possibilidades de representação: a força ou histeria femininas. O *Guia*, um livro produzido a partir de uma visão masculina tanto em sua composição quanto em sua autoria, apresenta a única mulher *presidente* de forma histórica, ininteligente, rude e tola, reproduzindo estereótipos e narrações carregadas de ironia e juízo de valor.

Logo nas primeiras linhas, o autor-narrador inicia o capítulo de Dilma com uma apreciação desfavorável em relação à presidente, algo que é recorrente ao longo de toda seção dedicada a ela e que influencia na recorrência, também, da reprodução de uma imagem negativa da mesma:

Texto Z (grifos nossos)
Dilma Vana Rousseff foi a primeira mulher a se tornar presidente do Brasil, <b>mas isso não constitui motivo de orgulho para o sexo feminino</b> , muito pelo contrário, porque <b>ela também tem sido a pior presidente que o país já tolerou</b> , somatório do que o presidencialismo brasileiro produziu de mais degradante em quase 130 anos.

Quadro 19: Texto Z

A única informação confiável no Texto Z refere-se ao fato de que Dilma realmente foi a primeira presidente da República eleita no Brasil. O restante, com destaque aos trechos em negrito, consiste em opiniões baseadas em questões político-ideológicas do autor-narrador, além de um ataque direto à presidente.

Além de continuar reproduzindo ataques semelhantes ao anterior, Schmidt ainda utiliza de um artifício mais comum ainda no que diz respeito ao modo como uma mulher consegue chegar ao poder. De forma completamente sexista, preconceituosa e enviesada, trazemos o Texto 57 como ilustração dessa alegação:

Texto 57 (grifos nossos)
A família era de classe média alta e Dilma Vana fez os primeiros estudos em bons colégios. Enquanto cursava ciências econômicas na UFMG, casou-se, em 1967, com Galeno Linhares, que a introduziu na militância de esquerda e na luta armada. Nesse momento tem início o mito da “superguerrilheira enérgica, voluntariosa, onisciente, nascida para comandar e conduzir, que distribuía ordens e pitos entre marmanjos de alta periculosidade empenhados em derrubar a ditadura militar a bala”, nas palavras irônicas de Augusto Nunes. A realidade não confirma essa imagem de autossuficiência: <b>Dilma conseguiu tudo na vida graças aos dois maridos e ao presidente Lula.</b>

Quadro 20: Texto 57

No caso apresentado, além de reforçar a ironia da citação de Augusto Nunes, pelo modo delocutivo e através de uma citação de autoridade, a narração também possui uma carga irônica, além de, como já dito, preconceituosa. O autor-narrador reproduz o estereótipo de que uma mulher só consegue chegar a uma alta posição profissional na sociedade devido a ajuda

de algum homem. Esse tipo de alegação aciona uma ideia da falta de autossuficiência da mulher. No *Guia*, muitas vezes, isso também é identificado no que diz respeito às mulheres que ocupam papéis de esposas e amantes<sup>41</sup>, mesmo que em situações secundárias nos bastidores.

Ademais, o *Guia* também tenta atribuir comportamentos rudes, mal-educados e arrogantes à mulher no poder. No Texto 62, por exemplo, temos a fala de um ex-assessor a respeito da presidenta, em que se afirma que:

Texto 62
Dilma maltrata qualquer pessoa em situação de inferioridade, não tem um comportamento civilizado. São situações constrangedoras que se repetem com motorista, secretária, telefonistas, assessores e ministros. Rasga papel em mil pedaços e joga para cima como confete; atira coisas no chão; grita colericamente. Reage muito mal a qualquer notícia que não seja boa.

Quadro 21: Texto 62

Evidentemente, espera-se que, independente do gênero, uma figura pública política não destrata seus pares, funcionários, ou qualquer pessoa. No entanto, ao se tratar de uma mulher, as expectativas a respeito do comportamento moderado são diferentes, geralmente bastante altas. Socialmente, este tipo de comportamento é esperado de homens, considerados fortes e imponentes, mas não de mulheres, que são vistas como arrogantes e recebem, até mesmo, ataques pessoais e sexuais<sup>42</sup>.

Desse modo, tanto através do olhar do *outro*, quanto pela enunciação própria da mulher, podemos identificar os lugares ocupados por elas na República do *Guia* analisado, seja em posições secundárias ou de protagonismo. Para compreender melhor essas formas de representação, adentraremos, a seguir, na busca pelo *ethos* feminino na República politicamente incorreta de Schmidt.

<sup>41</sup> Vide Anexos 1 e 2.

<sup>42</sup> Sobre isso, Silva (2019) investiga a construção da imagem da presidente Dilma Rousseff pelos discursos de terceiros reproduzidos nas redes sociais no período do golpe/*impeachment* de 2016. Através da apuração dos dados, a autora chega a quatro adjetivos de maior recorrência: louca, burra, prostituta e nojenta. A partir disso, em resumo, Silva (2019) demonstra, através de pesquisa aprofundada e fundamentada, que esse tipo de ataque à mulher pública é histórico, não sendo particular a Dilma, e que reproduz décadas de um machismo estrutural enraizado em nossa sociedade.

### 4.2.3. A ENUNCIACÃO FEMININA E O *ETHOS*

Como explicitado anteriormente no Capítulo 3, a tipologia de *ethé* proposta por Charaudeau (2008b) não se esgota nas categorias apresentadas, porém, podemos utilizá-la como suporte em nossas análises. Levando em consideração que estamos traçando um perfil representativo da mulher exposta no *Guia*, para além das identidades individuais das personagens, reconhecemos a pertinência de admitir as categorias de *ethos* aos papéis sociais assumidos por essas mulheres.

Nesse sentido, a *mãe* e a *esposa* assumem o *ethos* de virtude que, no âmbito político, segundo Charaudeau (2008b), refere-se aos termos de honestidade pessoal e lealdade, aderindo, também, ao *ethos* de caráter, que exprime coragem e controle de si.

A expressão desses *ethé* reforça, então, os protocolos sociais, pois, essas mulheres agem em defesa dos presidentes a que se referem de acordo com o estereótipo do que se espera socialmente de uma *mãe* e de uma *esposa*. Por ser um *corpus* depreendido de um conteúdo descrito como politicamente incorreto, além de reforçar os estereótipos, a histeria, como vimos, também é apresentada, no caso das esposas ou mães que fogem a essas características, como podemos observar no Texto 44, referente à esposa de Fernando Collor:

Texto 44
Enojada com tamanha vulgaridade, sua esposa depois o recriminou: — Está querendo dar uma de nordestino macho, Quinho? Mas você é carioca!

Quadro 22: Texto 44

E no Texto 53, referente à mãe de Lula:

Texto 53
Ao saber da prisão do filho, dona Lindu, louvada por Frei Betto como a encarnação de Nossa Senhora, exclamou: — Eu quero que se dane, cansei de avisar para ele!

Quadro 23: Texto 53

Em outros momentos, a *esposa* também expressa os *ethé* de competência e inteligência, como é o caso de Anita, que faz de tudo para demonstrar apoio ao marido/presidente, por exemplo, no Texto 08:

Texto 08
Anita não poupou sequer o todo-poderoso Pinheiro Machado, depois que ele e Nilo haviam rompido. Após cumprimentá-la, o Fazedor de Reis disse a alguém: — Esta menina não gosta de mim e eu, entretanto, gosto muito dela. A “menina” respondeu prontamente: — A mim interessaria bem mais que o senhor gostasse do meu marido.

Quadro 24: Texto 08

Isso não significa dizer, no entanto, que ocorre uma subversão da imagem da mulher, porque o que o *Guia* faz é reforçar estereótipos já estabelecidos por grupos que provavelmente compõem o público para o qual o livro é destinado. Assim, o que se tem é, de um lado, a imagem da mulher “do lar” que deve apoiar o homem na política (seja na posição de esposa ou de mãe) e, de outro, quando não há esse apoio, a imagem da mulher histérica, que contraria ou bate de frente com esses homens. Além disso, como o foco principal do *Guia* é reverter a imagem dos presidentes – expondo as vilanidades das vítimas e as virtudes dos vilões, além da covardia dos fortes – as cenas dedicadas à histeria dessas mulheres são utilizadas como estratégia do *Guia* para ferir a imagem desses homens ou provocar desconfortos.

Há também a recorrência dos *ethé* de solidariedade e humildade, em que as figuras femininas enunciam com a finalidade de *fazer-sentir* pena ou compaixão, mas a construção de *ethos* feminino que mais chama a atenção, entretanto, é o de potência. Por mais que, para Charaudeau (2008b), a potência se define a partir da força masculina e da virilidade, essa categoria perpassa por diversas figuras femininas.

A amante de Figueiredo, por exemplo, utiliza, em parte do Texto 38, da réplica direta nas discussões acerca de seu relacionamento. Nesse caso, há uma diferenciação entre a mulher que apoia o marido (a esposa legítima) e da mulher “interesseira”. Ao perceber que não teria cumprimento da promessa de Figueiredo, Myrian retira-se de cena. Além disso, a forma como o presidente justifica suas escolhas é uma tentativa de sensibilizar a amante, utilizando da figura do pai, já falecido, e chamando-o no diminutivo. Myrian, entretanto, ironiza essa tentativa de comoção em sua resposta (“fique aí com seu paizinho”), e o diminutivo, que antes tinha o objetivo de emocionar, acaba recebendo um tom de deboche:

Texto 38
<p>[...] O romance durou três anos e meio, até que João disse a ela:</p> <p>— Meu paizinho, lá do céu, não deve estar gostando nada de eu ter essa vida adúltera. Eu te prometi casamento, mas não posso, como militar, me separar da minha mulher para casar com outra. Podemos continuar namorando, mas nada de casamento.</p> <p>A resposta de Myrian foi: “Fique aí com seu paizinho”. E caiu fora. Nunca mais se viram.</p>

Quadro 25: Texto 38

Nos papéis de *esposa*, Rosane e Anita, esposas, respectivamente, de Collor e de Peçanha mostram-se incisivas. A maior diferença, todavia, refere-se aos efeitos de sentido. Anita (Textos 06 e 08) é apresentada pelo *Guia* como uma força da natureza e apoiadora do marido. Uma mulher que não “baixa a guarda”, mas que, ainda assim, reproduz o estereótipo de fazer que tudo esteja do agrado de Peçanha. Enquanto isso, os trechos de Rosane (Texto 44) reproduzem uma mulher histérica que, ao contrário de Anita, ataca a imagem de Collor.

Algo interessante a ressaltar, apesar de ser um trecho referente à enunciação de outra personagem e, portanto, não identificar um exemplo de produção de *ethos*, é o fato de que Rosane é a segunda esposa de Fernando Collor, e fica explícito, no *Guia*, a tentativa de compará-la com a primeira esposa, Lilibeth:

Texto 40
<p>Rosane Malta não poderia ser mais diferente da sua primeira esposa. “O que Lilibeth tinha de cosmopolita e sofisticada, Rosane tinha de provinciana. Enquanto Lilibeth se sentia em casa na Riviera francesa, Rosane guardava na memória, como a sua mais venturosa viagem, um passeio de carro a Recife. O modo frequentemente violento de fazer política em Alagoas, que sempre causara estranheza em Lilibeth, era visto por Rosane com a naturalidade esperada de uma autêntica Malta de Canapi”.</p>

Quadro 26: Texto 40

No que diz respeito ao *ethos*, influenciado pela narração (pois devemos sempre considerar que o *Guia* utiliza das enunciações das personagens para cumprir seus objetivos politicamente incorretos sem que haja compromisso com a historiografia tradicional e, portanto, possui juízo de valor e opiniões nas introduções às falas), Rosane “quebra” a imagem da lealdade da *primeira-dama* que, segundo o estereótipo, deveria apoiar o presidente independente de suas atitudes. Além de denunciar o marido no âmbito pessoal, ainda o expõe publicamente:

Texto 47 (grifos nossos)
--------------------------

À medida que o cerco se fechava, as variações de humor do chefe de Estado se intensificavam. “Em determinado instante ele é calmo como um lago suíço e, no seguinte, tem uma explosão de raiva”, <b>diz sua esposa, contra quem, surpreendentemente, ele nunca ergueu a mão.</b>
--

## Quadro 27: Texto 47

Reforçamos a questão da ficcionalidade do *Guia* justamente pelo exemplo do Texto 47, em que o autor afirma que esses ataques nunca haviam acontecido. Rosane é definida, em outros trechos do *corpus*, como interesseira e problemática, tanto por terceiros quanto pela narração do livro. Isso faz com que o autor-narrador descredibilize a denúncia da mulher, porém, a afirmação de que “ele nunca ergueu a mão” não é acompanhada de fontes que a comprove. Ainda no sentido de exposição do marido, considerando-se que o Brasil é um país de grande concentração de cristãos, Rosane utiliza do termo “mandinga”, bastante estigmatizado, para gerar danos na imagem de Collor e afetar sua popularidade.

Texto 48
----------

Collor, segundo Rosane, era extremamente supersticioso e “adora qualquer tipo de mandinga”.
---

## Quadro 28: Texto 48

No que diz respeito, então, ao *ethos* da mulher em posição secundária no *Guia*, identificamos *ethé* de apoio aos presidentes/maridos (virtude, caráter, solidariedade, por exemplo) e, em contrapartida, o *ethos* de histeria, referente às mulheres que se mostram impositivas ou contrárias. De toda maneira, o *Guia* reforça estereótipos do papel da mulher na sociedade.

**4.2.3.1. O ETHOS DA PRESIDENTE**

O *ethos* da mulher exercendo o papel social de *presidente*, novamente, é um caso à parte. Isso porque Dilma Rousseff é a única mulher em posição de protagonismo no *Guia*, que apresenta enunciações da própria presidente e estratégias narrativas que contribuem para a interpretação e a associação da imagem da mulher política à tolice e à falta de inteligência, de virtudes e de capacidade de governança, como por exemplo, o Texto 67:

Texto 67 (grifos nossos)
--------------------------

Quando ministra, <b>já demonstrava sua defasagem intelectual</b> em algumas declarações, como a que soltou em dezembro de 2009, na Conferência do Clima, em Copenhagen: “O meio ambiente é, sem dúvida nenhuma, uma ameaça ao desenvolvimento sustentável, e isso significa que é uma ameaça pro futuro do nosso planeta e do nosso país”.
--

## Quadro 29: Texto 67

O Texto 67 inicia um compilado de anedotas a respeito da presidente e a afirmação do autor-narrador de que Dilma “já demonstrava sua defasagem intelectual” indica, explicitamente, que as enunciações reproduzidas em seguida contribuem para a construção e interpretação dessa imagem ininteligente, reforçando o que Silva (2019) expõe a respeito das representações de mulheres em posição de poder.

O mesmo ocorre a partir de outras anedotas, em que podemos identificar, dos Textos 68 a 78 (vide anexo 2), a construção do *ethos* de tolice através das falas da presidente. As narrações, novamente, também contribuem para essa interpretação, pois o narrador utiliza da ironia e do sarcasmo<sup>43</sup> para introduzir as enunciações de Dilma, como no Texto 72 (grifos nossos), em que vê-se a afirmação de que a presidente “esbanjou seu conhecimento de filosofia oriental” seguida de uma fala confusa e aleatória:

Texto 72
----------

Na Cúpula das Américas, quando lhe perguntaram se os Estados Unidos estavam preparados para uma mulher na presidência, <b>esbanjou seu conhecimento de filosofia oriental:</b>
--

— Eu sempre acho que mulher é muito importante ser ponderada. Então, a minha resposta é genérica. Eu acredito que as mulheres elas crescentemente vão... bom, se nós somos parte do céu como dizem os chineses, agora deu, nós queremos ser metade do céu, segundo os chineses. Deu para eles, nós queremos ser metade do mundo mesmo e, aí, isso se expressa também em presidentes ou presidentas, tá? E não sejam preconceituosos contra as mulheres.
---

## Quadro 30: Texto 72

Como discutido anteriormente, contudo, o *Guia* é colocado, por seu autor, como uma obra politicamente incorreta que busca contrariar a historiografia tradicional de forma legítima. No entanto, o *Guia* carrega questões político-ideológicas influenciadas pelo período de sua produção e publicação, além de, como já indicamos, possuir um caráter ficcional devido à

<sup>43</sup> Em Reis; Vale (2022), analisamos as enunciações a partir das estratégias e categorias do Discurso Humorístico, mais especificamente da Linguagem do Riso (Vale, 2016). Dentre elas, estava o sarcasmo.

falta de indicação de fontes confiáveis e pela apresentação de opiniões, juízo de valor e reprodução de preconceitos na narração. Desse modo, as escolhas linguísticas do narrador afetam a construção da representação tanto de Dilma quanto das outras personagens. Além disso, é preciso considerar a interpretação do quadro de comunicação da cena geral da obra, que descreve um público-alvo que compartilha desses ideais, indicando os perigos da reprodução do *Guia* enquanto um conteúdo legítimo e qualificado.

# **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir do discernimento acerca da presença da mulher nos principais períodos republicanos do Ocidente, percebemos que, apesar de existirem em alguns momentos, os direitos da mulher ao espaço público e à vida política foram conquistas gradativas, o que resultou na eleição, por exemplo, da primeira presidenta do Brasil, Dilma Rousseff, apenas em 2011. Contudo, apesar de não serem o foco da historiografia tradicional no que concerne o governo em si, tem-se a consciência de que existiram e existem diversas figuras femininas influenciando decisões governamentais no Brasil-República. Entretanto, o que não interessa à historiografia tradicional, é motivo de celebração no *Guia politicamente incorreto dos presidentes da República*, de Paulo Schmidt. Porém, apesar de falar sobre essas mulheres, não há uma garantia de que o livro o faz de forma positiva para os estudos representativos. Levando isso em conta, propusemos a busca pela forma como as figuras dos *bastidores* da política foram representadas no *Guia* e chegamos à depreensão de dois grupos: as mulheres secundárias (como as esposas, mães, filhas, amantes, colegas, etc. dos presidentes) e a protagonista (Dilma Rousseff, presidente do Brasil entre 2011 e 2016).

Para realizar a pesquisa, foi necessário compreender o funcionamento linguístico e discursivo do *Guia*, além de sua materialidade discursiva e do contexto político no período de sua produção e publicação. Nesse sentido, contrastamos, no segundo capítulo, as bases teóricas da historiografia tradicional e a proposta do “politicamente incorreto”, a qual indicou três possibilidades de interpretação: a *Divulgação da História pela detração* (Karnal, 2016); O *Public History* (Malerba, 2014); e o *Discurso da História mais vendido* (Mattoso, 1997 *apud* Vale, 2018). A partir de reflexões em torno da formação acadêmica dos autores e das fontes, ou falta delas, utilizadas (ou não) no *Guia*, chegamos à conclusão de que o texto se enquadrava melhor nos pressupostos de Mattoso (1997) por questões de características comuns predominantes, o que não significa dizer que não há marcas das outras propostas, como trazer fatos curiosos sobre a vida dos presidentes (*detração*) e identificar-se como um estudo de história pública (*Public History*). No entanto, a falta de formação acadêmica exigida por essas propostas, além de questões político-ideológicas desencadeadas pelo PI, faz com que o *Guia* esteja mais adequado aos preceitos do *Discurso mais vendido*.

Em seguida, descrevemos as categorias depreendidas da Teoria Semiolingüística da Análise do Discurso em torno dos conceitos de representação. Apoiados nesses pressupostos teórico-metodológicos, foi possível compreender o ato de comunicação languageiro (Charaudeau, 2016) e identificar seus sujeitos, que interagem através de quadros e contratos de

comunicação (Charaudeau, 2006; 2016). Porém, como o *corpus* retirado do *Guia* era composto de *cenar internas ficcionais*, mostrou-se necessário que utilizássemos o quadro de comunicação de Mello (2004), o qual estende a quantidade de sujeitos presentes na situação de comunicação às personagens do livro, representativas de personagens públicas reais, mas que exerciam uma interação ficcional. A partir disso, como as cenas ficcionais reproduziam cenas típicas do discurso cotidiano, a discussão acerca dos gêneros situacionais e conversacionais mostrou-se necessária. Maingueneau (1997; 2004) não se indica adepto da tentativa de análise dos gêneros conversacionais devido a sua alta volatilidade discursiva. Os pressupostos de Charaudeau (2004), entretanto, a respeito da situacionalidade e os de Maingueneau (2004, 1997) acerca dos gêneros e da Heterogeneidade Mostrada pela imitação, tornam a análise possível, sob justificativa de que as visadas discursivas (finalidades do contrato de comunicação), junto do *Guia* enquanto suporte em que se estabelecem as cenas internas, seriam suficientes para estabelecer um recorte. Nesse sentido, descrevemos o contrato geral do *Guia* e percebemos que sua finalidade, além do *fazer-saber*, também envolvia o *fazer-sentir* no sentido de entreter. Diante disso, cada cena ficcional selecionada também foi descrita (vide apêndice E) e foram atribuídas visadas principais a cada uma de acordo com os outros elementos do contrato (identidade dos parceiros; propósito (tema); circunstância material).

Ademais, por se tratarem de enunciações, descrevemos o modo de organização do discurso enunciativo conforme Charaudeau (2016) e percebemos que havia recorrências do modo alocutivo, elocutivo e delocutivo em várias de suas categorias, subcategorias e sobremodalizações, com predominância do modo delocutivo nos textos referentes ao narrador (vide Anexo 1), categoria que se repete 25 vezes em comparação a seis ocorrências do elocutivo (de forma sobremodalizada); já nos textos dedicados às personagens (vide Anexo 2), há predominância do modo elocutivo, que ocorre 42 vezes, enquanto as recorrências do delocutivo (32) e alocutivo (31) se aproximam bastante em número. Algo que chamou atenção, todavia, foi a delocução pelo discurso relatado narrativizado e citado, que fez com que dividíssemos nosso *corpus* entre textos das personagens e textos próprios do narrador do *Guia*, tocando, novamente no âmbito da Heterogeneidade Mostrada, mas agora enquanto intertextualidade a partir do discurso relatado e da citação. Ademais, descrever os modos de enunciação contribuiu para compreendermos as relações de influência entre as personagens, o que também auxiliou na identificação dos gêneros discursivos das *cenar internas ficcionais* e na verificar as estratégias de narração do autor, que carrega diversas falas as quais

influenciam na interpretação das representações que buscamos em nosso trabalho. Além disso, foi possível identificar as questões político-ideológicas do autor e o caráter ficcional do *Guia* de forma geral, apesar de utilizar de personagens reais.

Além disso, no tocante às imagens representativas da mulher, por percebermos que sua projeção ocorria a partir de determinados caminhos, consideramos importante compreender os conceitos de estereótipo, imaginários sociais e papéis sociais. A partir dos papéis sociais, pudemos identificar personagens sociais, para além dos indivíduos que enunciavam, cumprindo com nosso objetivo de traçar um perfil representativo da mulher. Assim, identificamos papéis recorrentes como o de mãe, esposa, filha, amante, e, devido ao destaque do *Guia*, presidente. Em razão da natureza politicamente incorreta da obra, identificamos não apenas os papéis sociais representados de acordo com a historiografia tradicional, mas também o papel estigmatizado de *amante* e o papel de *presidente*, em posição de protagonismo.

Com base nisso, as enunciações próprias das personagens começaram a se destacar, mostrando necessário compreender a imagem da mulher através da construção da imagem de si, ou seja, do conceito de *ethos*. Após identificar os *ethé* de virtude, inteligência, humildade, caráter e solidariedade fundamentados na tipologia *ethótica* de Charaudeau (2008b), duas situações dizendo respeito a essa categoria de análise chamaram a atenção. A primeira foi a percepção do *ethos* de potência, associado a esposas e amantes que se impuseram e influenciaram o governo ou a vida pessoal dos respectivos presidentes referentes ao período de cada uma, sendo comparadas a forças bélicas ou simplesmente indicando a recusa da submissão. A outra situação compete ao papel social de *presidente*, em que a única mulher a ascender ao poder pode ser identificada pelos *ethé* de tola e não-inteligente. Sobre isso, podemos afirmar que houve influência do contexto histórico-político de produção e publicação da obra, também vinculado ao posicionamento político-ideológico de seu público-alvo e de seu autor, responsável pelas escolhas discursivas do compilado biográfico enquanto um todo.

Por fim, podemos afirmar que o *corpus* produz representações da figura feminina de acordo com a proposta do *Guia*, que cria, de forma ficcional, sua própria República politicamente incorreta através de personagens reais, o que não significa dizer que gera representatividade justamente por ser um conteúdo considerado, em nossa pesquisa, ficcional. De toda forma, o

*Guia* reforça estereótipos e preconceitos a respeito da mulher, que é apresentada de duas formas: como apoiadora de outro homem (nos bastidores) ou como histérica (em posição de protagonismo). Nesse sentido, apesar de tratar sobre a mulher, o *Guia* o faz sempre de forma negativa e estereotipada, reproduzindo posicionamentos problemáticos no âmbito social, para além do politicamente incorreto. Podemos afirmar que o que ocorre, na verdade, é a construção de uma representação da figura feminina pela ótica do autor-narrador e das outras personagens masculinas, pois, muitas vezes, a imagem das mulheres é utilizada como estratégia de “enfraquecer” uma figura masculina ou para reforçar o estereótipo de histeria com sua ascensão ao poder.

Essas apreensões mostram-se problemáticas, pois o *Guia* se reafirma frequentemente enquanto uma fonte de pesquisa confiável, mas, para além do problema com as fontes bibliográficas e das origens dos anedotários (que são, em sua maioria, suposições sem provas ou carregadas de juízo de valor do autor-narrador) que indicam caráter ficcional, está o problema ideológico e social, pois se trata de um texto de caráter sexista que utiliza do grotesco para reproduzir estereótipos.

Nessa perspectiva, assim como Venancio (2021), preocupamo-nos imensamente com os perigos da reprodução em massa de informações semelhantes à do *Guia*, ainda mais tendo conhecimento de que o público idealizado por EUC existe socialmente em um número considerável e forma grupos que compartilham desses mesmos ideais. Além disso, também é preocupante a possibilidade de reprodução do conteúdo nas salas de aula ou em plataformas institucionalizadas, como o caso do documentário do *History Channel* que carregou título e materiais do *Guia politicamente incorreto da história do Brasil*, de Narloch.

Por fim, reforçamos o caráter sugestivo e ficcional do *Guia*, caráter esse que o aproxima muito da fofoca ou do boato (interessante ao leitor curioso). No entanto, ao reproduzir características do *Discurso da História mais vendido* (Mattoso, 1997 apud Vale, 2018) e apresentar concordância com estereótipos e preconceitos, as representações apreendidas são tendenciosas e enviesadas conforme questões ideológicas e políticas tanto do contexto de produção da obra quanto do autor-narrador em razão do politicamente incorreto. Nesse sentido, não há a possibilidade, por exemplo, de considerá-lo como uma fonte de representatividade da mulher da República brasileira, visto que, tanto nos bastidores quanto no protagonismo, as mulheres do *Guia* têm sua representação construída a partir de uma visão

masculina carregada de estereótipos, em que se depreende a reprodução da ideia de que a mulher desempenha uma função de apoio ao homem. Quando esse apoio incondicional não ocorre, o *Guia* apresenta a mulher como alguém controlador (*esposas*), interesseiro (*amantes*) ou histérico (*esposas e presidente*). A atribuição dessas características estereotipadas aos grupos apresentados cumpre com a premissa politicamente incorreta do autor, mas gera diversos problemas no que diz respeito ao “fazer-histórico”.

# REFERÊNCIAS

- AMARAL, T. *Especial eleições 2022 – Representatividade feminina ainda é baixa na Câmara*. Cnnbrasil.com.br. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/mulheres-umentam-representacao-na-camara-mas-representatividade-ainda-e-baixa/>. Acesso em: 12 jan. 2023.
- AMOSSY, R. ESTEREÓTIPO. In: CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de análise do discurso*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2008, p. 213-216.
- AMOSSY, R. Da noção retórica de ethos à análise do discurso. In: AMOSSY, R. (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2011a, p. 9-28. Disponível em: [https://www.ufmg.br/online/arquivos/anexos/Livro\\_trecho.pdf](https://www.ufmg.br/online/arquivos/anexos/Livro_trecho.pdf) Acesso em: 14 jun. 2022.
- AMOSSY, R. Dos topoi aos estereótipos: a análise do dóxica no discurso. In: GOMES, M. C. A.; PAES, C. C. S.; MELO, M. S. S. *Estudos Discursivos em Foco: Práticas de pesquisa sob múltiplos olhares*. Viçosa, MG: Editora UFV, 2011b.
- ARISTÓTELES. *Política*. Coleção Filosofia. 1. ed. LeBooks, 2019. Disponível em: <https://ler.amazon.com.br/?asin=B07TBBWWVJ&language=pt-BR> Acesso em: 15 de out. 2021.
- ASSUNÇÃO, D. Sobre reivindicação dos direitos da mulher. In: WOOLSTONECRAFT, M. *Reivindicação do direito das mulheres*. 1 ed., São Paulo: Boitempo: Iskra, 2016, p. 3.
- AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso. In: AUTHIER-REVUZ, J. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. 5 ed. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BAPTISTA, C. L. A democracia ateniense clássica. *Revista Filosofia Capital*. v. 9, n. 16, p. 6–18, 2014. Disponível em: <http://filosofiacapital.org/ojs-2.1.1/index.php/filosofiacapital/article/view/247>. Acesso em: 26 set. 2023.
- BARBOSA, R. C. Gênero e antiguidade: representações e discurso. *História Revista*, Goiânia, v. 12, n. 2, p. 353-364, jul./dez. 2007. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/historia/article/view/5474> Acesso em: 20 set. 2023.
- BARTHES, R. O discurso da história. In: BARTHES, R. *O rumor da língua*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BEAUVOIR, S. *O segundo sexo: fatos e mitos*. 4 ed. Difusão europeia do livro, 1970.
- BLOK, J. Rethinking athenian citizenship. In: BLOK, J. *Citizenship in classical athens*. Cambridge University Press, 2017. p. 1-46.
- CHARAUDEAU, P. Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual. MACHADO, I. L. & MELO, R. (orgs) *Gêneros: Reflexões em análise do discurso*. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2004.
- CHARAUDEAU, P. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2006.

CHARAUDEAU, P. Les stéréotypes, c'est bien, les imaginaires, c'est mieux. In: BOYER, H. *Stéréotypage, stéréotypes: fonctionnements ordinaires et mises en scène*. Langue(s), discours. Vol. 4. Paris, Harmattan, 2007, p.49-63.

CHARAUDEAU, P. Contrato de comunicação. In: CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de análise do discurso*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2008a, p. 130-133.

CHARAUDEAU, P. *Discurso político*. São Paulo: Contexto, 2008b.

CHARAUDEAU, P. Representação social. In: CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de análise do discurso*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2008c, p. 431-433.

CHARAUDEAU, P. Identité sociale et identité discursive. Un jeu de miroir fondateur de l'activité langagière. In: CHARAUDEAU, P. *Identités sociales et discursives du sujet parlant*. L'Harmattan. Paris, 2009. Disponível em: <https://www.patrick-charaudeau.com/Identite-sociale-et-identite,217.html>. Acesso em: 20 set. 2023.

CHARAUDEAU, P. *Linguagem e discurso: modos de organização*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2016.

CÍCERO, M. T. *Da República*. Domínio Público. 2012. Disponível em: [https://ler.amazon.com.br/?asin=B00AGJI2TQ&ref\\_=kw\\_lkr\\_iv\\_rec\\_7](https://ler.amazon.com.br/?asin=B00AGJI2TQ&ref_=kw_lkr_iv_rec_7) Acesso em: 27 set. 2022.

CONSTITUIÇÃO. Planalto.gov.br. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 20 jan. 2023.

CUCHET, V. S. Cidadãos e cidadãs na cidade grega clássica. Onde atua o gênero? *Revista Tempo*. Vol. 21 n. 38. 2015. p. 281-300.

DE GOURGES, O. *Declaração dos direitos da mulher e da cidadã e outros textos*. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2021. – (Coleção vozes femininas)

*Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão (26 de agosto de 1789)*. [s.l.: s.n., s.d.]. UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas Departamento de História Textos e documentos. Disponível em: [http://www.fafich.ufmg.br/hist\\_discip\\_grad/DeclaraDireitos.pdf](http://www.fafich.ufmg.br/hist_discip_grad/DeclaraDireitos.pdf). Acesso em: 01 set. 2022.

DEL PRIORE, M. *Sobreviventes e guerreiras: uma breve história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Planeta, 2020.

DETRAÇÃO. In: *Michaelis: Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. São Paulo (SP): Editora Melhoramentos Ltda, 2015. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/detra%C3%A7%C3%A3o/> Acesso em 13 set. 2023.

ERNOULT, N.; CUCHET, V. S. & BOEHRINGER, S. Não-cidadãs? · Sair do Gineceu: um novo olhar sobre a Grécia antiga. *MUSEA: musée virtuel sur l'histoire des femmes et du genre*. Tradução *Leticia Leite; Agatha P. Barcelar*. Univ-angers.fr. Disponível em: <https://musea.univ-angers.fr/exhibits/show/sair-do-gineceu--um-novo-olhar/n--o-cidad--s->. Acesso em: 6 jul. 2023.

FAUSTO, B. *História concisa do Brasil*. 3 ed. São Paulo – SP: Editora da Universidade de São Paulo, 2018.

G1 BAHIA. *Morre em Salvador o premiado escritor Paulo Schmidt, vítima da Covid-19*. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2021/06/04/morre-em-salvador-o-premiado-escritor-paulo-schmidt-vitima-da-covid-19.ghtml> Acesso em: 27 nov. 2023.

GOFFMAN, E. *A representação do eu na vida cotidiana*. Rio de Janeiro, Editora Vozes, 1985.

GOMIERO, A. *Bate papo politicamente incorreto com Luis Felipe Ponde, Narloch e Paulo Schmidt - Parte 1/4*. YouTube, 28 jun. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=v-W0BlbCqb4> Acesso em: 10 abr. 2024.

GRANCHI, G. *Eleições 2022: a origem do uso do vermelho pela esquerda que incomoda aliados de Lula*. BBC. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-63260840> Acesso em: 25 jan. 2024.

GROSSI, M. P.; MIGUEL, S. M.. Transformando a diferença: as mulheres na política. *Revista Estudos Feministas*, v. 9, n. 1, p. 167–206, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/D3mtYCb7yv3yQkKqgkv4Xrn/?lang=pt&format=html>. Acesso em: 25 set. 2021.

GRUPO ÁGORA. *A participação da mulher na política brasileira*. Observatório Eleitoral do Ceará. Fortaleza: Ceará, 2019.

HETEROGÊNEO. In: *Michaelis: Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. São Paulo (SP): Editora Melhoramentos Ltda, 2015. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/heterog%C3%AAneo/> Acesso em 15 dez. 2023.

HISTÓRIA. In: *Michaelis: Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. São Paulo – SP: Editora Melhoramentos Ltda, 2015. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/hist%C3%B3ria/> Acesso em: 30 jul. 2023.

HISTORIADORES pedem para ter imagem retirada da série do History. ISTOÉ. 2017. Disponível em: <https://istoe.com.br/historiadores-pedem-para-ter-imagem-retirada-da-serie-do-history/> Acesso em: 5 abr. 2024.

JAEGER, W. *Paideia: a formação do homem grego*. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

KARNAL, L. História como detração. In: KARNAL, L. *A detração: breve ensaio sobre o maldizer*. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2016. p. 21-33.

LAPA, J. R. A. Alguns problemas da atual historiografia brasileira. *Revista Do Instituto De Estudos Brasileiros*, n. 11, p. 19–38, 1972. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/69733> Acesso em: 18 set. 2023.

MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas, SP: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 3 ed. 1997.

MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2004.

MAINGUENEAU, D. *Discurso literário*. São Paulo: Contexto, 2006.

MAINGUENEAU, D. Heterogeneidade mostrada/constitutiva. In: CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de análise do discurso*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2008, p. 261-262.

MAINGUENEAU, D. *Variações sobre o ethos*. 1 ed. São Paulo: Parábola, 2020.

MALERBA, J. Acadêmicos na berlinda ou como cada um escreve a história?: uma reflexão sobre o embate entre historiadores acadêmicos e não acadêmicos no Brasil à luz dos debates sobre *Public History*. *História da Historiografia*, Ouro Preto, n. 15, p. 27-50, ago. 2014. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/692/466> Acesso em: 17 ago. 2023.

MAQUIAVEL, N. *O Príncipe*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2010.

MARQUES-PEREIRA, B. Cidadania. In: HIRATA, H.; LABORIE, F.; DOARÉ, H.; SENOTIER, D. (Org.). *Dicionário crítico do feminismo*. Fundação Editora da UNESP, São Paulo, 2009. p. 35-39.

MATTOSO, J. *A escrita da história: teoria e métodos*. Lisboa: Editora Estampa, 1997.

MELLO, R. Teatro, Gênero e Análise do Discurso. In: MACHADO, I. L. & MELLO, R. (orgs) *Gêneros: Reflexões em Análise do Discurso*. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2004, p. 87-106.

MELO, H. P. & THOMÉ, D. *Mulheres e poder: histórias, ideias e indicadores*. 1. ed. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018.

MORAES, M. L. Q. Prefácio. In: WOOLSTONECRAFT, M. *Reivindicação do direito das mulheres*. 1. ed., São Paulo: Boitempo: Iskra, 2016, p. 8-18.

NARLOCH, L. *Guia politicamente incorreto da história do Brasil*. São Paulo: Leya, 2011.

NETO, A. O. A crise política brasileira de 2015-2016: diagnóstico, sequelas e profilaxia. *Relações Internacionais*. Dez. 2016. p. 43-54. Disponível em: [https://ipri.unl.pt/images/publicacoes/revista\\_ri/pdf/ri52/RI52\\_art04\\_OAN.pdf](https://ipri.unl.pt/images/publicacoes/revista_ri/pdf/ri52/RI52_art04_OAN.pdf) Acesso em: 08 dez. 2023.

*Paulo Schmidt*: em memória do autor. Disponível em: <https://autorpauloschmidt.com/autor/>. Acesso em: 05 jan. 2024.

PERROT, M. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

PERROT, M. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.

PERROT, M. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. 1 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

PLATÃO. *A República*. ed. especial, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014. Disponível em: [https://ler.amazon.com.br/?asin=B07HRYZ4RX&ref\\_=kwl\\_kr\\_iv\\_rec\\_5](https://ler.amazon.com.br/?asin=B07HRYZ4RX&ref_=kwl_kr_iv_rec_5) Acesso em: 10 set. 2022.

PONDÉ, L. F. *Guia politicamente incorreto da filosofia*. São Paulo: Leya, 2012.

POSSENTI, S. A linguagem politicamente correta e a análise do discurso. *Revista Estudos Linguísticos*, Belo Horizonte, ano 4, v. 2, p. 125-142, jul./dez., 1995.

PRADO, M. L. & FRANCO, S. S. Participação feminina no debate público brasileiro. In: PINSKY, C. B.; PEDRO, J. M. (Org.). *Nova história das mulheres*. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2012.

REIS, L.T.; VALE, R. P. G. *O riso dos presidentes: um componente especial do 'príncipe' nos guias politicamente incorretos*. *Revista Rhêtorikê*, v. 8, p. 1-20, 2022. Disponível em: <https://ojs.labcom-ifp.ubi.pt/rhetorike/article/view/1150> Acesso em: 29 set. 2023.

REPRESENTAÇÃO. In: *Michaelis: Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. São Paulo (SP): Editora Melhoramentos Ltda, 2015. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/representa%C3%A7%C3%A3o/> Acesso em 10 jun. 2022.

REPRESENTATIVIDADE. In: *Michaelis: Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. São Paulo (SP): Editora Melhoramentos Ltda, 2015. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/representatividade/> Acesso em 10 jan. 2023.

RIBEIRO, R. J. Grandeza e miséria do “politicamente correto”. RIBEIRO, R. J. *A sociedade contra o social: o alto custo da vida pública no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 26-44.

RIOT-SARCEY, M. Poder(es). In: HIRATA, H.; LABORIE, F.; DOARÉ, H.; SENOTIER, D. (Org.). *Dicionário crítico do feminismo*. Fundação Editora da UNESP, São Paulo, SP, 2009, p. 183-188.

RÜSEN, J. Tarefa e função de uma teoria da história. In: RÜSEN, Jörn. *Razão histórica*. Brasília: Editora da UNB, 2001.

SCHMIDT, P. *Guia politicamente incorreto dos presidentes da República*. São Paulo: Leya, 2016.

SCOTT, A. S. O caleidoscópio dos arranjos familiares. In: PINSKY, C. B.; PEDRO, J. M. (Org.). *Nova história das mulheres*. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2012.

SILVA, P. H. *De louca a incompetente: construções discursivas em relação à ex-presidenta Dilma Rousseff*. 2019. 139 f. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Linguagens, Cuiabá, 2019.

TANEY, R. *Scott v. Sandford*. 1856. In: FROHNEN, B. *The american republic: primary sources*. Indianapolis: Liberty Fund, 2002.

THEML, Neyde. *Público e privado na Grécia do VIII° ao IV° séc. a.C.: O modelo Ateniense*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1998.

VALE, R. P. G. *A mulher nas piadas de almanaques: estratégias discursivas e representações sociais*. 2009. 135f. Dissertação (mestrado) – Faculdade de Letras, POSLIN, UFMG, Belo Horizonte.

VALE, R. P. G. *O discurso humorístico: um percurso de análise pela linguagem do riso*. 2013. 279f. Tese (doutorado) – Faculdade de Letras, POSLIN, UFMG, Belo Horizonte.

VALE, R. P. G. Suetônios maquiavélicos made in Brazil: construindo biografias politicamente incorretas. In: Maraísa Lopes; José Ribamar Lopes Batista Jr.; João Benvindo de Moura. (Org.). *Linguagem, discurso e produção de sentido*. 1ed. São Paulo: Pá de Palavra, 2018, p. 245- 259.

VALE, R. P. G. O riso na pandemia: a hipertrofia do humor nas redes sociais e a construção da imagem do brasileiro no enfrentamento da covid-19. In: BRAIGHI, A. A.; LESSA, C. H.; AZEREDO, L. A. S. (org.). *Vozes na pandemia*. LED. 2022. Disponível em: [https://www.led.cefetmg.br/wpcontent/uploads/sites/275/2022/12/Vozes\\_final\\_dez.pdf](https://www.led.cefetmg.br/wpcontent/uploads/sites/275/2022/12/Vozes_final_dez.pdf) Acesso em: 15 fev. 2023.

VENANCIO, R. *O incorreto no guia politicamente incorreto da História do Brasil*. Edição do Kindle. 2021. Disponível em: [https://ler.amazon.com.br/?asin=B093Z2QB6H&ref\\_=kwl\\_kr\\_iv\\_rec\\_2](https://ler.amazon.com.br/?asin=B093Z2QB6H&ref_=kwl_kr_iv_rec_2) Acesso em: 10 abr. 2024.

WILSON, M. What’s a banana republic? A political scientist explains. *The Conversation*. 2022. Disponível em: <https://theconversation.com/whats-a-banana-republic-a-political-scientist-explains-188573> Acesso em: 25 jan. 2024.

WOLLSTONECRAFT, M. *Reivindicação do direito das mulheres*. 1 ed., São Paulo: Boitempo: Iskra, 2016.

WOOD, G. S. *The creation of the American republic, 1776-1787*. New York: W. W. Norton Company, 1972.

WOOLF, V. *Um teto todo seu*. 1 ed. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

# **ANEXOS**

## ANEXO 1: CENAS DO NARRADOR DO *GUIA*

### Rodrigues Alves

Texto A – SCHMIDT, 2016, p. 78

Em uma reunião presidida por Sodré, o porta-voz do Centro das Classes Operárias, Vicente de Souza, disse que a entrada das brigadas sanitárias nas casas colocava em risco a honra das famílias, pois “a virgem, a esposa e a filha terão de desnudar braços e colos para os agentes da vacina”.

### Nilo Peçanha

Texto B – SCHMIDT, 2016, p. 100-101

Sua mulher foi a primeira esposa de presidente a se destacar pela personalidade e colaboração com o marido na política. Campista também, Anita de Castro Belisário de Sousa era de família aristocrática. Seus antepassados haviam chegado ao Brasil em 1808, na comitiva de d. João VI. Tendo recebido a melhor educação possível, falava alemão e francês, tocava piano, andava a cavalo, conhecia literatura francesa, interessava-se por política e era republicana. Nas ideias parecia um Nilo de saias. Livre-pensadora, crescera em ambiente religioso, mas não tinha fé.

Texto C – SCHMIDT, 2016, p. 102

O falecimento dele [do pai], em 1895, privou Anita do único parente que apoiava a sua união com Nilo, quase fazendo-a desistir do noivado. Todavia, guardara na memória um aforismo de Stendhal: “Uma mulher pertence de direito ao homem que a ama e que ela adora mais do que a vida”. Resistindo, pois, à pressão da família, fugiu de casa e o casamento morganático se realizou em 6 de dezembro. Ana Raquel nunca mais falou com a filha.

### Hermes da Fonseca

Texto D – SCHMIDT, 2016, p. 112

Filha do barão de Tefé — cuja influência nos assuntos domésticos do presidente obscureceu a do Sogra —, Nair foi a primeira mulher caricaturista do mundo e publicava suas caricaturas na imprensa brasileira e estrangeira sob o pseudônimo de Rian, antes de desposar o homem mais caricaturado do Brasil. Bonita e culta, espécie de intelectual de vanguarda, promovia saraus frequentados por artistas célebres como Catula da Paixão Cearense e Chiquinha Gonzaga. Se as modinhas de violão do primeiro eram tidas por coisas da ralé, impróprias em um ambiente elegante, o maxixe “corta-jaca”, tocado em pleno Catete pela maestrina e compositora, foi um escândalo nacional, criticado até por Rui Barbosa no Senado: “Aqueles que deveriam dar ao país o exemplo das maneiras mais distintas e dos costumes mais reservados elevaram o corta-jaca à altura de uma instituição social. Mas o corta-jaca, que vem a ser ele? A mais baixa, a mais chula, a mais grosseira de todas as danças selvagens, a irmã gêmea do batuque, do cateretê e do samba”.

Texto E – SCHMIDT, 2016, p. 112-113

Preso aos feitiços da moça, diziam os maledicentes, Hermes perdera o controle do governo, entregando a direção deste à vontade inquebrantável de Pinheiro Machado. Risonho, pomposo no seu uniforme cheio de dragonas, sempre comboiado por Nair, o presidente se exibiu em toda parte, no Teatro Municipal, nos prados de corridas, nas formaturas de militares, nas exposições de artes e de produtos industriais. Mulher de fino gosto, educada na Europa, vencedora de vários concursos de elegância, a esposa praticava equitação nos jardins do Palácio do Catete, onde preferia montar à *califourchon*, isto é, com as pernas abertas, os pés nos estribos. No lago dos mesmos jardins, para ela fruir o deleite de navegar, de mover os remos em águas bonançosas, o ministro da Marinha mandou colocar um bote mimoso, todo branco, um bote de conto de fadas.

Texto F – SCHMIDT, 2016, p. 113

A despeito de seus pendores artísticos, Nair não foi, como pretendem alguns, uma mulher à frente do seu tempo e muito menos uma feminista. Na verdade, não passava de uma dondoca casadoura, que desposou um velho gnomo grotesco porque desejava ser primeira-dama e nada, para ela, teve maior importância. Nunca mais desenhou após se casar e pouco fala de si no relato autobiográfico deixado por ela, em que só faz enaltecer o marido presidente.

#### **Delfim Moreira**

Texto G – SCHMIDT, 2016, p. 131

Mineiro afável, de sotaque carregado, o presidente conservava hábitos simples, que beiravam a jequice. Sua mulher e prima, dona Chiquinha, mandava comprar pano para fazer coadores de café com as próprias mãos, deixando boquiabertos os funcionários do palácio.

#### **Arthur Bernardes**

Texto H – SCHMIDT, 2016, p. 146-147

Em 1903, aos 28 anos, recebeu no altar Clélia Vaz de Melo, filha do senador Carlos Vaz de Melo, que introduziu o genro na política. O casamento com Clélia e com a vida pública durou mais de meio século, até que a morte os separou. Com muita paciência — sua maior virtude —, trabalho duro e um empurrãozinho do sogro, Artur chegou a presidente da Câmara de Viçosa, deputado federal e duas vezes secretário das Finanças do estado. Finalmente, sucedeu Delfim Moreira como governador de Minas Gerais, em 1918. Já em 1919, seu nome foi cogitado para a sucessão de Rodrigues Alves, prevalecendo, contudo, o “neutro” Epitácio, o que permitiu a Bernardes concluir o mandato.

#### **Washington Luís**

Texto I – SCHMIDT, 2016, p. 165

É possível que esse egoísmo inconsciente tenha desempenhado um papel na madrugada de 23 de maio de 1928, no apartamento 235 do Hotel Copacabana Palace, onde morava a linda marquesa Elvira Vichi Maurich, amante italiana do presidente da República. Ela e Washington tiveram uma violenta discussão, que terminou com a ciumenta marquesa dando-lhe um tiro no abdome. O presidente foi internado às pressas na Casa de Saúde Pedro Ernesto, com uma crise de apendicite aguda, segundo os boletins médicos. Pouco depois do atentado, a jovem de 28 anos se suicidou, atirando-se da janela: um gesto que simbolizava a própria República Velha, então nos estertores. Washington Luís, contudo, recuperou-se rapidamente da cirurgia para “retirada do apêndice”.

#### **Getúlio Vargas**

Texto J – SCHMIDT, 2016, p. 176

Estava casado há quase vinte anos com a filha de um riquíssimo estancieiro e banqueiro, Darci Sarmanho, com quem tivera, tal qual seu pai, cinco filhos. Ela era uma típica esposa gaúcha de antanho: mulher do lar, devotada à família, fiel ao marido e indiferente às suas escapadas, ainda mais em uma província de cultura tão obsessivamente machista, onde era mais comum ao homem de certa posição ter amantes do que não tê-las.

Texto K – SCHMIDT, 2016, p. 209

Na madrugada de 23 para 24 de agosto, foi realizada uma reunião ministerial de emergência para decidir o que fazer com o governo. A maioria apoiava a renúncia; Tancredo Neves e Alzira Vargas, que trabalhava como assessora do pai, eram favoráveis à resistência armada; os ministros da Guerra, da Aeronáutica e da Marinha discutiam entre si, um jogando a responsabilidade no outro.

### **Juscelino Kubitschek**

Texto L – SCHMIDT, 2016, p. 233-234

Sara tudo fez para apoiá-lo em sua carreira política e foi uma das melhores primeiras-damas do país. Sempre envolvida com obras assistenciais, fundou a organização Pioneiras Sociais, que promoveu auxílio a pessoas carentes em Minas, e no Rio de Janeiro o centro de reabilitação que leva o seu nome, assim como vários hospitais, além de apoiar a construção do Memorial JK, projetado por Oscar Niemeyer. Contudo, Juscelino e Sara eram diferentes demais e não combinavam. Alguém que os conheceu nos anos 30 e 40 não entendia como um homem tão sedutor e afetuoso havia se ligado a uma moça tão altiva e gelada. Ao passo que ele era espontâneo, jovial e informal (mas nunca vulgar), Sara não tinha nada de simples. Gostava de formalidade, de pose. Era distante com os empregados. Não concedia intimidades. Foi ela quem instituiu o protocolo no Palácio da Liberdade [...] Sara detestava a maneira como a política abocanhava a intimidade da família, as peripécias da vida sem horários, os inevitáveis companheiros, a vulgaridade dos políticos do interior — uma gente que falava alto e manchava o sofá com cabelos oleosos. Reagia contra a constante ebulição, as noites passadas fora.

Texto M – SCHMIDT, 2016, p. 234

Outra coisa à qual Sara reagia eram as constantes aventuras extraconjugais do marido, por sinal mais lendárias que verídicas. Se Juscelino tivesse todas as amantes que lhe atribuem — entre as quais a escritora Clarice Lispector e as atrizes Tônia Carrero, Kim Novak e até Marlene Dietrich — não lhe restaria tempo para governar. Algumas histórias são mirabolantes, como a de que transou com a mulher de um embaixador estrangeiro durante um voo, ou de que a operação de apendicite à que se submeteu seria, na verdade, para retirar uma bala disparada por um marido traído.

Texto N – SCHMIDT, 2016, p. 237-238

O afastamento da política havia piorado, em vez de melhorar, o casamento do ex-presidente. Sara se empenhava ao máximo em fazer o marido sentir-se culpado.

### **Jânio Quadros**

Texto O – SCHMIDT, 2016, p. 245

Muito discreta e absolutamente Amélia, [Eloá] foi uma influência estabilizadora sobre o instável marido ao longo de meio século de matrimônio. Sempre ao seu lado, cuidava-o e segurava-lhe o microfone nos comícios, para ele poder gesticular à vontade. Tiveram somente uma filha, que recebeu o nome da finada irmã de Jânio, Dirce.

### **João Goulart**

Texto P – SCHMIDT, 2016, p. 268

Casou-se tarde para a época, 37 anos, pouco antes de ser eleito vice-presidente. Maria Teresa, de 17 anos, era sobrinha de Espártaco, irmão de Getúlio: mais um vínculo com a família Vargas. Tinha 23 anos quando o marido se tornou presidente e é considerada a mais bonita e elegante das primeiras-damas do Brasil. Seus penteados e roupas lançavam moda entre as brasileiras, assim como sua juventude e beleza incentivavam calúnias udenistas sobre supostas infidelidades.

Texto Q – SCHMIDT, 2016, p. 268-269

Jango interrompeu a campanha eleitoral, voou para São Borja e levou a esposa para o Rio de Janeiro, onde tiveram um casal de filhos. Pouco depois, Maria Teresa foi morar na Espanha com as crianças: era o único modo de manter o casamento.

**Costa e Silva**

Texto R – SCHMIDT, 2016, p. 285-286

Quem conheceu Yolanda Costa e Silva descreveu-a como uma espécie de Lady Macbeth, sempre impulsionando o marido a conspirar para obter mais poder. Extremamente ambiciosa, envolvida com contrabando, presentes caros em troca de favores, rapazes jovens e outros escândalos, todos cuidadosamente abafados pelo SNI, chegou a gravar, secretamente, as conversas do marido, a quem chamava de “o Costa”. Sempre atenta às coisas da política e nada satisfeita em participar apenas de cerimônias de caridade, ela colecionou em seu currículo um empurrãozinho numa vida pública que iria, anos depois, balançar o país. Não era segredo que ela tinha extrema simpatia por um empresário chamado Paulo Maluf, que conheceu quando morava em São Paulo e o marido era comandante do II Exército. E também não é segredo que dona Yolanda não apenas aplaudiu como influenciou para que Maluf entrasse na vida pública num alto cargo da Caixa Econômica Federal.

**João Figueiredo**

Texto S – SCHMIDT, 2016, p. 295

O casamento de Figueiredo com a mãe de seus dois filhos, Dulce, era pura fachada: estavam separados há tempos e cumpriam juntos somente funções cerimoniais. Ambos mantinham casos extraconjugais, relevados pela sociedade machista conservadora para os homens, mas não para as mulheres, de modo que, segundo as más línguas, a esposa de Tancredo Neves, dona Risoleta, era uma santa com nome de vaca, ao passo que Dulce era uma vaca com nome de santa.

**José Sarney**

Texto T – SCHMIDT, 2016, p. 307

Em 94 fez eleger a filha, Roseana, para o primeiro de quatro mandatos como governadora do Maranhão. Em 2001, ela foi indicada pré-candidata à presidência do país pelo PFL. Mas o sonho de ter mais um presidente na família foi por água abaixo quando a Polícia Federal fez uma batida na empresa Lunus Participações — pertencente a Roseana e ao marido, Jorge Murad —, onde encontrou 1.340.000 reais não declarados. Desmoralizada, Roseana Sarney retirou a candidatura.

**Fernando Collor**

Texto U – SCHMIDT, 2016, p. 318-319

Como era tradicional a toda primeira-dama desde Darci Vargas, Rosane presidia a Legião Brasileira de Assistência (LBA). Sob a direção dela, esse imenso órgão assistencial adquiriu 66,5 milhões de cruzeiros em cestas básicas, sem licitação e com preços superfaturados, além de se tornar uma cornucópia para os pais, amigos e primos da mulher do presidente, segundo a Polícia Federal de Alagoas. Uma nova mansão para os Maltas em Canapi foi financiada pelo contribuinte.

**Fernando Henrique Cardoso**

Texto V – SCHMIDT, 2016, p. 343

Se há dúvidas sobre a veracidade do ditado “por trás de todo grande homem há sempre uma mulher”, no caso dos presidentes do Brasil ele tem sido muito veraz. Ruth Cardoso foi certamente a melhor primeira-dama que tivemos. Atingida pela gestão desastrosa de Rosane Collor, a LBA, extinta no primeiro dia de mandato do novo presidente, em 1º de janeiro de 1995, foi substituída pelo programa Comunidade Solidária, sob a direção de Ruth. O sucesso do programa foi tamanho que, em dezembro de 2002, os projetos em execução mobilizavam 135 mil alfabetizadores, 17 mil universitários e professores, 2.500 associações comunitárias, 300 universidades e 45 centros de voluntariado.

Texto W – SCHMIDT, 2016, p. 349

Ruth Cardoso tinha razão quanto a querer se distanciar da política como ela é feita no Brasil e em certos setores de Brasília. Ela, que sempre foi uma pessoa célebre pela integridade e pelo cuidado com a coisa pública, se viu ameaçada pela então chefe da Casa Civil, Dilma Rousseff, com um escândalo em torno de um dossiê sobre os gastos corporativos da presidência, em que alegava que Ruth havia despendido milhares de reais ou dólares em compras fúteis, inúteis e banais, em vinhos e comidas. Caiu mal no mundo político, no qual Ruth sempre foi respeitada até mesmo pelos adversários mais ferrenhos.

### **Lula**

Texto X – SCHMIDT, 2016, p. 357-358

Casaram-se naquele mesmo ano de 1974, tiveram três filhos e Lula ainda adotou o filho de Marisa Letícia do casamento anterior. Mas só reconheceu Lúrian como filha quinze anos depois, para tentar salvar sua primeira candidatura à presidência. Marisa Letícia não permitia a aproximação dela com os meio-irmãos, e Lula dava a Miriam, de vez em quando, migalhas para que criasse a filha.

Texto Y – SCHMIDT, 2016, p. 368

Mas a generosidade de Lula com o dinheiro público se estendia também a outras pessoas próximas que não faziam parte da família. Em 2006, nomeou sua amante, Rosemary Noronha, chefe de gabinete da Presidência da República em São Paulo. Marisa Letícia, cuja atividade de primeira-dama se limitava a cirurgias plásticas e compras com cartão corporativo, sabia do caso, que começara em 1993, e as duas mulheres nunca estavam no mesmo lugar ao mesmo tempo. Nas viagens internacionais em que Marisa não acompanhava o marido, Rosemary integrava a comitiva oficial, e vice-versa. Pouquíssimo atraente para o que se espera de uma manteúda, Rosemary dava chilikues e tratava mal os empregados, como o seu amante presidencial. Oculto do público por dezenove anos, o caso dos dois veio à tona em 2012, quando a Polícia Federal desbaratou uma quadrilha chefiada por Rosemary, que negociava pareceres técnicos falsos a empresários trambiqueiros, numa ação que ficou conhecida como Operação Porto Seguro.

### **Dilma Rousseff**

Texto Z – SCHMIDT, 2016, p. 380

Dilma Vana Rousseff foi a primeira mulher a se tornar presidente do Brasil, mas isso não constituiu motivo de orgulho para o sexo feminino, muito pelo contrário, porque ela também tem sido a pior presidente que o país já tolerou, somatório do que o presidencialismo brasileiro produziu de mais degradante em quase 130 anos.

## **ANEXO 2: CENAS INTERNAS FICCIONAIS**

### **Florian Peixoto**

Texto 01 – SCHMIDT, 2016, p. 40

“O governo não quer que o povo se divirta”, queixava-se um leitor no jornal O Combate, “não há mais alegria! Não há mais divertimento! Não há mais amor! Não há mais Carnaval! Não há mais mulheres!”

### **Afonso Pena**

Texto 02 – SCHMIDT, 2016, p. 87-88

Ele, que nunca se afastara da família antes, escreveu, “a bordo do paquete *Maranhão*, alto-mar, na altura da terra do Ceará, em 14 de junho de 1906, às nove horas e meia da noite”:

Minha adorada Mariquinhas

Na imensidade dos mares, ouvindo a sinfonia do *Guarani*, na altura da terra que Alencar cantou, meu pensamento voa para junto de ti, num surto de saudade indizível e com os olhos rasos de lágrimas! Não te perco de vista um só momento e estamos separados por mais de seiscentas léguas! Nossos pensamentos se encontram e se compreendem apesar da distância, que não pode separar corações que se amam e se acham unidos por laços indissolúveis! Em Santa Bárbara tudo te fala dos dias felizes de nossa lua-de-mel que se prolongaram por anos e que jamais terá fim enquanto Deus nos der vida. Sim! A Deus devemos infinitas graças pela bênção que concedeu a nossa união. É a primeira vez que consigo escrever a bordo, estando o vapor em alto-mar, e para ti vai o meu coração, todo o meu ser. Beijo e abençoo os filhos. Receba mil beijos do Teu, todo teu, NEGRÃO.

Texto 03 – SCHMIDT, 2016, p. 88-89

A 21 de junho, na vila de Pinheiro, no Pará, Negrão escreveu novamente à  
Minha adorada Mariquinhas Passa hoje o teu aniversário e eu me acho separado de ti por distância superior a 850 léguas. Não! Não é possível! Onde quer que eu esteja, qualquer que seja a distância material que nos separe, meu coração, toda a minha alma está e estará sempre junto de ti, a esposa amiga e declarada, a companheira adorada que Deus me concedeu, na sua infinita bondade, para fazer a felicidade de minha vida! Amo-te hoje como no dia em que te recebi junto ao altar! Que sacrifício estou fazendo, Santo Deus! Longe de ti e dos filhos, e fazendo-te também sofrer! Tu, inocente, sacrificada pela carreira que adotei! Perdoa-me, perdoa-me, querida e adorada esposa, atendendo à pureza de minhas intenções, ao patriótico intuito que me inspirou!

### **Nilo Peçanha**

Texto 04 – SCHMIDT, 2016, p. 100-101

Aos 10 anos de idade, na primeira comunhão, foi se confessar com um padre. — Você acredita em Nosso Senhor, minha filha? — perguntou-lhe o ministro de Deus. — Não sei ainda — foi a resposta. — Como assim?! Não crê que na hóstia sagrada se encontra o corpo de Cristo? — Penso que não. — Que terrível heresia! Por quê, então, comparece à sagrada cerimônia? — Meus pais me obrigam.

Texto 05 – SCHMIDT, 2016, p. 101

O pai de Anita, João Belisário, gostava do rapaz, votara nele e via-o como político promissor. O problema era a mãe, Ana Raquel. Filha de um visconde e de uma baronesa, não aceitava de modo algum que sua princesinha desposasse um plebeu, filho de padeiro, um “moleque”, lembrando que nessa época o termo significava “mulato”, não “garoto”, como hoje. João Belisário ironizava os preconceitos da mulher: — Lá vem você com a sua nobreza de melado...

Texto 06 – SCHMIDT, 2016, p. 102

Por harmonioso que fosse o casal, havia uma diferença entre os dois. Nilo não guardava rancor, era adepto do “falem mal de mim, mas falem”; Anita, em contrapartida, não perdoava desfeitas ao esposo. Censurado por ela ao apertar a mão de um pasqureiro que o desmerecera, Nilo observou: “Para que a democracia vingue nesta terra, é necessário que alguém sofra”.

Quando, presidente, formava ele o seu gabinete ministerial, Anita fazia objeções:

— Então você nomeou para o Exterior o Barão, que nunca atendeu os seus pedidos de vice-presidente?

— Você não ignora que Rio Branco é figura indispensável. Sua colaboração por si só honra qualquer governo.

— E o Esmeraldino Bandeira, que sempre o atacou?

— Preciso dele para reforçar minha posição política.

— E o Leopoldo Bulhões? Para esse você não tem desculpa. Foi o indivíduo que amargou sua administração no Rio, exigindo, em um momento de dificuldades, devolução ao Tesouro nacional da soma de impostos que você arrecadara.

— Ah, é justamente de um desses que eu preciso! O Bulhões não deixará que passem calote no Tesouro. [...]

Texto 07 – SCHMIDT, 2016, p. 102-103

Gente graúda não escapava às bordoadas da primeira-dama. Um ministro do STF, evitado por ela em uma recepção no Itamarati, veio lhe dizer cordialmente: — Não é possível que uma filha do Joãozinho não me conheça! — Deixou de conhecê-lo — foi a réplica — desde o dia em que o senhor passou a decidir tudo contra o genro do Joãozinho.

Texto 08 – SCHMIDT, 2016, p. 103

Anita não poupou sequer o todo-poderoso Pinheiro Machado, depois que ele e Nilo haviam rompido. Após cumprimentá-la, o Fazedor de Reis disse a alguém: — Esta menina não gosta de mim e eu, entretanto, gosto muito dela. A “menina” respondeu prontamente: — A mim interessaria bem mais que o senhor gostasse do meu marido.

Texto 09 – SCHMIDT, 2016, p. 106

Ao receber as condolências do presidente Bernardes, a viúva respondeu, caracteristicamente: “Não aceito pêsames de usurpador!” Anita sobreviveu ao marido 36 anos. Nunca mais se casou.

### **Hermes da Fonseca**

Texto 10 – SCHMIDT, 2016, p. 113

“Os segredos de suas atitudes só são mencionados após o casamento, como a dizer que até esse momento ela era uma moça comum que, embora inteligente, era dada a futilidades. A mulher Nair só nasceu com o casamento. O livro é a constituição de um cenário para o artista principal, Hermes da Fonseca. Nair é mera atriz coadjuvante”.

### **Epitácio Pessoa**

Texto 11 – SCHMIDT, 2016, p. 136

Aos 29 anos, com pouco mais de nove meses de casamento, perdeu a esposa, falecida ao dar à luz um filho natimorto, em abril de 1895. Três anos depois, desposou em segundas núpcias Maria da Conceição Manso Saião, apelidada “Mary”, moça da alta sociedade carioca, na Igreja da Candelária, como era moda então. Mary achava que “dos selvagens paraibanos, o melhorzinho era mesmo Epitácio”. Apesar do preconceito, a primeira-dama prestou serviços de assistência social e criou a Casa de Santa Inês, pensionato para pessoas necessitadas que existe até hoje.

### **Washington Luís**

Texto 12 – SCHMIDT, 2016, p. 159

No ano de 1899, em um sarau na casa dos barões de Piracicaba, na capital, conheceu sua futura esposa, Sofia Paes de Barros, de 22 anos, amante da música e do canto, como ele. Ao pedir a mão de Sofia, recebeu da baronesa, viúva, a seguinte resposta, a 23 de novembro: [...] tendo consultado minha filha e a todos os demais de minha família sobre a pretensão de V. Sa., tenho a dizer que sendo do agrado de todos [...] aceito o seu pedido e espero que nos dará hoje à noite a satisfação de vir tomar uma chávena de chá em nossa casa.

Texto 13 – SCHMIDT, 2016, p. 159

O casamento, após um noivado rápido, foi celebrado a 4 de março de 1900, na residência da baronesa. Em 12 de abril, a sogra de Washington lhe escreveu, tratando-o por “meu querido filho”: Estou certa na felicidade de Sofia, que o destino lhe concedeu um homem de qualidades e caráter elevado, e que sabe compreender ou antes apreciar as qualidades que Sofia possui, pondo de parte a modéstia, e não é por ser mãe, reconheço que Sofia é uma menina muito boazinha e saberá compreender todos os deveres de uma boa esposa.

Texto 14 – SCHMIDT, 2016, p. 164

Em visita ao Brasil com seu grupo de comédia, a atriz francesa Gabrielle Dorziat, encantada com o presidente, declarou à imprensa: “Il a le physique du rôle, du charme, et les plus beaux yeux du monde!<sup>44</sup>”

### **Getúlio Vargas**

Texto 15 – SCHMIDT, 2016, p. 177

Mas essa impassibilidade era aparente, segundo Alzira, filha predileta de Vargas: “Sempre me pareceu estranho ouvir, anos mais tarde, dizerem que papai era de índole calma e serena, o homem que sabia esperar. Saber, ele o sabia, mas não gostava. Aprendeu a controlar seu temperamento impaciente, ardoroso, quase intempestivo, nas lides da própria experiência”.

Texto 16 – SCHMIDT, 2016, p. 182-183

Foi uma paixão avassaladora, capaz de desmentir qualquer comentário sobre a suposta frieza do Maquiavel de Bombachas. Após o primeiro encontro amoroso, ocorrido em meados de abril de 1937 – ele tinha 55 anos, ela 33 –, Getúlio escreve no dia 29: “Terminado o expediente, saí à tardinha para um encontro longamente desejado. Um homem no declínio da vida sente-se, num acontecimento destes, como banhado por um raio de sol, despertando energias novas e uma confiança maior para enfrentar o que está por vir. Será que o destino, pela mão de Deus, não me reservará um castigo pela ventura deste dia?”

Texto 17 – SCHMIDT, 2016, p. 183

Em 5 de outubro, ele a chama de “luz balsâmica e compensadora dos meus dias atribulados”. No dia 15 do mesmo mês, anotou que “após os despachos, fui ao encontro de uma criatura que, de tempos a esta parte, está sendo todo o encanto da minha vida”.

Texto 18 – SCHMIDT, 2016, p. 184

O caso tomava proporções tais, que já corria por várias bocas. Em 7 de abril, o presidente escreve: À tarde, novo encontro. Soube então que, por conversa telefônica transmitida a outra pessoa, comentavam-se no Rio os meus amores. Que o assunto fora tratado em casa do Osvaldo Aranha, que deveria vir aconselhar-me. Tenho dúvidas, à vista da leviandade do informante.

Texto 19 – SCHMIDT, 2016, p. 185

Com Darci, a coisa foi mais grave. Em 23 de maio, ele escreve: “Fui ver a bem-amada. O regresso, só, causou desconfiança e uma crise doméstica”. Cansada de ser a Amélia dos pampas, Darci pode ter feito ameaças. A partir de então, passaram a dormir em quartos separados. Aimée e Getúlio tiveram de pôr fim ao tórrido *affair*. Para fugir do falatório, ela começou vida nova na Europa, talvez com dinheiro dado por ele, já que nada podia esperar do marido cornudo, com quem não tivera filhos.

### **Eurico Dutra**

Texto 20 – SCHMIDT, 2016, p. 198

Dutra era casado há 32 anos com dona Carmela, uma senhorinha extremamente carola também conhecida como dona Santinha. Por influência dela, o presidente baixou um decreto, em 30 de abril de 1946, proibindo os cassinos, “aqueles antros de perdição e pecado, Eurico!”, na visão de Santinha.

---

<sup>44</sup> Tradução nossa: “Ele tem o físico para a função, charme e os olhos mais lindos do mundo”.

**Juscelino Kubitschek**

Texto 21 – SCHMIDT, 2016, p. 227

Era uma moça enérgica e determinada a ponto de Juscelino dizer, anos depois, a um amigo: “Muita gente que não a conhece de perto se ilude com a Sara, por vê-la assim, tão miudinha, tão sorridente, ninguém imagina a fortaleza que ela é. Uma rocha”. Gostava dela, mas não estava apaixonado, e tentou romper o noivado dando a sua viagem como pretexto. Sara, no entanto, disse que esperaria por ele.

Texto 22 – SCHMIDT, 2016, p. 234

Ele mesmo reprovava que um político prejudicasse sua carreira por causa de mulher, como Benedito Valadares, que largava o que estivesse fazendo quando sua amásia telefonava.

— Seu pai poderia ter sido presidente — disse a Helena Valadares —, só não foi por causa da Nelita.

Texto 23 – SCHMIDT, 2016, p. 237

O caso de JK e Maria Lúcia, que durava já dez anos, foi finalmente descoberto pelo marido dela. De revólver na mão, jurou matar os dois, mudou de ideia e ameaçou matar Autran Dourado, secretário de imprensa de Juscelino, que acobertava o caso. “Do José Pedrosa eu só tenho medo de chifrada”, declarou Dourado. Por fim, o cônjuge traído não matou ninguém, mas fez coisa pior: contou tudo a Sara.

Texto 24 – SCHMIDT, 2016, p. 237-238

Durante o exílio, JK queixava-se a um amigo:

— Minha vida é um inferno... aqui são os militares, em Portugal é a Sara!

Texto 25 – SCHMIDT, 2016, p. 238

Quando dissera que Deus lhe havia poupado o sentimento do medo, Juscelino não levava em conta a temível esposa. Durante uma festinha na Gávea Pequena — reunião familiar e alegre, com uísque e dança —, chegou o recado da portaria de que um carro preto estava subindo a ladeira. Segundo uma testemunha, o presidente entrou em pânico: “É a Sara!” Mandou todo mundo se esconder. Foi um constrangimento, uma vergonha — e aí se verificou que não era a Sara e então ele confessou a uma amiga que não tinha medo do Exército, nem do Lott, nem do Lacerda, que a única pessoa que metia medo nele era a Sara. E a festa era perfeitamente inocente.

**Jânio Quadros**

Texto 26 – SCHMIDT, 2016, p. 245

Em 1938, começou a lecionar geografia e português nos prestigiosos colégios da elite paulistana Dante Alighieri e Vera Cruz. Em 39, conheceu Eloá Vale, que se tornaria sua esposa três anos depois. Ela estava com 15 anos, ele com 21. “Eu jamais conhecera homem tão feio”, confessou Eloá.

Texto 27 – SCHMIDT, 2016, p. 251

Com semelhante pai, dificilmente Jânio seria o mais afetivo dos homens. Em geral ríspido com as pessoas, a não ser que as quisesse cativar, sua brutalidade estendia-se aos entes mais queridos, como na ocasião em que apresentou a mãe ao jornalista Joel Silveira, em 1960: “Esta é a dona Leonor, minha mãe. Está com câncer já adiantado, irreversível!”

Texto 28 – SCHMIDT, 2016, p. 252

À sua própria esposa, que solicitava os salões do aeroporto de Congonhas para realizar uma exposição beneficente, despachou: “Indeferido. Encontre V. Sa outros meios. O local não existe para tais iniciativas. É favor não insistir”.

Texto 29 – SCHMIDT, 2016, p. 258

No entanto, a doença da sua companheira inseparável era bem real. Com a sensibilidade que sempre o caracterizou, ele a apresentava no palanque dizendo: “Aqui está minha mulher, Eloá, segurando o microfone, CAN-CERO-SA!”

Texto 30 – SCHMIDT, 2016, p. 260-261

Eleita deputada federal nas costas do pai, deixou o PTB em 88 e, ingressando no PSDB, começou a atacar o prefeito na Câmara, acusando-o de ter uma conta na Suíça — que a Polícia Federal não encontrou — e denunciando a guinada conservadora do pai: “O Jânio de hoje não é o mesmo Jânio de ontem. Ele, que foi o maior governador paulista, tinha ideias progressistas e até socialistas, hoje representa a extrema-direita. Ele nem tinha secretária. Batia seus discursos, levava uma flanela de casa para limpar o gabinete e tinha uma chave da porta da Câmara”. Jânio foi o único político brasileiro atacado publicamente pelo pai e pela filha.

Texto 31 – SCHMIDT, 2016, p. 261

A morte de Eloá, em 1990, reaproximou filha e pai, que pediu votos aos janistas para reeleger Tutu na Câmara dos Deputados. Porém, Tutu destruiu a sua carreira política ao destruir a do prefeito. “Os janistas não votariam numa filha de Jânio que só brigava com ele, falava mal dele e fazia oposição a ele”, diz o neto de Quadros. “E os antijanistas não votariam nela simplesmente pelo fato de ela ser filha do Jânio”.

### **João Goulart**

Texto 32 – SCHMIDT, 2016, p. 268

Quanto às infidelidades de Jango, nem ele mesmo se dava ao trabalho de negá-las. — Você vai ser a primeira em tudo, vai ser sempre a primeira mulher — disse à noiva, com seu carregado sotaque gaúcho —, mas não vai me proibir de sair à noite.

Texto 33 – SCHMIDT, 2016, p. 268

Ela lembrou em uma entrevista, quarenta anos depois, que “não houve uma vedete do Carlos Machado que o Jango não tivesse comido... sem contar a paixão pelo jogo, pelo turfe e pelo álcool”.

Texto 34 – SCHMIDT, 2016, p. 268-269

Após o casamento, ele foi morar no Rio e a deixou em São Borja. Isolada nos pampas e sem o marido, a recém-casada de 18 anos tentou o suicídio, ingerindo uma dose elevada de barbitúricos. “Não sei se foi a solidão. Não sei se foi aquela casa cheia de portas cerradas. Não sei se eram aquelas mulheres ciumentas me cercando”.

### **Costa e Silva**

Texto 35 – SCHMIDT, 2016, p. 285

Seu colega Cordeiro de Farias confirmou que “desde que saiu da Escola Militar, Costa e Silva nunca mais leu um livro, nunca estudou nada”. Outros colegas de Porto Alegre dizem que ele era “mulherengo”, embora não conhecessem mulher alguma com quem se relacionara.

Texto 36 – SCHMIDT, 2016, p. 285

No entanto, ao ver a paranaense Yolanda Barbosa, de 10 anos, Costa e Silva, aos 18, confidenciou a um amigo ser aquela “a guria com quem vou me casar”.

### João Figueiredo

Texto 37 – SCHMIDT, 2016, p. 296

Figueiredo expressou sua opinião sobre o sexo feminino em junho de 88: “Mulher deveria ser como pasta de dente, daquelas que a gente usa em viagens internacionais. Quem não gosta pode jogar o tubo fora. Quem gosta pede outro”.

Texto 38 – SCHMIDT, 2016, p. 296

Teve um filho ilegítimo com uma funcionária do SNI, antes da presidência, e, durante esta, uma relação com a empresária Myrian Abicair, casada e dona de um famoso *spa* em São Paulo. O presidente dizia-lhe:

— Não quero você perto do poder. O poder é perigoso. Se souberem que você tem um caso com o presidente da República, os políticos e meus próprios amigos vão começar a te bajular para que você, na cama, consiga de mim as coisas que eles não conseguem no meu gabinete nem nas minhas churrascadas.

O romance durou três anos e meio, até que João disse a ela:

— Meu paizinho, lá do céu, não deve estar gostando nada de eu ter essa vida adúltera. Eu te prometi casamento, mas não posso, como militar, me separar da minha mulher para casar com outra. Podemos continuar namorando, mas nada de casamento.

A resposta de Myrian foi: “Fique aí com seu paizinho.” E caiu fora. Nunca mais se viram.

### José Sarney

Texto 39 – SCHMIDT, 2016, p. 304

Não contente em arruinar um estado e um país, Sarney ainda cometeu atentados à língua portuguesa em seus livros, além de inaugurar no Brasil, por pura ignorância, o uso do cretiníssimo linguajar politicamente correto — depois adotado pelas esquerdas — com o costume de dirigir pomposos discursos a “brasileiras e brasileiros” em rede nacional.

### Fernando Collor

Texto 40 – SCHMIDT, 2016, p. 314

Rosane Malta não poderia ser mais diferente da sua primeira esposa. “O que Lilibeth tinha de cosmopolita e sofisticada, Rosane tinha de provinciana. Enquanto Lilibeth se sentia em casa na Riviera francesa, Rosane guardava na memória, como a sua mais venturosa viagem, um passeio de carro a Recife. O modo frequentemente violento de fazer política em Alagoas, que sempre causara estranheza em Lilibeth, era visto por Rosane com a naturalidade esperada de uma autêntica Malta de Canapi”.

Texto 41 – SCHMIDT, 2016, p. 314

Pedro Collor, cujo ódio ao irmão se estendia à cunhada, descreve as origens desta: Canapi, Inhapi e Mata Grande. Encravados no alto sertão alagoano, onde a seca só não mata mais que bala de revólver, esses três municípios são dominados há décadas pelos Malta. No interior das Alagoas não existem dessas modernidades do Brasil pós-Revolução de 30. Lá ainda se vive como na República Velha, o voto é controlado um a um pelo chefe político, e a honra dos machos, defendida a tiro. Mata-se por absolutamente qualquer coisa, a linguagem é a da violência, e os hábitos, absolutamente primitivos. A política é feita na base do favor, e o dinheiro público, tratado como propriedade privada dos donos do poder.

Texto 42 – SCHMIDT, 2016, p. 316-317

“Quanto mais Collor crescia, mais o PT enlouquecia. O programa eleitoral de Lula foi aumentando o tom e partiu, desvairado, para a ridicularização e a agressão pessoal”, esclarece o jornalista Sebastião Nery, assessor de imprensa de Collor. Surgiu então a ideia de usar uma entrevista em que a ex-namorada de Lula revelava ter sido pressionada por este a abortar uma filha de ambos. Ela se negara a interromper a gravidez e se queixava das migalhas que recebia dele para sustentar a menina. A história não era nova, já saíra em matérias no Jornal do

Brasil e no Estadão. “Parte da assessoria de Collor, como eu, achava que não precisava radicalizar e usar as entrevistas da Miriam. Outros, que não se podia deixar de dar o troco aos ataques do PT, que cada dia ficavam mais violentos. De toda parte chegavam reclamações de que o programa de Collor estava frio, tímido, medroso, não respondia à altura ao programa de Lula”.

Texto 43 – SCHMIDT, 2016, p. 318

O estilo machão atingiu o auge do ridículo durante uma solenidade em Juazeiro do Norte, a 3 de abril de 1991. Após um tumulto causado por manifestantes de esquerda, o presidente, esquecendo toda a sua finesse, discursou: “Não nasci com medo de assombração, não tenho medo de cara feia. Isso o meu pai já me dizia desde pequeno, que havia nascido com aquilo roxo, e tenho mesmo, para enfrentar todos aqueles que querem conspirar contra o processo democrático”.

Texto 44 – SCHMIDT, 2016, p. 318

Enojada com tamanha vulgaridade, sua esposa depois o recriminou: — Está querendo dar uma de nordestino macho, Quinho? Mas você é carioca!

Texto 45 – SCHMIDT, 2016, p. 319

Em 91 correu um boato de que Rosane tinha um amante, do qual engravidara e abortara. Ela se defendeu de modo mais convincente das acusações de adultério que das denúncias de corrupção: Como primeira-dama, eu mal ficava sozinha para ir ao banheiro. Seguranças me acompanhavam o tempo todo. Além disso, eles tinham um livro onde anotavam tudo o que eu fazia para poder passar o serviço ao colega, na troca de turno. Ali ficava registrado a que horas eu saí para caminhar, quem me acompanhou, quando eu voltei, enfim... tudo. E Fernando poderia ter acesso a esse caderno se quisesse.

Texto 46 – SCHMIDT, 2016, p. 319

Fernando não pareceu convencido, falou em separação e foi visto sem aliança. Chegou a incumbir o advogado de providenciar os papéis do divórcio. A mãe de Rosane, Rosita, deu à imprensa uma declaração cuja ameaça velada não escapou a ninguém: — Na minha família não há mulheres separadas: só solteiras ou viúvas.

Texto 47 – SCHMIDT, 2016, p. 323

À medida que o cerco se fechava, as variações de humor do chefe de Estado se intensificavam. “Em determinado instante ele é calmo como um lago suíço e, no seguinte, tem uma explosão de raiva”, diz sua ex-esposa, contra quem, surpreendentemente, ele nunca ergueu a mão.

Texto 48 – SCHMIDT, 2016, p. 324

Collor, segundo Rosane, era extremamente supersticioso e “adora qualquer tipo de mandinga”.

### **Itamar Franco**

Texto 49 – SCHMIDT, 2016, p. 330

O pai, engenheiro, havia morrido dois meses antes do seu nascimento, de modo que a criação de Itamar Augusto coube à mãe e às irmãs. Uma destas, Matilde, confirma que ele foi o “queridinho da mamãe”, sempre favorecido por ela em qualquer disputa entre os irmãos. Como sói ocorrer a caçulas assim mimados por mulheres, sem a orientação firme de um pai, Itamar cresceu um adulto melindroso e imaturo.

**Fernando Henrique Cardoso**

Texto 50 – SCHMIDT, 2016, p. 343

Quando, em novembro de 1994, uma estudante pediu-lhe [a Ruth] autógrafa chamando-a de “tia”, recebeu uma reprimenda: “Não me chame de tia”.

Texto 51 – SCHMIDT, 2016, p. 349

O jornalista Augusto Nunes, que tem um blog dos mais visitados, não resistiu e comentou: “Dilma foi a primeira a agredir uma mulher gentil, suave, e também por isso tratada com respeito até por ferozes inimigos do marido”. Pegaram pesado e Ruth sentiu o baque, logo ela que sempre teve o cuidado de separar o privado do público, até mesmo no aluguel de filmes exibidos no palácio. O dossiê teria sido preparado pela secretária executiva da Casa Civil, Erenice Guerra. As reações contra o dossiê foram imediatas e a chefe da Casa Civil se desculpou, voltou atrás. Ruth, elegantemente, ainda que magoadíssima, aceitou as desculpas, porém o círculo íntimo sabe quanto isso a feriu e atingiu um coração já afetado.

**Lula**

Texto 52 – SCHMIDT, 2016, p. 357

Abusando de sua posição institucional para obter vantagens pessoais, Lula procurava saber quando algum trabalhador falecia para então, na qualidade de líder de sindicato, aproximar-se da viúva e tirar proveito sexual de sua carência e desamparo. Quando um taxista lhe contou que seu filho casado fora assassinado ainda muito jovem, Lula pensou: “Qualquer dia eu vou papar a nora desse velho”. Prosseguindo seu romântico relato, conta-nos que

Nessa época, a Marisa apareceu no sindicato. Ela foi procurar um atestado de dependência econômica para internar o irmão. Eu tinha dito ao Luisinho, que trabalhava comigo no sindicato, que me avisasse sempre que aparecesse uma viúva bonitinha. Quando a Marisa apareceu, ele foi me chamar.

Texto 53 – SCHMIDT, 2016, p. 359

Ao saber da prisão do filho, dona Lindu, louvada por Frei Betto como a encarnação de Nossa Senhora, exclamou: — Eu quero que se dane, cansei de avisar para ele!

Texto 54 – SCHMIDT, 2016, p. 363

“Minha mãe nasceu analfabeta”. (Garanhuns, 2005)

Texto 55 – SCHMIDT, 2016, p. 364

“Uma mulher não pode ser submissa ao homem por causa de um prato de comida. Tem que ser submissa porque gosta dele”. (2010)

Texto 56 – SCHMIDT, 2016, p. 364

Orgulhoso não só da própria ignorância e primitivismo, mas também de sua escatológica falta de educação, disse uma vez à sua ministra do Meio Ambiente, Marina Silva:

— Marina, essa coisa de meio ambiente é igual a um exame de próstata. Não dá para ficar virgem toda a vida. Uma hora eles vão ter que enfiar o dedo no cu da gente. Companhia, se é para enfiar, é melhor enfiar logo.

**Dilma Rousseff**

Texto 57 – SCHMIDT, 2016, p. 380-381

A família era de classe média alta e Dilma Vana fez os primeiros estudos em bons colégios. Enquanto cursava ciências econômicas na UFMG, casou-se, em 1967, com Galeno Linhares, que a introduziu na militância de esquerda e na luta armada. Nesse momento tem início o mito da “superguerrilheira enérgica, voluntariosa, onisciente, nascida para comandar e conduzir, que distribuía ordens e pitos entre marmanjos de alta periculosidade empenhados em derrubar a ditadura militar a bala”, nas palavras irônicas de Augusto Nunes. A realidade não confirma essa imagem de autossuficiência: Dilma conseguiu tudo na vida graças aos dois maridos e ao presidente Lula.

Texto 58 – SCHMIDT, 2016, p. 382

Em janeiro de 1970, acabou presa pela Operação Bandeirantes num bar da rua Augusta, em São Paulo, portando arma e documentos falsos. O texto de indiciamento dela no Dops diz: “Manipulava grandes quantias da VARPalmares. [...] Verifica-se ser uma das molas-mestras e um dos cérebros dos esquemas revolucionários. Trata-se de uma pessoa de dotação intelectual bastante apreciável”.

Texto 59 – SCHMIDT, 2016, p. 383

A própria Dilma, em uma entrevista, confessou não distinguir ficção de realidade no que se refere ao período de seu confinamento:

— Sabe que teve uma época em que eu falei uma coisa que eu achava que era verdade e não era. Era mentira o que eu tinha contado e aí depois eu descobri que era mentira. Você conta e se convence.

Texto 60 – SCHMIDT, 2016, p. 384

Também ativista de grupos de esquerda, a jornalista Mírian Macedo foi presa em 1973 e, por quarenta anos, apregoou as torturas padecidas no DOI-Codi — as mesmas que Dilma alega ter sofrido: socos, pau de arara, choques, etc. Recentemente, no seu *blog*, preferiu contar a verdade. Dizer que tinha sido torturada era uma mentira “quase” doméstica, que eu comecei a contar algum tempo depois da prisão, uma patifaria que eu cometia posando de heroína, primeiro, para alguns amigos, depois para meus filhos. Era sempre aquela coisa vaga sobre ser “torturada”, sem esclarecer demais, nem pesar muito nas tintas, apenas colhendo os louros do vitimismo.

Texto 61 – SCHMIDT, 2016, p. 386

Sua passagem por esses cargos importantes deixou somente péssimas recordações naqueles que com ela trabalharam. “É tarefa praticamente impossível encontrar algum integrante do governo que aceite falar sobre o temperamento da chefe e contar histórias que tracem o perfil de Dilma sem pedir reserva na publicação do nome”.

Texto 62 – SCHMIDT, 2016, p. 386

Segundo um ex-assessor de Rousseff na Casa Civil,

Dilma maltrata qualquer pessoa em situação de inferioridade, não tem um comportamento civilizado. São situações constrangedoras que se repetem com motorista, secretária, telefonistas, assessores e ministros. Rasga papel em mil pedaços e joga para cima como confete; atira coisas no chão; grita colericamente. Reage muito mal a qualquer notícia que não seja boa.

Texto 63 – SCHMIDT, 2016, p. 387

“A primeira característica com a qual me deparei ao trabalhar com Dilma é que ela é desorganizada”, observou outro ex-funcionário da Casa Civil. “Ela se enrola nela própria, e isso se estende para o dia a dia do trabalho no governo”.

Texto 64 – SCHMIDT, 2016, p. 387

Lula passou o ano de 2010 fazendo campanha para Dilma, a quem chamava de “mãe do PAC”. Dada a absoluta falta de carisma da candidata, os marqueteiros criaram a imagem da “gerentona competente”. Segundo Lula, Dilma era estudiosa e amante dos livros, curioso elogio vindo de alguém que se orgulha da própria ignorância. O maior cumprimento que julgou fazer a ela foi: “A Dilma não é nenhuma nordestina, é uma mulher bem formada”.

Texto 65 – SCHMIDT, 2016, p. 388-389

A nova presidente revelou seu critério para criação de pastas ao responder a um jornalista que lhe perguntara se pretendia criar mais alguma: — A única área que eu acho que vai exigir muita atenção nossa, e aí eu já aventei a hipótese de até criar um ministério, é na área de... na área... eu diria assim, como uma espécie de analogia com o que acontece na área agrícola.

Texto 66 – SCHMIDT, 2016, p. 389

Dilma não tomava medida alguma sem consultar o Apedeuta e, numa entrevista em julho de 2013 para a *Folha de S. Paulo*, confessou abertamente a sua condição de fantoche ao afirmar que “Lula não vai voltar porque ele não foi; ele não saiu”.

Texto 67 – SCHMIDT, 2016, p. 390

Quando ministra, já demonstrava sua defasagem intelectual em algumas declarações, como a que soltou em dezembro de 2009, na Conferência do Clima, em Copenhagen: “O meio ambiente é, sem dúvida nenhuma, uma ameaça ao desenvolvimento sustentável, e isso significa que é uma ameaça pro futuro do nosso planeta e do nosso país”.

Texto 68 – SCHMIDT, 2016, p. 390

Quando lhe perguntaram que obras de saneamento foram concluídas durante os oito anos do governo Lula, desconversou: — Aí cê fala o seguinte: ‘Mas cês acabaram isso?’ Vou te falar: não, tá em andamento. Tem obras que vai durar pra depois de 2010. Agora, por isso, nós já não desenhamos, não começamos a fazer projeto do que nós podêmo fazê? Onze, doze, treze, catorze... Por que é que não?

Texto 69 – SCHMIDT, 2016, p. 390

Também em futebol fez questão de se mostrar entendida:

— Eu vi. Você, veja... Eu já vi, parei de ver. Voltei a ver, e acho que o Neymar e o Ganso têm essa capacidade de fazer a gente olhar.

Texto 70 – SCHMIDT, 2016, p. 390

Em setembro de 2010, já candidata à presidência, ao comentar a possibilidade de um plebiscito sobre a legalização do aborto, soltou esta frase lapidar:

— Não acho que quem ganhá ou quem perdê, nem quem ganhá nem quem perdê, vai ganhá ou vai perdê. Vai todo mundo perdê.

Texto 71 – SCHMIDT, 2016, p. 391

A coisa mais espantosa que Dilma Rousseff já disse, em Porto Alegre a 12 de outubro de 2013, ninguém conseguiu decifrar até hoje:

— Se hoje é o Dia das Crianças, ontem eu disse que criança... o dia da criança é dia da mãe, do pai e das professoras, mas também é o dia dos animais. Sempre que você olha uma criança, há sempre uma figura oculta, que é um cachorro atrás, o que é algo muito importante.

Texto 72 – SCHMIDT, 2016, p. 391

Na Cúpula das Américas, quando lhe perguntaram se os Estados Unidos estavam preparados para uma mulher na presidência, esbanjou seu conhecimento de filosofia oriental:

— Eu sempre acho que mulher é muito importante ser ponderada. Então, a minha resposta é genérica. Eu acredito que as mulheres elas crescentemente vão... bom, se nós somos parte do céu como dizem os chineses, agora deu, nós queremos ser metade do céu, segundo os chineses. Deu para eles, nós queremos ser é metade do mundo mesmo e, aí, isso se expressa também em presidentes ou presidentas, tá? E não sejam preconceituosos contra as mulheres.

Texto 73 – SCHMIDT, 2016, p. 393

Em um acesso de honestidade involuntária, a presidente confessou a 16 de abril de 2013, num discurso em Belo Horizonte:

— Eu quero adentrar pela questão da inflação e dizer a vocês que a inflação foi uma conquista desses dez últimos anos do governo do presidente Lula e do meu governo.

Texto 74 – SCHMIDT, 2016, p. 393

Como a própria presidente, em outro raro acesso de honestidade, confessou num comício para a campanha de sua reeleição, em setembro de 2014:

— Nosso país também precisa de ter um compromisso com aqueles que desviam dinheiro público.

Texto 75 – SCHMIDT, 2016, p. 394

O caso mais gritante disso [“solidariedade a bandidos presos ou mortos pela polícia”] ocorreu quando, em fevereiro de 2014, a âncora de um telejornal, Rachel Sheherazade, crítica corajosa dos desmandos do governo, em seus comentários sobre a notícia de que moradores do Flamengo, no Rio de Janeiro, haviam prendido a um poste um marginal autor de diversos delitos na vizinhança, falou o seguinte: — No país que ostenta incríveis 26 assassinatos a cada 100 mil habitantes, que arquiva mais de 80% de inquéritos de homicídio e sofre de violência endêmica, a atitude dos vingadores é até compreensível. O Estado é omissivo, a polícia é desmoralizada, a Justiça é falha. O que resta ao cidadão de bem que, ainda por cima, foi desarmado? Se defender, é claro.

Texto 76 – SCHMIDT, 2016, p. 398

A cada dia mais alienada da realidade, parecia empenhar-se em confirmar, toda vez que abria a boca, a opinião geral sobre a sua inteligência. Na cerimônia de abertura dos Jogos Mundiais dos Povos Indígenas, a 23 de junho, saudou a mandioca, “uma das maiores conquistas do Brasil”. Logo depois, com uma bola indígena de folhas de bananeira nas mãos, soltou esta tirada digna do seu antecessor e titereiro:

— Essa bola é o símbolo da nossa evolução, quando nós criamos uma bola dessas, nos transformamos em *Homo sapiens* ou mulheres sapiens.

Texto 77 – SCHMIDT, 2016, p. 398

No mês seguinte, durante o lançamento de mais um inútil programa da sua gestão, propôs:

— Não vamos colocar uma meta. Vamos deixar a meta aberta. Quando a gente atingir a meta, nós dobramos a meta.

Texto 78 – SCHMIDT, 2016, p. 398

Mais adiante, na Cúpula das Nações Unidas, falou sobre a necessidade de uma “tecnologia para estocar vento”, dando a deixa para milhares retrucarem que ela já o fazia dentro da própria cabeça.

# APÊNDICES

APÊNDICE A  
QUADRO 1 – O CONTRATO DE COMUNICAÇÃO DO *GUIA*

TEXTO	CONTRATO			
	IDENTIDADES	FINALIDADE	PROPÓSITO (TEMA)	CIRCUNSTÂNCIA
<i>Guia Politicamente Incorreto dos Presidentes da República</i>	Autor Paulo Schmidt: escritor, editor, ilustrador e tradutor; Narrador predominantemente em terceira pessoa/ Público-alvo do <i>Guia</i>	Informar; entreter; divertir; denunciar; ficcionalizar <sup>45</sup>	Os Presidentes da República brasileira	Monologal: Livro/Biografias

APÊNDICE B  
QUADRO 2 – O CONTRATO DE COMUNICAÇÃO DAS CENAS DO NARRADOR<sup>46</sup>

TEXTO	CONTRATO			
	IDENTIDADES DAS PERSONAGENS	FINALIDADE	PROPÓSITO (TEMA)	CIRCUNSTÂNCIAS
Texto (A)	Autor Paulo Schmidt: escritor, editor, ilustrador e tradutor; Narrador predominantemente em terceira pessoa/ Público-Alvo do <i>Guia</i>	Problematizar/Zombar	A honra das famílias	Monologal: Livro/Biografias
Texto (B)	Autor Paulo Schmidt: escritor, editor, ilustrador e tradutor; Narrador predominantemente em terceira pessoa/ Público-Alvo do <i>Guia</i>	Caracterizar	Características da esposa de Nilo Peçanha	Monologal: Livro/Biografias
Texto (C)	Autor Paulo Schmidt: escritor, editor, ilustrador e tradutor; Narrador predominantemente em terceira pessoa/ Público-Alvo do <i>Guia</i>	Informar	Decisões de Anita em relação ao casamento	Monologal: Livro/Biografias

<sup>45</sup> Depende do TUi ativado pelo sujeito leitor através do contato com o *Guia*.

<sup>46</sup> O quadro de comunicação das cenas do circuito interno do *Guia* não varia. Assim, EUE refere-se sempre ao narrador e TUD sempre ao público idealizado.

Texto (D)	Autor Paulo Schmidt: escritor, editor, ilustrador e tradutor; Narrador predominantemente em terceira pessoa/ Público-Alvo do <i>Guia</i>	Caracterizar	Características de Nair de Tefé	Monologal: Livro/Biografias
Texto (E)	Autor Paulo Schmidt: escritor, editor, ilustrador e tradutor; Narrador predominantemente em terceira pessoa/ Público-Alvo do <i>Guia</i>	Informar	Influência de Nair sobre Hermes da Fonseca	Monologal: Livro/Biografias
Texto (F)	Autor Paulo Schmidt: escritor, editor, ilustrador e tradutor; Narrador predominantemente em terceira pessoa/ Público-Alvo do <i>Guia</i>	Caracterizar	Características de Nair de Tefé	Monologal: Livro/Biografias
Texto (G)	Autor Paulo Schmidt: escritor, editor, ilustrador e tradutor; Narrador predominantemente em terceira pessoa/ Público-Alvo do <i>Guia</i>	Informar	Vida de dona Chiquinha no Palácio	Monologal: Livro/Biografias
Texto (H)	Autor Paulo Schmidt: escritor, editor, ilustrador e tradutor; Narrador predominantemente em terceira pessoa/ Público-Alvo do <i>Guia</i>	Informar	Casamento e vida pública de Bernardes	Monologal: Livro/Biografias
Texto (I)	Autor Paulo Schmidt: escritor, editor, ilustrador e tradutor; Narrador predominantemente em terceira pessoa/ Público-Alvo do <i>Guia</i>	Expor	Relações extraconjugais de Washington Luís	Monologal: Livro/Biografias
Texto (J)	Autor Paulo Schmidt: escritor, editor, ilustrador e tradutor; Narrador predominantemente em terceira pessoa/ Público-Alvo do <i>Guia</i>	Informar	Esposa de Getúlio Vargas	Monologal: Livro/Biografias
Texto (K)	Autor Paulo Schmidt: escritor, editor, ilustrador e tradutor; Narrador predominantemente em terceira pessoa/ Público-Alvo do <i>Guia</i>	Informar	Decisões governamentais	Monologal: Livro/Biografias
Texto (L)	Autor Paulo Schmidt: escritor, editor, ilustrador e tradutor; Narrador predominantemente em terceira pessoa/ Público-Alvo do <i>Guia</i>	Informar/Sensibilizar	Primeira-dama Sara	Monologal: Livro/Biografias
Texto (M)	Autor Paulo Schmidt: escritor, editor, ilustrador e tradutor; Narrador predominantemente em terceira pessoa/ Público-Alvo do <i>Guia</i>	Expor	Relações extraconjugais de JK	Monologal: Livro/Biografias
Texto (N)	Autor Paulo Schmidt: escritor, editor, ilustrador e tradutor; Narrador predominantemente em terceira pessoa/ Público-Alvo do <i>Guia</i>	Expor	Casamento de Sara e JK	Monologal: Livro/Biografias
Texto (O)	Autor Paulo Schmidt: escritor, editor, ilustrador e tradutor; Narrador predominantemente em terceira pessoa/ Público-Alvo do <i>Guia</i>	Caracterizar	Eloá (esposa de Quadros)	Monologal: Livro/Biografias
Texto (P)	Autor Paulo Schmidt: escritor, editor, ilustrador e tradutor; Narrador predominantemente em terceira pessoa/ Público-Alvo do <i>Guia</i>	Caracterizar	Maria Teresa (esposa de Jango)	Monologal: Livro/Biografias
Texto (Q)	Autor Paulo Schmidt: escritor, editor, ilustrador e tradutor; Narrador predominantemente em terceira pessoa/ Público-Alvo do <i>Guia</i>	Expor	Vida conjugal de Jango e Maria Teresa	Monologal: Livro/Biografias
Texto (R)	Autor Paulo Schmidt: escritor, editor, ilustrador e tradutor; Narrador predominantemente em terceira pessoa/ Público-Alvo do <i>Guia</i>	Caracterizar	Yolanda Costa e Silva (esposa de Costa e Silva)	Monologal: Livro/Biografias
Texto (S)	Autor Paulo Schmidt: escritor, editor, ilustrador e tradutor; Narrador predominantemente em terceira pessoa/ Público-Alvo do <i>Guia</i>	Expor	Casamento de Figueiredo	Monologal: Livro/Biografias

	do <i>Guia</i>			
Texto (T)	Autor Paulo Schmidt: escritor, editor, ilustrador e tradutor; Narrador predominantemente em terceira pessoa/ Público-Alvo do <i>Guia</i>	Informar	Vida política de Roseana (filha de Sarney)	Monologal: Livro/Biografias
Texto (U)	Autor Paulo Schmidt: escritor, editor, ilustrador e tradutor; Narrador predominantemente em terceira pessoa/ Público-Alvo do <i>Guia</i>	Informar	Exercício político de Roseana	Monologal: Livro/Biografias
Texto (V)	Autor Paulo Schmidt: escritor, editor, ilustrador e tradutor; Narrador predominantemente em terceira pessoa/ Público-Alvo do <i>Guia</i>	Caracterizar/Opinar	Ruth Cardoso (esposa de FHC)	Monologal: Livro/Biografias
Texto (W)	Autor Paulo Schmidt: escritor, editor, ilustrador e tradutor; Narrador predominantemente em terceira pessoa/ Público-Alvo do <i>Guia</i>	Informar	Ruth Cardoso	Monologal: Livro/Biografias
Texto (X)	Autor Paulo Schmidt: escritor, editor, ilustrador e tradutor; Narrador predominantemente em terceira pessoa/ Público-Alvo do <i>Guia</i>	Expor	Casamento de Lula e Marisa	Monologal: Livro/Biografias
Texto (Y)	Autor Paulo Schmidt: escritor, editor, ilustrador e tradutor; Narrador predominantemente em terceira pessoa/ Público-Alvo do <i>Guia</i>	Expor	Vida extraconjugal de Lula	Monologal: Livro/Biografias
Texto (Z)	Autor Paulo Schmidt: escritor, editor, ilustrador e tradutor; Narrador predominantemente em terceira pessoa/ Público-Alvo do <i>Guia</i>	Opinar/Insultar	Características de Dilma Rousseff	Monologal: Livro/Biografia

APÊNDICE C  
QUADRO 3 – AS CENAS DO NARRADOR DO *GUIA* DE ACORDO COM O MODO ENUNCIATIVO

TEXTO	MODALIDADES (PRESENTES NAS CENAS DO NARRADOR DO <i>GUIA</i> ): MARCAS DISCURSIVAS E RESPECTIVAS MARCAS LINGUÍSTICAS
Texto (A)	<i>Em uma reunião presidida por Sodré, o porta-voz do Centro das Classes Operárias, Modo Delocutivo (Discurso Relatado Narrativizado): Vicente de Souza, disse que a entrada das brigadas sanitárias nas casas colocava em risco a honra das famílias, pois Discurso Relatado Citado: “a virgem, a esposa e a filha terão de desnudar braços e colos para os agentes da vacina”.</i>
Texto (B)	<b>Modo Delocutivo (Apreciação favorável):</b> <i>“Sua mulher foi a primeira esposa de presidente a se destacar pela personalidade e colaboração com o marido na política”. (Constatação): “Campista também, Anita de Castro Belisário de Sousa era de família aristocrática. Seus antepassados haviam chegado ao Brasil em 1808, na comitiva de d. João VI [...]”.</i>
Texto (C)	<b>Modo Delocutivo (Asserção):</b> <i>“O falecimento dele [do pai], em 1895, privou Anita do único parente que apoiava a sua união com Nilo, quase fazendo-a desistir do noivado”.</i> <b>Discurso Relatado (Citado):</b> <i>“Todavia, guardara na memória um aforismo de Stendhal: ‘Uma mulher pertence de direito ao homem que a ama e que ela adora mais do que a vida’. Resistindo, pois, à pressão da família, fugiu de casa e o casamento morganático se realizou em 6 de dezembro [...]”.</i>
Texto (D)	<b>Modo Delocutivo (Constatação):</b> <i>“Filha do barão de Teffê — cuja influência nos assuntos domésticos do presidente obscureceu a do Sogra —, Nair foi a primeira mulher caricaturista do mundo e publicava suas caricaturas na imprensa brasileira e estrangeira sob o pseudônimo de Rian, antes de desposar (Modalização do modo Elocutivo – Opinião) o homem mais caricaturado do Brasil”.</i> <b>Modalização do Modo Elocutivo (Opinião):</b> <i>“Bonita e culta, espécie de intelectual de vanguarda, promovia saraus frequentados por artistas célebres como Catulo da Paixão Cearense e Chiquinha Gonzaga.</i>

	<i>Se as modinhas de violão do primeiro eram tidas por coisas da ralé, impróprias em um ambiente elegante, o maxixe 'corta-jaca', tocado em pleno Catete pela maestrina e compositora, foi um escândalo nacional, criticado até por Rui Barbosa no Senado: <b>Discurso Relatado (Citado)</b> 'Aqueles que deveriam dar ao país o exemplo das maneiras mais distintas e dos costumes mais reservados elevaram o corta-jaca à altura de uma instituição social. Mas o corta-jaca, que vem a ser ele? A mais baixa, a mais chula, a mais grosseira de todas as danças selvagens, a irmã gêmea do batuque, do cateretê e do samba'.</i> "
Texto (E)	<b>Modo Delocutivo (Discurso Relatado Narrativizado):</b> "Preso aos feitiços da moça, diziam os maledicentes, Hermes perdera o controle do governo, entregando a direção deste à vontade inquebrantável de Pinheiro Machado". <b>Modo Delocutivo (Apreciação)</b> "[...] Mulher de fino gosto, educada na Europa, vencedora de vários concursos de elegância, a esposa praticava equitação nos jardins do Palácio do Catete, onde preferia montar à califourchon, isto é, com as pernas abertas, os pés nos estribos". <b>Discurso Relatado Narrativizado:</b> "No lago dos mesmos jardins, para ela fruir o deleite de navegar, de mover os remos em águas bonançosas, o ministro da Marinha mandou colocar um bote mimoso, todo branco, um bote de conto de fadas".
Texto (F)	<b>Discurso Relatado Narrativizado:</b> "A despeito de seus pendores artísticos, Nair não foi, como pretendem alguns, uma mulher à frente do seu tempo e muito menos uma feminista". <b>Modo Delocutivo (Apreciação Desfavorável):</b> "Na verdade, não passava de uma dondoca casadoura, que desposou um velho gnomo grotesco porque desejava ser primeira-dama e nada, para ela, teve maior importância". <b>Discurso Relatado Narrativizado:</b> "Nunca mais desenhou após se casar e pouco fala de si no relato autobiográfico deixado por ela, em que só faz enaltecer o marido presidente".
Texto (G)	<b>Modo Delocutivo (apreciação) sobremodalizado de opinião:</b> "Mineiro afável, de sotaque carregado, o presidente conservava hábitos simples, que beiravam a jequice". <b>Discurso Relatado Narrativizado:</b> "Sua mulher e prima, dona Chiquinha, mandava comprar pano para fazer coadores de café com as próprias mãos, deixando boquiabertos os funcionários do palácio".
Texto (H)	<b>Modo Delocutivo (Constatação):</b> "Em 1903, aos 28 anos, recebeu no altar Clélia Vaz de Melo, filha do senador Carlos Vaz de Melo, que introduziu o genro na política. O casamento com Clélia e com a vida pública durou mais de meio século, até que a morte os separou". <b>Juízo de valor (virtude):</b> "Com muita paciência — sua maior virtude —, trabalho duro e um empurrãozinho do sogro, Artur chegou a presidente da Câmara de Viçosa, deputado federal e duas vezes secretário das Finanças do estado. [...]"
Texto (I)	<b>Modo Delocutivo (Possibilidade):</b> "É possível que esse egoísmo inconsciente tenha desempenhado um papel na madrugada de 23 de maio de 1928, no apartamento 235 do Hotel Copacabana Palace, onde morava a linda marquesa Elvira Vichi Maurich, amante italiana do presidente da República". <b>Discurso Relatado Narrativizado:</b> "Ela e Washington tiveram uma violenta discussão, que terminou com a ciumenta marquesa dando-lhe um tiro no abdome [...]."
Texto (J)	<b>Modo Delocutivo (Constatação):</b> "Estava casado há quase vinte anos com a filha de um riquíssimo estancieiro e banqueiro, Darci Sarmanho, com quem tivera, tal qual seu pai, cinco filhos. Ela era uma típica esposa gaúcha de antanho: mulher do lar, devotada à família, fiel ao marido e indiferente às suas escapadas, (Modalização do Elocutivo – Opinião): ainda mais em uma província de cultura tão obsessivamente machista, onde era mais comum ao homem de certa posição ter amantes do que não tê-las".
Texto (K)	<b>Discurso Relatado Narrativizado:</b> "Na madrugada de 23 para 24 de agosto, foi realizada uma reunião ministerial de emergência para decidir o que fazer com o governo. A maioria apoiava a renúncia; Tancredo Neves e Alzira Vargas, que trabalhava como assessora do pai, eram favoráveis à resistência armada; os ministros da Guerra, da Aeronáutica e da Marinha discutiam entre si, um jogando a responsabilidade no outro".
Texto (L)	<b>Modo Delocutivo e Modalização do Elocutivo – Opinião:</b> "Sara tudo fez para apoiá-lo em sua carreira política e foi uma das melhores primeiras-damas do país. Sempre envolvida com obras assistenciais, fundou a organização Pioneiras Sociais, que promoveu auxílio a pessoas carentes em Minas, e no Rio de Janeiro o centro de reabilitação que leva o seu nome, assim como vários hospitais, além de apoiar a construção do Memorial JK, projetado por Oscar Niemeyer. Contudo, Juscelino e Sara eram diferentes demais e não combinavam. Alguém que os conheceu nos anos 30 e 40 não entendia como um homem tão sedutor e afetuoso havia se ligado a uma moça tão altiva e gelada. Ao passo que ele era espontâneo, jovial e informal (mas nunca vulgar), Sara não tinha nada de simples. [...]"
Texto (M)	<b>Modo Delocutivo (Recusa) e Juízo de Valor – Fidelidade:</b> "Outra coisa à qual Sara reagia eram as constantes aventuras extraconjugais do marido, por sinal mais lendárias que verídicas. Se Juscelino tivesse todas as amantes que lhe atribuem — entre as quais a escritora Clarice Lispector e as atrizes Tônia Carrero, Kim Novak e até Marlene Dietrich — não lhe restaria tempo para governar. Algumas histórias são mirabolantes, como a de que transou com a mulher de um embaixador estrangeiro durante um voo, ou de que a operação de apêndice à que se submeteu seria, na verdade, para retirar uma bala disparada por um marido traído".

Texto (N)	<b>Modo Delocutivo (Apreciação desfavorável):</b> “O afastamento da política havia piorado, em vez de melhorar, o casamento do ex-presidente. Sara se empenhava ao máximo em fazer o marido sentir-se culpado”.
Texto (O)	<b>Modo Delocutivo (Apreciação):</b> “Muito discreta e absolutamente Amélia, [Eloá] foi uma influência estabilizadora sobre o instável marido ao longo de meio século de matrimônio. Sempre ao seu lado, cuidava-o e segurava-lhe o microfone nos comícios, para ele poder gesticular à vontade. Tiveram somente uma filha, que recebeu o nome da finada irmã de Jânio, Dirce”.
Texto (P)	<b>Modo Delocutivo (Constatação):</b> “Casou-se tarde para a época, 37 anos, pouco antes de ser eleito vice-presidente. Maria Teresa, de 17 anos, era sobrinha de Espártaco, irmão de Getúlio: mais um vínculo com a família Vargas. Tinha 23 anos quando o marido se tornou presidente <b>Modalização do Elocutivo – Opinião</b> e é considerada a mais bonita e elegante das primeiras-damas do Brasil. Seus penteados e roupas lançavam moda entre as brasileiras, assim como sua juventude e beleza incentivavam calúnias udenistas sobre supostas infidelidades”.
Texto (Q)	<b>Modo Delocutivo (Constatação):</b> “Jango interrompeu a campanha eleitoral, voou para São Borja e levou a esposa para o Rio de Janeiro, onde tiveram um casal de filhos. Pouco depois, Maria Teresa foi morar na Espanha com as crianças: <b>(Evidência)</b> era o único modo de manter o casamento”.
Texto (R)	<b>Modo Delocutivo (Apreciação desfavorável):</b> “Quem conheceu Yolanda Costa e Silva descreveu-a como uma espécie de Lady Macbeth, sempre impulsionando o marido a conspirar para obter mais poder. Extremamente ambiciosa, envolvida com contrabando, presentes caros em troca de favores, rapazes jovens e outros escândalos, todos cuidadosamente abafados pelo SNI, chegou a gravar, secretamente, as conversas do marido, a quem chamava de ‘o Costa’. [...]”.
Texto (S)	<b>Modo Delocutivo (Recusa):</b> “O casamento de Figueiredo com a mãe de seus dois filhos, Dulce, era pura fachada: estavam separados há tempos e cumpriam juntos somente funções cerimoniais. Ambos mantinham casos extraconjugais, relevados pela sociedade machista conservadora para os homens, mas não para as mulheres, de modo que, <b>Discurso Relatado Narrativizado:</b> segundo as más línguas, a esposa de Tancredo Neves, dona Risoleta, era uma santa com nome de vaca, ao passo que Dulce era uma vaca com nome de santa” < <b>Juízo de Valor (Fidelidade/Integridade).</b>
Texto (T)	<b>Modo Delocutivo (Constatação):</b> “Em 94 fez eleger a filha, Roseana, para o primeiro de quatro mandatos como governadora do Maranhão. Em 2001, ela foi indicada pré-candidata à presidência do país pelo PFL. Mas o sonho de ter mais um presidente na família foi por água abaixo quando a Polícia Federal fez uma batida na empresa Lunus Participações — pertencente a Roseana e ao marido, Jorge Murad —, onde encontrou 1.340.000 reais não declarados. Desmoralizada, Roseana Sarney retirou a candidatura”.
Texto (U)	<b>Modo Delocutivo (Constatação):</b> “Como era tradicional a toda primeira-dama desde Darci Vargas, Rosane presidia a Legião Brasileira de Assistência (LBA). Sob a direção dela, esse imenso órgão assistencial adquiriu 66,5 milhões de cruzeiros em cestas básicas, sem licitação e com preços superfaturados, além de se tornar uma cornucópia para os pais, amigos e primos da mulher do presidente, segundo a Polícia Federal de Alagoas. Uma nova mansão para os Maltas em Canapi foi financiada pelo contribuinte”.
Texto (V)	<b>Discurso Relatado Citado:</b> “Se há dúvidas sobre a veracidade do ditado ‘por trás de todo grande homem há sempre uma mulher’, no caso dos presidentes do Brasil ele tem sido muito veraz. <b>Modalização do Elocutivo – Opinião:</b> Ruth Cardoso foi certamente a melhor primeira-dama que tivemos. <b>(Apreciação Desfavorável):</b> Atingida pela gestão desastrosa de Rosane Collor, a LBA, extinta no primeiro dia de mandato do novo presidente, em 1º de janeiro de 1995, foi substituída pelo programa Comunidade Solidária, sob a direção de Ruth. <b>(Apreciação Favorável):</b> O sucesso do programa foi tamanho que, em dezembro de 2002, os projetos em execução mobilizavam 135 mil alfabetizadores, 17 mil universitários e professores, 2.500 associações comunitárias, 300 universidades e 45 centros de voluntariado”.
Texto (W)	<b>Modo Delocutivo (Aceitação e Apreciação Favorável):</b> “Ruth Cardoso tinha razão quanto a querer se distanciar da política como ela é feita no Brasil e em certos setores de Brasília. Ela, que sempre foi uma pessoa célebre pela integridade e pelo cuidado com a coisa pública, <b>Discurso Relatado Narrativizado:</b> se viu ameaçada pela então chefe da Casa Civil, Dilma Rousseff, com um escândalo em torno de um dossiê sobre os gastos corporativos da presidência, em que alegava que Ruth havia despendido milhares de reais ou dólares em compras fúteis, inúteis e banais, em vinhos e comidas. Caiu mal no mundo político, no qual Ruth sempre foi respeitada até mesmo pelos adversários mais ferrenhos”.
Texto (X)	<b>Modo Delocutivo (Constatação):</b> “Casaram-se naquele mesmo ano de 1974, tiveram três filhos e Lula ainda adotou o filho de Marisa Letícia do casamento anterior. <b>(Recusa/Apreciação Desfavorável):</b> Mas só reconheceu Lurian como filha quinze anos depois, para tentar salvar sua primeira candidatura à presidência. <b>Discurso Relatado Narrativizado:</b> Marisa Letícia não permitia a aproximação dela com os

	<i>meio-irmãos, e Lula dava a Miriam, de vez em quando, migalhas para que criasse a filha”.</i>
Texto (Y)	<b>Modo Delocutivo (Apreciação Desfavorável):</b> <i>“Mas a generosidade de Lula com o dinheiro público se estendia também a outras pessoas próximas que não faziam parte da família. Em 2006, nomeou sua amante, Rosemary Noronha, chefe de gabinete da Presidência da República em São Paulo. Marisa Letícia, cuja atividade de primeira-dama se limitava a cirurgias plásticas e compras com cartão corporativo, sabia do caso, que começara em 1993, e as duas mulheres nunca estavam no mesmo lugar ao mesmo tempo. Nas viagens internacionais em que Marisa não acompanhava o marido, Rosemary integrava a comitiva oficial, e vice-versa. Pouquíssimo atraente para o que se espera de uma manteída, Rosemary dava chilikos e tratava mal os empregados, como o seu amante presidencial. Oculdo do público por dezenove anos, o caso dos dois veio à tona em 2012, quando a Polícia Federal desbaratou uma quadrilha chefiada por Rosemary, que negociava pareceres técnicos falsos a empresários trambiqueiros, numa ação que ficou conhecida como Operação Porto Seguro”.</i>
Texto (Z)	<b>Modo Delocutivo (Apreciação Desfavorável):</b> <i>“Dilma Vana Rousseff foi a primeira mulher a se tornar presidente do Brasil, mas isso não constitui motivo de orgulho para o sexo feminino, muito pelo contrário, porque ela também tem sido a pior presidente que o país já tolerou, somatório do que o presidencialismo brasileiro produziu de mais degradante em quase 130 anos”.</i>

## APÊNDICE D

QUADRO 4 – QUADRO COMUNICACIONAL DE CADA CENA INTERNA FICCIONAL DO GUIA

PAPÉIS ASSUMIDOS PELAS PERSONAGENS	EUE'	TUD'	TUI'
Texto (01)	Leitor do Jornal O combate	Público idealizado pelo EUE'	Possível entrevistador
Texto (02)	Afonso Pena (sob o pseudônimo de Negrão)	Público idealizado pelo EUE'	Mariquinhas (pseudônimo da esposa)
Texto (03)	Afonso Pena (sob o pseudônimo de Negrão)	Público idealizado pelo EUE'	Mariquinhas (pseudônimo da esposa)
Texto (04)	Anita (Esposa de Nilo Peçanha)	Público idealizado pelo EUE'	Padre
Texto (05)	João Belisário (pai de Anita)	Público idealizado pelo EUE'	Esposa
Texto (06)	Nilo Peçanha	Público idealizado pelo EUE'	A esposa Anita como alguém que questiona as escolhas políticas
Texto (07)	Anita	Público idealizado pelo EUE'	Ministro do STF
Texto (08)	Anita	Público idealizado pelo EUE'	Pinheiro Machado
Texto (09)	Anita	Público idealizado pelo EUE'	Presidente Bernardes
Texto (10)	Antônio Edmilson Martins Rodrigues (em nota)	Público idealizado pelo EUE'	Público-alvo do livro <i>Nair de Teffé</i>
Texto (11)	Mary (esposa de Epiácio Pessoa)	Público idealizado pelo EUE'	Possível amigo/confidente
Texto (12)	Baronesa (sogra)	Público idealizado pelo EUE'	Washington Luís
Texto (13)	Sogra	Público idealizado pelo EUE'	Washington Luís
Texto (14)	Gabrielle Dorziat	Público idealizado pelo EUE'	Imprensa
Texto (15)	Alzira (filha de Vargas)	Público idealizado pelo EUE'	Possível entrevistador
Texto (16)	Getúlio Vargas	Público idealizado pelo EUE'	Getúlio Vargas (diário pessoal)
Texto (17)	Getúlio Vargas	Público idealizado pelo EUE'	Getúlio Vargas (diário pessoal)
Texto (18)	Getúlio Vargas	Público idealizado pelo EUE'	Getúlio Vargas (diário pessoal)
Texto (19)	Getúlio Vargas	Público idealizado pelo EUE'	Getúlio Vargas (diário pessoal)
Texto (20)	Dona Santinha (esposa)	Público idealizado pelo EUE'	Eurico Dutra
Texto (21)	Juscelino Kubitschek	Público idealizado pelo EUE'	Amigo
Texto (22)	Juscelino Kubitschek	Público idealizado pelo EUE'	Helena Valadares
Texto (23)	Autran Dourado	Público idealizado pelo EUE'	Possível confidente

Texto (24)	Juscelino Kubitschek	Público idealizado pelo EUE'	Amigo
Texto (25)	Juscelino Kubitschek	Público idealizado pelo EUE'	Convidados da festa/Amigos
Texto (26)	Eloá (esposa de Quadros)	Público idealizado pelo EUE'	Possível confidente/entrevistador
Texto (27)	Jânio Quadros	Público idealizado pelo EUE'	Jornalista
Texto (28)	Jânio Quadros	Público idealizado pelo EUE'	Esposa
Texto (29)	Jânio Quadros	Público idealizado pelo EUE'	Eleitores
Texto (30)	Filha de Quadros	Público idealizado pelo EUE'	Possível entrevistador
Texto (31)	Neto de Quadros	Público idealizado pelo EUE'	Possível entrevistador
Texto (32)	João Goulart	Público idealizado pelo EUE'	Esposa
Texto (33)	Esposa de Jango	Público idealizado pelo EUE'	Entrevistador
Texto (34)	Esposa de Jango	Público idealizado pelo EUE'	Entrevistador
Texto (35)	Colegas de Costa e Silva	Público idealizado pelo EUE'	Possível entrevistador
Texto (36)	Costa e Silva	Público idealizado pelo EUE'	Amigo
Texto (37)	Figueiredo	Público idealizado pelo EUE'	Possível entrevistador
Texto (38)	Figueiredo	Público idealizado pelo EUE'	Myriam Abicair (amante)
Texto (39)	Sarney	Público idealizado pelo EUE'	O povo
Texto (40)	Fábio Koifman (em nota)	Público idealizado pelo EUE'	Público-alvo do livro <i>Presidentes do Brasil</i>
Texto (41)	Pedro Collor	Público idealizado pelo EUE'	Possível entrevistador/possíveis leitores
Texto (42)	Sebastião Nery	Público idealizado pelo EUE'	Possível entrevistador
Texto (43)	Fernando Collor	Público idealizado pelo EUE'	O povo/opositores
Texto (44)	Rosane (esposa de Collor)	Público idealizado pelo EUE'	Fernando Collor
Texto (45)	Rosane (esposa de Collor)	Público idealizado pelo EUE'	Possível entrevistador
Texto (46)	Mãe de Rosane	Público idealizado pelo EUE'	Imprensa
Texto (47)	Rosane (esposa de Collor)	Público idealizado pelo EUE'	Possível entrevistador
Texto (48)	Rosane (esposa de Collor)	Público idealizado pelo EUE'	Possível entrevistador
Texto (49)	Matilde (irmã de Itamar Franco)	Público idealizado pelo EUE'	Possível entrevistador
Texto (50)	Ruth Cardoso (esposa de FHC)	Público idealizado pelo EUE'	Estudante
Texto (51)	Augusto Nunes (jornalista)	Público idealizado pelo EUE'	Possível entrevistador/leitores de seu <i>blog</i>
Texto (52)	Lula	Público idealizado pelo EUE'	Possível entrevistador
Texto (53)	Dona Lindu (mãe de Lula)	Público idealizado pelo EUE'	Possível entrevistador
Texto (54)	Lula	Público idealizado pelo EUE'	Público presente no evento
Texto (55)	Lula	Público idealizado pelo EUE'	Público presente no evento
Texto (56)	Lula	Público idealizado pelo EUE'	Marina Silva
Texto (57)	Augusto Nunes (jornalista)	Público idealizado pelo EUE'	Possível entrevistador/leitores de seu <i>blog</i>
Texto (58)	Escrivão desconhecido	Público idealizado pelo EUE'	Leitores do indiciamento do Dops
Texto (59)	Dilma Rousseff	Público idealizado pelo EUE'	Entrevistador
Texto (60)	Mírian Macedo (jornalista)	Público idealizado pelo EUE'	Leitores de seu <i>blog</i>
Texto (61)	Chico de Góis e Simone Iglesias (em nota)	Público idealizado pelo EUE'	Leitores do livro <i>O lado B dos candidatos</i>
Texto (62)	Ex-assessor da Casa Civil	Público idealizado pelo EUE'	Possível entrevistador
Texto (63)	Outro ex-funcionário da Casa Civil	Público idealizado pelo EUE'	Possível entrevistador
Texto (64)	Lula	Público idealizado pelo EUE'	Possível entrevistador
Texto (65)	Dilma	Público idealizado pelo EUE'	Jornalista
Texto (66)	Dilma	Público idealizado pelo EUE'	Entrevistador da Folha de S. Paulo
Texto (67)	Dilma	Público idealizado pelo EUE'	Público presente na Conferência do Clima em Copenhague
Texto (68)	Dilma	Público idealizado pelo EUE'	Possível entrevistador
Texto (69)	Dilma	Público idealizado pelo EUE'	Possível entrevistador

Texto (70)	Dilma	Público idealizado pelo EUE'	Público presente no evento/entrevistadores
Texto (71)	Dilma	Público idealizado pelo EUE'	Público presente no evento
Texto (72)	Dilma	Público idealizado pelo EUE'	Público presente na Cúpula das Américas
Texto (73)	Dilma	Público idealizado pelo EUE'	Público presente em um discurso em Belo Horizonte
Texto (74)	Dilma	Público idealizado pelo EUE'	Possível entrevistador/Público presente no evento
Texto (75)	Rachel Sheherazade (jornalista)	Público idealizado pelo EUE'	Público-alvo do telejornal
Texto (76)	Dilma	Público idealizado pelo EUE'	Público presente na cerimônia de abertura dos Jogos Mundiais dos Povos Indígenas
Texto (77)	Dilma	Público idealizado pelo EUE'	Público presente durante o lançamento de um programa de gestão
Texto (78)	Dilma	Público idealizado pelo EUE'	Público presente na Cúpula das Nações Unidas

APÊNDICE E  
QUADRO 5 – CONTRATO DE COMUNICAÇÃO DAS CENAS INTERNAS FICCIONAIS DO *GUIA*

TEXTO	CONTRATO			
	IDENTIDADES DAS PERSONAGENS	FINALIDADE	PROPÓSITO (TEMA)	CIRCUNSTÂNCIAS
Texto (01)	Leitor do Jornal O combate/ Possível entrevistador	Queixar-se	Descontentamentos em relação ao governo	Dialogal <i>in praesentia</i> : Entrevista
Texto (02)	Afonso Pena (Negrão)/ Mariquinhas (esposa)	Comover	A saudade da esposa	Monologal: Diário pessoal
Texto (03)	Afonso Pena (Negrão)/ Mariquinhas (esposa)	Comover	Congratulações pelo aniversário da esposa	Monologal: Diário Pessoal
Texto (04)	Anita (Esposa de Nilo Peçanha)/ Padre	Opinar/ Informar	A fé e a religiosidade de Anita	Dialogal <i>in praesentia</i> : Confissão religiosa
Texto (05)	João Belisário (pai de Anita)/ Esposa	Ofender	Os preconceitos da esposa	Dialogal <i>in praesentia</i> : Conversa ordinária
Texto (06)	Nilo Peçanha/ A esposa Anita como alguém que questiona as escolhas políticas	Contestar/Justificar	Formas de governo de Nilo Peçanha	Dialogal <i>in praesentia</i> : Conversa ordinária
Texto (07)	Anita/ Ministro do STF	Insultar	Relações sociais	Dialogal <i>in praesentia</i> : Conversa ordinária
Texto (08)	Anita/ Pinheiro Machado	Impor-se	Relações sociais e políticas	Dialogal <i>in praesentia</i> : Conversa ordinária
Texto (09)	Anita/ Presidente Bernardes	Opor-se	Condolências entre pares	Dialogal <i>in praesentia</i> : Conversa ordinária
Texto (10)	Antônio Edmilson Martins Rodrigues (em nota)/ Público-alvo do livro <i>Nair de Teffé</i>	Informar	Nair Teffé	Monologal: Livro biográfico
Texto (11)	Mary (esposa de Eptácio Pessoa)/ Possível amigo ou confidente	Opinar	Eptácio Pessoa	Dialogal <i>in praesentia</i> : Conversa ordinária
Texto (12)	Baronesa (sogra)/ Washington Luís	Informar/Aprovar	Pedido de casamento	Monologal: Possível carta
Texto (13)	Sogra/ Washington Luís	Informar	Sofia (esposa de Washington)	Monologal: Carta
Texto (14)	Gabrielle Dorziat/ Imprensa	Elogiar	Washington Luís	Dialogal <i>in praesentia</i> : Entrevista
Texto (15)	Alzira (filha de Vargas)/ Possível entrevistador	Informar/Opinar	Getúlio Vargas	Dialogal <i>in praesentia</i> : Entrevista
Texto (16)	Getúlio Vargas/ Getúlio Vargas (diário pessoal)	Informar/Lamentar	Caso extraconjugal	Monologal: Diário pessoal
Texto (17)	Getúlio Vargas/ Getúlio Vargas (diário pessoal)	Informar/Elogiar	Caso extraconjugal	Monologal: Diário pessoal

Texto (18)	Getúlio Vargas/ Getúlio Vargas (diário pessoal)	Informar	Caso extraconjugal	Monologal: Diário pessoal
Texto (19)	Getúlio Vargas/ Getúlio Vargas (diário pessoal)	Informar	Caso extraconjugal	Monologal: Diário pessoal
Texto (20)	Dona Santinha (esposa)/ Eurico Dutra	Opinar/Proibir/Repreender	Cassinos	Dialogal <i>in praesentia</i> : Conversa ordinária
Texto (21)	Juscelino Kubitschek/ Amigo	Elogiar	Sara (esposa de JK)	Dialogal <i>in praesentia</i> : Conversa ordinária
Texto (22)	Juscelino Kubitschek/ Helena Valadares	Opinar	Benedito e Nelita Valadares	Dialogal <i>in praesentia</i> : Conversa ordinária
Texto (23)	Austran Dourado/ Possível confidente	Insultar	José Pedroso (marido da amante de JK)	Dialogal <i>in praesentia</i> : Possível conversa ordinária
Texto (24)	Juscelino Kubitschek/ Amigo	Reclamar/Lamentar	Sara	Dialogal <i>in praesentia</i> : Conversa ordinária
Texto (25)	Juscelino Kubitschek/ Convidados da festa	Alertar	Sara	Dialogal <i>in praesentia</i> : Conversa ordinária
Texto (26)	Eloá (Esposa de Quadros)/ Possível confidente ou entrevistador	Opinar	Jânio Quadros	Dialogal <i>in praesentia</i> : Possível entrevista ou conversa ordinária
Texto (27)	Jânio Quadros/ Jornalista	Sensibilizar	Doença da Leonor (mãe de Quadros)	Dialogal <i>in praesentia</i> : Entrevista
Texto (28)	Jânio Quadros/ Esposa	Rejeitar	Solicitação para realização de exposição beneficente	Recado escrito: Cumprimento de ordem
Texto (29)	Jânio Quadros/ Eleitores	Sensibilizar	Doença de Eloá (esposa de Quadros)	Dialogal <i>in praesentia</i> : Pronunciamento
Texto (30)	Filha de Quadros/ Possível entrevistador	Informar	Jânio Quadros	Dialogal <i>in praesentia</i> : Possível entrevista
Texto (31)	Neto de Quadros/ Possível entrevistador	Informar	Vida política da filha de Jânio quadros	Dialogal <i>in praesentia</i> : Possível entrevista
Texto (32)	João Goulart/ Esposa	Explicar	Relação conjugal	Dialogal <i>in praesentia</i> : Conversa ordinária
Texto (33)	Esposa de Jango/ Entrevistador	Expor	Relações extraconjugais	Dialogal <i>in praesentia</i> : Entrevista
Texto (34)	Esposa de Jango/ Entrevistador	Explicar	Vida pessoal da esposa	Dialogal <i>in praesentia</i> : Entrevista
Texto (35)	Colegas de Costa e Silva/ Possível entrevistador	Informar	Costa e Silva	Dialogal <i>in praesentia</i> : Possível entrevista
Texto (36)	Costa e Silva/ Amigo	Informar	Casamento	Dialogal <i>in praesentia</i> : Conversa ordinária
Texto (37)	Figueiredo/ Possível entrevistador	Opinar	Mulheres	Dialogal <i>in praesentia</i> : Possível entrevista
Texto (38)	Figueiredo/ Myriam Abicair (amante)	Justificar	Poder político	Dialogal <i>in praesentia</i> : Conversa ordinária
Texto (39)	Sarney/ O Povo	Saudar	Saudações ao povo	Dialogal <i>in praesentia</i> : Pronunciamento
Texto (40)	Fábio Koifman (em nota)/ Público-alvo do livro <i>Presidentes do Brasil</i>	Comparar	Esposas de Collor	Monologal: Livro biográfico
Texto (41)	Pedro Collor/ Possível entrevistador ou leitores	Informar/Insultar	Origens de Rosane Malta	Dialogal <i>in praesentia</i> : Possível entrevista ou Monologal: Possível livro biográfico
Texto (42)	Sebastião Nery/ Possível entrevistador	Expor	Estratégias políticas	Dialogal <i>in praesentia</i> : Possível entrevista
Texto (43)	Fernando Collor/ O povo ou opositores	Demonstrar modéstia	Medo/Coragem	Dialogal <i>in praesentia</i> : Pronunciamento
Texto (44)	Rosane (esposa de Collor)/ Fernando Collor	Expor/Insultar	Origens de Collor	Dialogal <i>in praesentia</i> : Conversa ordinária
Texto (45)	Rosane (esposa de Collor)/ Possível entrevistador	Justificar/Explicar	Negação de Adultério	Dialogal <i>in praesentia</i> : Possível entrevista
Texto (46)	Mãe de Rosane/ Imprensa	Informar	Situação das mulheres da família	Dialogal <i>in praesentia</i> : Possível entrevista

Texto (47)	Rosane (esposa de Collor)/ Possível entrevistador	Opinar/Expor	Variações de humor de Fernando Collor	Dialogal <i>in praesentia</i> : Possível entrevista
Texto (48)	Rosane (esposa de Collor)/ Possível entrevistador	Expor	Atitudes de Collor	Dialogal <i>in praesentia</i> : Possível entrevista
Texto (49)	Matilde (irmã de Itamar Franco)/ Possível entrevistador	Insultar	Relação de Itamar Franco com a mãe	Dialogal <i>in praesentia</i> : Possível entrevista
Texto (50)	Ruth Cardoso (esposa de FHC)/ Estudante	Repreender	Rispeiz de Ruth Cardoso	Dialogal <i>in praesentia</i> : Conversa ordinária
Texto (51)	Augusto Nunes (jornalista)/ Possível entrevistador ou leitores de seu <i>blog</i>	Expor/Defender	Desrespeito de Dilma Rousseff em relação a Ruth Cardoso	Dialogal <i>in praesentia</i> : Possível entrevista ou Monologal: Possível artigo em <i>blog</i>
Texto (52)	Lula/ Possível entrevistador	Informar	Relacionamentos	Dialogal <i>in praesentia</i> : Relato
Texto (53)	Dona Lindu (mãe de Lula)/ Possível entrevistador	Insultar	Prisão de Lula	Dialogal <i>in praesentia</i> : Possível entrevista
Texto (54)	Lula/ Público presente no evento	Informar	Escolaridade da mãe	Dialogal <i>in praesentia</i> : Pronunciamento
Texto (55)	Luna/ Público presente no evento	Opinar	Mulheres	Dialogal <i>in praesentia</i> : Pronunciamento
Texto (56)	Luna/ Marina Silva	Comparar/Convencer	Meio ambiente	Dialogal <i>in praesentia</i> : Reunião
Texto (57)	Augusto Nunes (jornalista)/ Possível entrevistador ou leitores de seu <i>blog</i>	Ironizar	Descrição de Dilma	Dialogal <i>in praesentia</i> : Possível entrevista ou Monologal: Possível artigo em <i>blog</i>
Texto (58)	Escrivão desconhecido/ leitores do indiciamento do Dops	Informar/Caracterizar	Descrição de Dilma	Monologal: Relatório
Texto (59)	Dilma Rousseff/ Entrevistador	Confessar/Desmentir	Período de confinamento de Dilma	Dialogal <i>in praesentia</i> : Entrevista
Texto (60)	Mírian Macedo (jornalista)/ Leitores de seu <i>blog</i>	Confessar/Desmentir	Período de Confinamento de Mírian Macedo	Monologal: Artigo em <i>blog</i> pessoal
Texto (61)	Chico de Góis e Simone Iglesias (em nota)/ leitores do livro <i>O lado B dos candidatos</i>	Expor	Características de Dilma Rousseff	Dialogal <i>in praesentia</i> : Possível entrevista
Texto (62)	Ex-assessor da Casa Civil/ Possível entrevistador	Expor	Características de Dilma Rousseff	Dialogal <i>in praesentia</i> : Possível entrevista
Texto (63)	Outro ex-funcionário da Casa Civil/ Possível entrevistador	Expor	Características de Dilma Rousseff	Dialogal <i>in praesentia</i> : Possível entrevista
Texto (64)	Lula/ Possível entrevistador	Enaltecer	Características de Dilma Rousseff	Dialogal <i>in praesentia</i> : Possível entrevista
Texto (65)	Dilma/ Jornalista	Explicar	Novo Ministério	Dialogal <i>in praesentia</i> : Entrevista
Texto (66)	Dilma/ Entrevistador da Folha de S. Paulo	Explicar	Relação política de Dilma e Lula	Dialogal <i>in praesentia</i> : Entrevista
Texto (67)	Dilma/ Público presente na Conferência do Clima em Copenhagen	Expor/Informar	Meio ambiente	Dialogal <i>in praesentia</i> : Pronunciamento
Texto (68)	Dilma/ Possível entrevistador	Explicar/Justificar	Obras de saneamento do governo Lula	Dialogal <i>in praesentia</i> : Entrevista/Coletiva de imprensa
Texto (69)	Dilma/ Possível entrevistador	Explicar	Futebol	Dialogal <i>in praesentia</i> : Pronunciamento
Texto (70)	Dilma/ Público presente no evento ou entrevistadores	Opinar	Plebiscito sobre a legalização do aborto	Dialogal <i>in praesentia</i> : Pronunciamento
Texto (71)	Dilma/ Público presente no evento	Explicar	Dia das crianças	Dialogal <i>in praesentia</i> : Pronunciamento
Texto (72)	Dilma/ Público presente na Cúpula das Américas	Opinar/Explicar	Mulheres	Dialogal <i>in praesentia</i> : Entrevista/Coletiva de imprensa
Texto (73)	Dilma/ Público presente em um discurso em Belo Horizonte	Explicar	Inflação	Dialogal <i>in praesentia</i> : Pronunciamento
Texto (74)	Dilma/ Possível entrevistador ou Público presente no evento	Opinar/Justificar	Desvio de dinheiro público	Dialogal <i>in praesentia</i> : Comício

Texto (75)	Rachel Sheherazade (jornalista)/ Público-alvo do telejornal	Opinar/Demonstrar descontentamento	Solidariedade a bandidos presos ou mortos pela polícia	Monologal: Telejornal
Texto (76)	Dilma/ Público presente na cerimônia de abertura dos Jogos Mundiais dos Povos Indígenas	Explicar	Evolução	Dialogal <i>in praesentia</i> : Pronunciamento
Texto (77)	Dilma/ Público presente durante o lançamento de um programa de gestão	Impor/Determinar	Metas	Dialogal <i>in praesentia</i> : Pronunciamento
Texto (78)	Dilma/ Público presente na Cúpula das Nações Unidas	Opinar	Tecnologias de energia eólica	Dialogal <i>in praesentia</i> : Pronunciamento

## APÊNDICE F

QUADRO 6 – AS CENAS DAS PERSONAGENS INTERNAS DO *GUIA* DE ACORDO COM O MODO ENUNCIATIVO

TEXTO	MODALIDADES (PRESENTES NAS CENAS DAS PERSONAGENS DO <i>GUIA</i> ): MARCAS DISCURSIVAS E RESPECTIVAS MARCAS LINGUÍSTICAS
Texto (01)	<b>Modo Delocutivo (Constatação):</b> “O governo não quer que o povo se divirta [...] não há mais alegria! Não há mais divertimento! Não há mais amor! Não há mais Carnaval! Não há mais mulheres!”
Texto (02)	<b>Modo Alocutivo sobremodalizado pela Constatação e Apreciação (elocutivo):</b> “Minha adorada Mariquinhas Na imensidade dos mares, ouvindo a sinfonia do Guarani, na altura da terra que Alencar cantou, meu pensamento voa para junto de ti, num surto de saudade indizível e com os olhos rasos de lágrimas! Não te perco de vista um só momento e estamos separados por mais de seiscentas léguas! Nossos pensamentos se encontram e se compreendem apesar da distância, que não pode separar corações que se amam e se acham unidos por laços indissolúveis! [...] <b>(Proclamação – Elocutivo)</b> Beijo e abençoo os filhos. Receba mil beijos do Teu, todo teu, NEGRÃO”.
Texto (03)	<b>Modo Alocutivo sobremodalizado pela Constatação e Apreciação (elocutivo):</b> “Minha adorada Mariquinhas Passa hoje o teu aniversário e eu me acho separado de ti por distância superior a 850 léguas. Não! Não é possível! Onde quer que eu esteja, qualquer que seja a distância material que nos separe, meu coração, toda a minha alma está e estará sempre junto de ti, a esposa amiga e declarada, a companheira adorada que Deus me concedeu, na sua infinita bondade, para fazer a felicidade de minha vida! Amo-te hoje como no dia em que te recebi junto ao altar! Que sacrifício estou fazendo, Santo Deus! Longe de ti e dos filhos, e fazendo-te também sofrer! Tu, inocente, sacrificada pela carreira que adotei! <b>Alocutivo (Petição):</b> Perdoa-me, perdoa-me, querida e adorada esposa, atendendo à pureza de minhas intenções, ao patriótico intuito que me inspirou!”
Texto (04)	<b>Modo Alocutivo (Interrogação):</b> — Você acredita em Nosso Senhor, minha filha? — perguntou-lhe o ministro de Deus. <b>Modo Elocutivo (Ignorância):</b> — Não sei ainda — foi a resposta. <b>Alocutivo (Interrogação):</b> — Como assim?! Não crê que na hóstia sagrada se encontra o corpo de Cristo? <b>Elocutivo (Opinião):</b> — Penso que não. <b>Alocutivo (Julgamento e Interrogação):</b> — Que terrível heresia! Por quê, então, comparece à sagrada cerimônia? <b>Elocutivo (Constatação):</b> — Meus pais me obrigam.
Texto (05)	<b>Modo Alocutivo (Julgamento):</b> — Lá vem você com a sua nobreza de melado...
Texto (06)	<b>Modo Alocutivo (Interrogação):</b> — Então você nomeou para o Exterior o Barão, que nunca atendeu os seus pedidos de vice-presidente? <b>Alocutivo (Julgamento) sobremodalizado pelo Delocutivo (Apreciação Favorável):</b> — Você não ignora que Rio Branco é figura indispensável. Sua colaboração por si só honra qualquer governo. <b>Alocutivo (Interrogação):</b> — E o Esmeraldino Bandeira, que sempre o atacou? <b>Modo Elocutivo (Obrigação):</b> — Preciso dele para reforçar minha posição política.

	<p><b>Alocutivo (Interrogação e julgamento):</b> — <i>E o Leopoldo Bulhões? Para esse você não tem desculpa. Foi o indivíduo que amargurou sua administração no Rio, exigindo, em um momento de dificuldades, devolução ao Tesouro nacional da soma de impostos que você arrecadara.</i></p> <p><b>Elocutivo (Obrigação):</b> — <i>Ah, é justamente de um desses que eu preciso! O Bulhões não deixará que passem calote no Tesouro. [...]</i></p>
Texto (07)	<p><b>Elocutivo sobremodalizado de Delocutivo (Possibilidade):</b> — <i>Não é possível que uma filha do Joãozinho não me conheça!</i></p> <p><b>Alocutivo (Aviso) sobremodalizado de elocutivo (Constatação):</b> — <i>Deixou de conhecê-lo [...] desde o dia em que o senhor passou a decidir tudo contra o genro do Joãozinho.</i></p>
Texto (08)	<p><b>Elocutivo (Opinião):</b> — <i>Esta menina não gosta de mim e eu, entretanto, gosto muito dela.</i></p> <p><b>Alocutivo (Sugestão):</b> — <i>A mim interessaria bem mais que o senhor gostasse do meu marido.</i></p>
Texto (09)	<p><b>Elocutivo (Recusa):</b> “<i>Não aceito pêsames de usurpador!</i>”</p>
Texto (10)	<p><b>Delocutivo (Constatação):</b> “<i>Os segredos de suas atitudes só são mencionados após o casamento, como a dizer que até esse momento ela era uma moça comum que, embora inteligente, era dada a futilidades. A mulher Nair só nasceu com o casamento. O livro é a constituição de um cenário para o artista principal, Hermes da Fonseca. Nair é mera atriz coadjuvante.</i>”</p>
Texto (11)	<p><b>Delocutivo sobremodalizado de Elocutivo (Opinião):</b> “<i>dos selvagens paraibanos, o melhorzinho era mesmo Epitácio.</i>”</p>
Texto (12)	<p><b>Modo Alocutivo (Autorização):</b> [...] <i>tendo consultado minha filha e a todos os demais de minha família sobre a pretensão de V. Sa., tenho a dizer que sendo do agrado de todos [...] aceito o seu pedido e</i></p> <p><b>(Sugestão):</b> <i>espero que nos dará hoje à noite a satisfação de vir tomar uma chávena de chá em nossa casa.</i></p>
Texto (13)	<p><b>Alocutivo (Julgamento positivo):</b> <i>Estou certa na felicidade de Sofia, que o destino lhe concedeu um homem de qualidades e caráter elevado, e que sabe compreender ou antes apreciar as qualidades que Sofia possui, pondo de parte a modéstia, e não é por ser mãe, reconheço que Sofia é uma menina muito boazinha e saberá compreender todos os deveres de uma boa esposa.</i></p>
Texto (14)	<p><b>Delocutivo sobremodalizado de Elocutivo (Opinião):</b> “<i>Il a le physique du rôle, du charme, et les plus beaux yeux du monde!</i>”</p>
Texto (15)	<p><b>Elocutivo (Declaração):</b> “<i>Sempre me pareceu estranho ouvir, anos mais tarde, dizerem que papai era de índole calma e serena, o homem que sabia esperar. Saber, ele o sabia, mas não gostava. Aprendeu a controlar seu temperamento impaciente, ardoroso, quase intempestivo, nas lides da própria experiência.</i>”</p>
Texto (16)	<p><b>Elocutivo (Constatação/Possibilidade):</b> “<i>Terminado o expediente, sai à tardinha para um encontro longamente desejado. Um homem no declínio da vida sente-se, num acontecimento destes, como banhado por um raio de sol, despertando energias novas e uma confiança maior para enfrentar o que está por vir. Será que o destino, pela mão de Deus, não me reservará um castigo pela ventura deste dia?</i>”</p>
Texto (17)	<p><b>Elocutivo (Apreciação):</b> “<i>luz balsâmica e compensadora dos meus dias atribulados [...] após os despachos, fui ao encontro de uma criatura que, de tempos a esta parte, está sendo todo o encanto da minha vida.</i>”</p>
Texto (18)	<p><b>Elocutivo (Saber):</b> <i>À tarde, novo encontro. Soube então que, por conversa telefônica transmitida a outra pessoa, comentavam-se no Rio os meus amores. Que o assunto fora tratado em casa do Osvaldo Aranha, que deveria vir aconselhar-me. Tenho dúvidas, à vista da leviandade do informante.</i></p>
Texto (19)	<p><b>Elocutivo (Constatação):</b> “<i>Fui ver a bem-amada. O regresso, só, causou desconfiança e uma crise doméstica.</i>”</p>
Texto (20)	<p><b>Alocutivo (Julgamento):</b> “<i>aqueles antros de perdição e pecado, Eurico!</i>”, <i>na visão de Santinha.</i></p>
Texto (21)	<p><b>Modo Delocutivo sobremodalizado de modo Elocutivo pela Opinião (Convicção):</b> “<i>Muita gente que não a conhece de perto se ilude com a Sara, por vê-la assim, tão miudinha, tão sorridente, ninguém imagina a fortaleza que ela é. Uma rocha.</i>”</p>
Texto (22)	<p><b>Modo Alocutivo: (Julgamento):</b> “<i>Seu pai poderia ter sido presidente [...], só não foi por causa da Nelita.</i>”</p>
Texto (23)	<p><b>Elocutivo (Apreciação Desfavorável):</b> “<i>Do José Pedroso eu só tenho medo de chifrada</i>”</p>
Texto (24)	<p><b>Modo Elocutivo (Constatação):</b> “<i>Minha vida é um inferno...</i>” <b>Opinião (Sobremodalizada pela Analogia):</b> “<i>aqui são os militares, em Portugal é a Sara!</i>”</p>

Texto (25)	<b>Delocutivo (Constatação) sobremodalizado de Alocutivo (Aviso):</b> “É a Sara!” [...] <b>Discurso Relatado Narrativizado:</b> “e aí se verificou que não era a Sara e então ele confessou a uma amiga que não tinha medo do Exército, nem do Lott, nem do Lacerda, que a única pessoa que metia medo nele era a Sara”.
Texto (26)	<b>Elocutivo (Declaração-Confissão):</b> “Eu jamais conhecera homem tão feio”, confessou Eloá.
Texto (27)	<b>Modo Elocutivo (Constatação/Apreciação Desfavorável):</b> “Esta é a dona Leonor, minha mãe. Está com câncer já adiantado, irreversível!”
Texto (28)	<b>Modo Alocutivo (Recusa):</b> “Indeferido. Encontre V. Sa outros meios. O local não existe para tais iniciativas. É favor não insistir.”
Texto (29)	<b>Modo Elocutivo sobremodalizado de Delocutivo (Constatação/Apreciação desfavorável):</b> “Aqui está minha mulher, Eloá, segurando o microfone, CAN-CERO-SA!”
Texto (30)	<b>Delocutivo (Constatação/Confirmação):</b> “O Jânio de hoje não é o mesmo Jânio de ontem. Ele, que foi o maior governador paulista, tinha ideias progressistas e até socialistas, hoje representa a extrema-direita. Ele nem tinha secretária. Batia seus discursos, levava uma flanela de casa para limpar o gabinete e tinha uma chave da porta da Câmara”.
Texto (31)	<b>Delocutivo (Constatação):</b> “Os janistas não votariam numa filha de Jânio que só brigava com ele, falava mal dele e fazia oposição a ele”, diz o neto de Quadros. “E os antijanistas não votariam nela simplesmente pelo fato de ela ser filha do Jânio”.
Texto (32)	<b>Modo Alocutivo (Aviso: Sobremodalizado pela Ironia):</b> “Você vai ser a primeira em tudo, vai ser sempre a primeira mulher [...], mas não vai me proibir de sair à noite.”
Texto (33)	<b>Delocutivo (Constatação/Confirmação):</b> “não houve uma vedete do Carlos Machado que o Jango não tivesse comido... sem contar a paixão pelo jogo, pelo turfe e pelo álcool”.
Texto (34)	<b>Elocutivo (Opinião-Suposição):</b> “Não sei se foi a solidão. Não sei se foi aquela casa cheia de portas cerradas. Não sei se eram aquelas mulheres ciumentas me cercando”.
Texto (35)	<b>Delocutivo (Constatação/Confirmação):</b> “desde que saiu da Escola Militar, Costa e Silva nunca mais leu um livro, nunca estudou nada”.
Texto (36)	<b>Modo Elocutivo (Constatação):</b> “a guria com quem vou me casar”
Texto (37)	<b>Modo Elocutivo (Opinião sobremodalizada pela Analogia):</b> “Mulher deveria ser como pasta de dente, daquelas que a gente usa em viagens internacionais. Quem não gosta pode jogar o tubo fora. Quem gosta pede outro.”
Texto (38)	<b>Alocutivo (Querer):</b> — Não quero você perto do poder. O poder é perigoso. <b>Sobremodalização do Elocutivo (Probabilidade):</b> Se souberem que você tem um caso com o presidente da República, os políticos e meus próprios amigos vão começar a te bajular para que você, na cama, consiga de mim as coisas que eles não conseguem no meu gabinete nem nas minhas churrascadas. <b>Elocutivo (Opinião):</b> — Meu paizinho, lá do céu, não deve estar gostando nada de eu ter essa vida adúltera. <b>Alocutivo (Sobremodalizado pelo Elocutivo Promessa):</b> Eu te prometi casamento, mas não posso, como militar, me separar da minha mulher para casar com outra. <b>Elocutivo (Possibilidade):</b> Podemos continuar namorando, mas nada de casamento. <b>Alocutivo (Injunção):</b> “Fique aí com seu paizinho”.
Texto (39)	<b>Alocutivo (Interpelação):</b> “brasileiras e brasileiros”.
Texto (40)	<b>Delocutivo (Constatação) sobremodalizado pelo Elocutivo (Opinião):</b> “O que Lilibeth tinha de cosmopolita e sofisticada, Rosane tinha de provinciana. Enquanto Lilibeth se sentia em casa na Riviera francesa, Rosane guardava na memória, como a sua mais venturosa viagem, um passeio de carro a Recife. O modo frequentemente violento de fazer política em Alagoas, que sempre causara estranheza em Lilibeth, era visto por Rosane com a naturalidade esperada de uma autêntica Malta de Canapi”.
Texto (41)	<b>Delocutivo (Constatação) sobre modalizado pelo Elocutivo (Opinião):</b> “Canapi, Inhapi e Mata Grande. Encravados no alto sertão alagoano, onde a seca só não mata mais que bala de revólver, esses três municípios são dominados há décadas pelos Malta. No interior das Alagoas não existem dessas modernidades do Brasil pós-Revolução de 30. Lá ainda se vive como na República Velha, o voto é controlado um a um pelo chefe político, e a honra dos machos, defendida a tiro. Mata-se por absolutamente qualquer coisa, a linguagem é a da violência, e os hábitos, absolutamente primitivos. A política é feita na base do favor, e o dinheiro público, tratado como propriedade privada dos donos do poder”.
Texto (42)	<b>Delocutivo (Constatação):</b> “Quanto mais Collor crescia, mais o PT enlouquecia. O programa eleitoral de Lula foi aumentando o tom e partiu, desvairado, para a ridicularização e a agressão pessoal”

	<b>Elocutivo (Opinião):</b> <i>“Parte da assessoria de Collor, como eu, achava que não precisava radicalizar e usar as entrevistas da Miriam. Outros, que não se podia deixar de dar o troco aos ataques do PT, que cada dia ficavam mais violentos. De toda parte chegavam reclamações de que o programa de Collor estava frio, tímido, medroso, não respondia à altura ao programa de Lula”.</i>
Texto (43)	<b>Modo Elocutivo (Declaração/Afirmação obremodalizada pelo Juízo de Valor no Domínio do Ético – Justiça):</b> <i>“Não nasci com medo de assombração, não tenho medo de cara feia. Isso o meu pai já me dizia desde pequeno, que havia nascido com aquilo roxo, e tenho mesmo, para enfrentar todos aqueles que querem conspirar contra o processo democrático.”</i>
Texto (44)	<b>Alocutivo (Julgamento):</b> — <i>Está querendo dar uma de nordestino macho, (Interpelação) Quinho? Mas você é carioca!</i>
Texto (45)	<b>Elocutivo (Declaração):</b> <i>Como primeira-dama, eu mal ficava sozinha para ir ao banheiro. Seguranças me acompanhavam o tempo todo. Além disso, eles tinham um livro onde anotavam tudo o que eu fazia para poder passar o serviço ao colega, na troca de turno. Ali ficava registrado a que horas eu saí para caminhar, quem me acompanhou, quando eu voltei, enfim... tudo. E Fernando poderia ter acesso a esse caderno se quisesse.</i>
Texto (46)	<b>Elocutivo (Recusa sobremodalizada de Delocutivo):</b> — <i>Na minha família não há mulheres separadas: só solteiras ou viúvas.</i>
Texto (47)	<b>Delocutivo (Constatação):</b> <i>“Em determinado instante ele é calmo como um lago suíço e, no seguinte, tem uma explosão de raiva”.</i>
Texto (48)	<b>Discurso Relatado Narrativizado:</b> <i>Collor, segundo Rosane, era extremamente supersticioso e Delocutivo (Constatação) “adora qualquer tipo de mandinga”.</i>
Texto (49)	<b>Delocutivo (Confirmação) e Discurso Relatado Narrativizado:</b> <i>Matilde, confirma que ele foi o “queridinho da mamãe”.</i>
Texto (50)	<b>Alocutivo (Injunção):</b> <i>“Não me chame de tia”.</i>
Texto (51)	<b>Delocutivo (Constatação/Apreciação):</b> <i>“Dilma foi a primeira a agredir uma mulher gentil, suave, e também por isso tratada com respeito até por ferozes inimigos do marido”. Pegaram pesado e Ruth sentiu o baque, logo ela que sempre teve o cuidado de separar o privado do público, até mesmo no aluguel de filmes exibidos no palácio. O dossiê teria sido preparado pela secretária executiva da Casa Civil, Erenice Guerra. As reações contra o dossiê foram imediatas e a chefe da Casa Civil se desculpou, voltou atrás. Ruth, elegantemente, ainda que magoadíssima, Discurso Relatado Narrativizado (Aceitação): aceitou as desculpas, porém o círculo íntimo sabe quanto isso a feriu e atingiu um coração já afetado.</i>
Texto (52)	<b>Modo Elocutivo (Constatação):</b> <i>“Nessa época, a Marisa apareceu no sindicato. Ela foi procurar um atestado de dependência econômica para internar o irmão. Eu tinha dito ao Luisinho, que trabalhava comigo no sindicato, que me avisasse sempre que aparecesse uma viúva bonitinha. Quando a Marisa apareceu, ele foi me chamar.”</i>
Texto (53)	<b>Alocutivo (Querer):</b> — <i>Eu quero que se dane, cansei de avisar para ele!</i>
Texto (54)	<b>Modo Elocutivo (Constatação):</b> <i>“Minha mãe nasceu analfabeta.”</i>
Texto (55)	<b>Modo Delocutivo (Obrigação):</b> <i>“Uma mulher não pode ser submissa ao homem por causa de um prato de comida. Tem que ser submissa porque gosta dele.”</i>
Texto (56)	<b>Modo Alocutivo:</b> <i>“Marina, &lt;(Interpelação) Sobremodalização pela Analogia: essa coisa de meio ambiente é igual a um exame de próstata. Não dá para ficar virgem toda a vida. Uma hora eles vão ter que enfiar o dedo no cu da gente &lt;(Aviso). Companheira, &lt;(Interpelação) se é para enfiar, é melhor enfiar logo &lt;(Sugestão).”</i>
Texto (57)	<b>Delocutivo (Apreciação desfavorável/Constatação):</b> <i>“superguerrilheira enérgica, voluntariosa, onisciente, nascida para comandar e conduzir, que distribuía ordens e pitos entre marmanjos de alta periculosidade empenhados em derrubar a ditadura militar a bala”.</i>
Texto (58)	<b>Delocutivo (Constatação):</b> <i>“Manipulava grandes quantias da VARPalmares. [...] Verifica-se ser uma das molas-mestras e um dos cérebros dos esquemas revolucionários. Trata-se de uma pessoa de dotação intelectual bastante apreciável”.</i>
Texto (59)	<b>Modo Elocutivo (Declaração/Confissão):</b> <i>“Sabe que teve uma época em que eu falei uma coisa que eu achava que era verdade e não era. Era mentira o que eu tinha contado e aí depois eu descobri que era mentira. [...]”</i>
Texto (60)	<b>Elocutivo (Declaração):</b> <i>Dizer que tinha sido torturada era uma mentira “quase” doméstica, que eu comecei a contar algum tempo depois da prisão, uma patifaria que eu cometia posando de heroína,</i>

	<i>primeiro, para alguns amigos, depois para meus filhos. Era sempre aquela coisa vaga sobre ser “torturada”, sem esclarecer demais, nem pesar muito nas tintas, apenas colhendo os louros do vitimismo.</i>
Texto (61)	<b>Delocutivo (Constatação):</b> “É tarefa praticamente impossível encontrar algum integrante do governo que aceite falar sobre o temperamento da chefe e contar histórias que tracem o perfil de Dilma sem pedir reserva na publicação do nome”.
Texto (62)	<b>Delocutivo (Apreciação desfavorável):</b> <i>Dilma maltrata qualquer pessoa em situação de inferioridade, não tem um comportamento civilizado. São situações constrangedoras que se repetem com motorista, secretária, telefonistas, assessores e ministros. Rasga papel em mil pedaços e joga para cima como confete; atira coisas no chão; grita colericamente. Reage muito mal a qualquer notícia que não seja boa.</i>
Texto (63)	<b>Elocutivo (Opinião):</b> “A primeira característica com a qual me deparei ao trabalhar com Dilma é que ela é desorganizada [...] Ela se enrola nela própria, e isso se estende para o dia a dia do trabalho no governo”.
Texto (64)	<b>Delocutivo (Apreciação):</b> “A Dilma não é nenhuma nordestina, é uma mulher bem formada”.
Texto (65)	<b>Modo Elocutivo (Opinião/Suposição):</b> “A única área que eu acho que vai exigir muita atenção nossa, e aí eu já aventei a hipótese de até criar um ministério, é na área de... na área... eu diria assim, como uma espécie de analogia com o que acontece na área agrícola”.
Texto (66)	<b>Modo Delocutivo (Constatação Sobremodalizada pela Réplica Direta):</b> “Lula não vai voltar porque ele não foi; ele não saiu”.
Texto (67)	<b>Modo Delocutivo (Evidência):</b> “O meio ambiente é, sem dúvida nenhuma, uma ameaça ao desenvolvimento sustentável, e isso significa que é uma ameaça pro futuro do nosso planeta e do nosso país”.
Texto (68)	<b>Modo Alocutivo (Sobremodalização pela Réplica Direta):</b> “Aí cê fala o seguinte (Sugestão): ‘Mas cês acabaram isso?’ Vou te falar: não, tá em andamento. Tem obras que vai durar pra depois de 2010 (Aviso). Agora, por isso, nós já não desenhamos, não começamos a fazer projeto do que nós podêmo fazê? Onze, doze, treze, catorze... Por que é que não?” (Interrogação)
Texto (69)	<b>Modo Alocutivo (Sugestão):</b> “Eu vi. Você, veja...” <b>Modo Elocutivo (Opinião/Suposição):</b> “Eu já vi, parei de ver. Voltei a ver, e acho que o Neymar e o Ganso têm essa capacidade de fazer a gente olhar”.
Texto (70)	<b>Modo Elocutivo (Opinião/Suposição sobremodalizada pela Réplica Direta):</b> “Não acho que quem ganhá ou quem perdê, nem quem ganhá nem quem perdê, vai ganhá ou vai perdê.” <b>Modo Delocutivo (Constatação):</b> “Vai todo mundo perdê.”
Texto (71)	<b>Modo Elocutivo (Constatação sobremodalizada pelo Deslocamento):</b> “Se hoje é o Dia das Crianças, ontem eu disse que criança... o dia da criança é dia da mãe, do pai e das professoras, mas também é o dia dos animais. Sempre que você olha uma criança, há sempre uma figura oculta, que é um cachorro atrás, o que é algo muito importante.”
Texto (72)	<b>Modo Elocutivo: Opinião (Convicção): Sobremodalização pela Réplica Direta:</b> “Eu sempre acho que mulher é muito importante ser ponderada. Então, a minha resposta é genérica. Eu acredito que as mulheres elas crescentemente vão... bom, se nós somos parte do céu como dizem os chineses, agora deu, nós queremos ser metade do céu, segundo os chineses. (Deslocamento) Deu para eles, nós queremos ser é metade do mundo mesmo e, aí, isso se expressa também em presidentes ou presidentas, tá? <b>Injunção:</b> “E não sejam preconceituosos contra as mulheres.”
Texto (73)	<b>Modo Elocutivo: Sobremodalização pelo Juízo de Valor (Domínio do Ético – Honestidade)</b> “Eu quero (Querem) adentrar pela questão da inflação e dizer a vocês que a inflação foi uma conquista (Constatação; Sobremodalização do Delocutivo) desses dez últimos anos do governo do presidente Lula e do meu governo.”
Texto (74)	<b>Modo Elocutivo: Opinião (Suposição): Sobremodalização pelo Juízo de Valor (Domínio do Ético – Honestidade):</b> “Nosso país também precisa de ter um compromisso com aqueles que desviam dinheiro público.”
Texto (75)	<b>Delocutivo (Aceitação):</b> — <i>No país que ostenta incríveis 26 assassinatos a cada 100 mil habitantes, que arquiva mais de 80% de inquéritos de homicídio e sofre de violência endêmica, a atitude dos vingadores é até compreensível. O Estado é omissivo, a polícia é desmoralizada, a Justiça é falha. O que resta ao cidadão de bem que, ainda por cima, foi desarmado? Se defender, é claro.</i>
Texto (76)	<b>Modo Elocutivo: Constatação: Sobremodalização pela Analogia:</b> “Essa bola é o símbolo da nossa evolução, quando nós criamos uma bola dessas, nos transformamos em Homo sapiens ou mulheres

	<i>sapiens.</i> ”
Texto (77)	<b>Modo Alocutivo: Proposta/Sugestão: Sobremodalização pelo Juízo de Valor (Domínio do Ético – Disciplina):</b> “ <i>Não vamos colocar uma meta. Vamos deixar a meta aberta. Quando a gente atingir a meta, nós dobramos a meta.</i> ”
Texto (78)	<b>Discurso Relatado Citado:</b> <i>falou sobre a necessidade de uma “tecnologia para estocar vento”,</i> <b>Discurso Relatado Narrativizado:</b> <i>dando a deixa para milhares retrucarem que ela já o fazia dentro da própria cabeça.</i>